

OSNEY MARCOS CARDOSO

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
OU TÉCNICO DESPORTIVO ...
QUEM VALE MAIS ?



OSNEY MARCOS CARDOSO

**PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
OU TÉCNICO DESPORTIVO ...
QUEM VALE MAIS ?**

Dissertação apresentada a Faculdade de Filosofia e Ciências
da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, para
a obtenção do título de Mestre em Educação, com Área de
Concentração em Ensino na Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. José Misael Ferreira do Vale



1410001007



Marília
2000

OSNEY MARCOS CARDOSO

DADOS CURRICULARES OSNEY MARCOS CARDOSO

NASCIMENTO	17.6.1962 – Porto União/SC
FILIAÇÃO	Albano Cardoso Elfi Früchting Cardoso
1981/1984	Curso de Graduação em Educação Física Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR
1993/1994	Curso de Especialização “Lato Sensu” em Educação Física Escolar, na Universidade Gama Filho – RJ.
1985/1994	Professor de Educação Física de Ensino Fundamental e Médio na Rede Estadual de Ensino do Paraná.
1985/1994	Professor de Educação Física de Educação Infantil, Fundamental e Médio da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina.
1995/2000	Professor de Educação Física de Ensino Médio no Centro Federal de Educação Tecnológica, Unidade de Pato Branco.

As três mulheres que dão sentido a
minha vida;

Minha MÃE, que mais do que me
conceber, me ensinou a importância e
o gosto pela leitura, sendo ainda o
“porto seguro” pelo qual naveguei em
grande parte da minha vida;

Minha ESPOSA, quem me resgatou
para a felicidade e que mais do que a
mulher amada, tem sido as “águas
límpidas” por onde deslizo
suavemente;

Minha FILHA, que desde o seu
nascimento, tem me mostrado a
eternidade das cores do arco-íris,
sendo minha bússola na caminhada
em busca da felicidade

A essas três mulheres, que
cada uma a seu modo me
compreendem e me fazem
feliz dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Seriam necessários muitos agradecimentos, para que eu pudesse ser justo e agradecer a todos àqueles que das mais diversas formas colaboraram para que este trabalho chegasse ao seu final.

Certamente ocorreriam lapsos de memória e qualquer tentativa de elaborar uma lista com o nome das pessoas que me auxiliaram, incorreria em falhas que eu lamentaria profundamente.

Então espero que as características descritas a seguir, permitam que as pessoas se identifiquem em cada grupo e recebam o meu eterno agradecimento.

Aos que me emprestaram o seu tempo, para que nos debates procurasse o esclarecimento necessário às minhas dúvidas;

aos que corajosamente me expuseram suas idéias;

aos que mesmo sentindo a minha distância, mais do que me compreenderem, me apoiaram e me aguardaram pacientemente;

aos que torceram por mim;

aos que ao me criticarem, possibilitaram que eu revisse minhas idéias e as aperfeiçoasse;

aos que compartilharam comigo do ambiente do mestrado: alunos, professores e funcionários;

aos que me orientaram academicamente;

aos que mesmo sem perceber, me ajudaram imensamente;

aos que acompanharam de perto minhas alegrias, dúvidas e dificuldades em todos os ambientes em que convivi durante esse tempo do mestrado;

aos que me deram “presentes” e assim me propiciaram acessar materiais que facilitaram o meu trabalho;

a pequena Gabriele, que um dia, após uma “briga” causada pelo meu cansaço ameaçou: “Pai, se você gritar comigo, eu te deixo de castigo e tiro o computador do quarto”.

E especialmente a DEUS, que vive em cada uma e em todas as pessoas com quem convivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1.1 - Ponto de Partida, o Problema, as Finalidades do Estudo.....	8
1.2 - Os Valores Implícitos na Questão.....	16
1.3 - Os Objetivos Buscados no Trabalho	24
1.4 - As Questões Norteadoras.....	26
2. - DO CAMINHO PERCORRIDO NA PESQUISA	27
2.1 - Da forma e o conteúdo	27
2.2 - Da “voz”, ou a fala do praticante.....	29
2.3 - Dos sujeitos da prática.....	29
2.4 - Das entrevistas realizadas.....	30
2.5 - Da análise das entrevistas.....	32
2.6 - Do local.....	37
2.7 - Da Escola Pública.....	38
CAPÍTULO I.....	42
3 - EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES	42
3.1 - O Surgimento da Educação Física Escolar no Brasil	42
3.2 - Tendências da Educação Física: Considerações Necessárias.....	46
3.3 - Educação e Cidadania	54
3.4 - Educação e Educação Física na Escola... Para Quê ?	67
3.5 - O Esporte na Escola e sua Função	83
3.6 - Perspectivas da Utilização do Esporte.....	86
3.7 - A Hegemonia do Esporte como Conteúdo da Educação Física.....	93
3.8 - Professor de Educação Física X Técnico Desportivo - Distanciamentos e Proximidades.....	101
CAPÍTULO II.....	108
4 - O QUE PENSAM OS “ATORES” ENVOLVIDOS NO PROCESSO EDUCATIVO	108
4.1 - Da Escolha da Profissão – Motivos e Frustrações	108
4.2 - O Que Buscam os Profissionais de Educação Física.....	115
4.4 - Como a Direção das Escolas Vê a Educação Física e seus Profissionais.....	143
4.5 - Como é o Cotidiano dos Profissionais de Educação Física	157
4.6 - Aulas de Educação Física: Que Estrutura a Escola Oferece.....	187
4.7 - Como se Estruturam os Cursos de Educação Física.....	189
CONCLUINDO PROVISORIAMENTE... ..	202
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	214
RESUMO.....	224
ABSTRACT.....	226



INTRODUÇÃO

A elaboração deste trabalho, não tem sido para nós, mero cumprimento de formalidade acadêmica na busca de titulação, no sentido mais restrito do termo. Ao contrário, a cada nova leitura que realizamos do texto (e são inúmeras releituras), vemos, com satisfação, que ele tem impresso a nossa marca, ele é parte do nosso pensamento. Na verdade, este trabalho é parte de um dilema que vivemos em nossa profissão. Ele revela nossa inquietação, em relação à significação que tem para a nossa sociedade, principalmente no âmbito da escola pública, o trabalho do profissional de Educação Física, atuando ora como professor, ora como técnico desportivo.

Temos vivido esta dúvida, por longos anos da nossa vida, dentro e fora do ambiente de trabalho. Discutimo-la com colegas de profissão, buscamos entendimento para a questão em leituras, na participação em congressos e seminários. Tentamos perceber nas respostas dadas por alunos e atletas, tanto dentro das aulas e treinamentos, como em conversas informais. Ansiamos esta compreensão como uma possibilidade, um passo dado numa direção que nos permita poder intervir, buscando uma modificação no quadro atual, que tem colocado cada vez mais a Educação Física escolar como mera atividade dentro da escola, desprovida de qualquer valor educativo e o esporte, caracterizado como excludente, atua apenas como fator de reforço dos valores vigentes nesta sociedade, exacerbando a competitividade desmedida somente na busca da vitória. Como diz Silva “sendo a competição fator fundamental para a manutenção do sistema capitalista, nada mais óbvio que a constatação de que o esporte, assim

como a economia, funciona como um ótimo suporte para o prolongamento da luta pelo prestígio, pela ‘vitória’ individual” (1985, p.43-4). Dentro desta concepção fica também o esporte desprovido de valores educativos.

Destacamos que a realização deste estudo se constituiu para nós tarefa única, ultrapassando o grau de obrigatoriedade, no objetivo de produzir uma dissertação, para conclusão do mestrado. Todos os momentos, todas as dúvidas e dificuldade enfrentadas, desde a escolha do tema, até como e aonde realizar o estudo, foram tarefas por demais gratificantes e enriquecedoras, tanto profissionalmente como pessoalmente.

A elaboração deste trabalho foi até mesmo uma forma de desfazer a chamada síndrome “interiorana”, em que, por viver longe dos grandes centros acadêmicos (apesar de termos realizado já alguns trabalhos de pesquisa anteriormente), tem-se a falsa idéia de que a pesquisa é uma arte (e ela é) restrita a poucos e competentes professores, na maioria das vezes professores universitários. Possuímos entretanto o discernimento de reconhecer determinadas limitações a nível de pesquisa, as quais procuramos constantemente neste estudo superá-las, mas sabemos que apenas começamos uma jornada, que esperamos que cresça produtivamente, já que “... a pesquisa é um campo dinâmico para onde se movem os pesquisadores de acordo com suas necessidades e limitações, a cada etapa do trabalho científico” (Betti, 1994, p.99). Não pretendemos que esta dissertação fique apenas na estante de uma ou duas instituições de ensino e que seja lida apenas por algumas pessoas por mera obrigação. Queremos levá-la para discussão com outros profissionais da área de Educação Física e mesmo de outras

áreas, para que ela seja questionada, criticada e aperfeiçoada se preciso, mas que se cumpra seu papel determinante de auxiliar na busca da transformação da sociedade, objetivando a melhoria na qualidade de vida da população e não apenas para um grupo seleto de pessoas “poderosas”.

1.1 – Ponto de Partida, o Problema, as Finalidades do Estudo

O mundo da Educação Física está inserido em nossa vida, desde muito cedo de forma marcante. Pois vivemos até os treze anos de idade a situação de aluno dispensado da prática da Educação Física por motivos médicos. Vivíamos a contradição de ser fora da escola, uma criança normal que jogava bola, nadava, corria e brincava e, dentro da escola, pela não aceitação dos professores de Educação Física da época, de cumprirmos as atividades parcialmente, evitando apenas determinados tipos de atividade: éramos excluídos. Enfrentávamos assim, a cansativa rotina de, nos horários das aulas de Educação Física, perambula pelos corredores da escola ou submetermos-nos a elaboração de desmotivantes relatórios das atividades dadas em aula. Esses relatórios jamais voltaram às nossas mãos e possivelmente nunca foram lidos pelos professores.

Aos treze anos de idade, de aluno excluído começamos a trajetória de atleta de basquetebol, onde convivíamos com situações, que na época considerávamos normal, mas que hoje, após uma maior experiência de vida consideramo-las caóticas. Tivemos a oportunidade (se isto é realmente uma

oportunidade) de jogar com documentos adulterados¹, competindo com idade superior à permitida pelo regulamento da competição, ajudando com isto a equipe e o técnico (principalmente) a conseguir honrosas classificações nas competições em que participávamos. Também por morarmos em uma cidade que faz fronteira entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, constantemente fomos chamados por técnicos para disputar competições colegiais, representando estabelecimentos de Ensino os quais nunca freqüentamos e onde era mantida apenas uma matrícula “fria”, para que pudéssemos participar nas competições². Essas “falcattruas” realizadas por alguns técnicos e consideradas normais pelos atletas, fez com que em determinado momento, recusássemos uma convocação para defender a Seleção do Estado em um campeonato brasileiro, por não ser aluno regular e por orientação do técnico.

Na hora de nos decidirmos por uma carreira universitária, deixamos de lado a intenção de nos realizarmos como veterinário, a qual desde pequeno desejávamos. Fortemente influenciado pelo fato de sermos jogador de basquetebol, optamos por buscar a graduação em Educação Física. Pretendíamos nesse curso conseguir o “passaporte” para sermos um grande técnico de basquetebol. Esta intenção nos remete ao pensamento de Bracht, que diz que,

Os professores não operam a diferenciação dos papéis de treinador e professor, em parte, porque a própria Educação Física não tendo autonomia ou uma identidade pedagógica, não oferece um referencial, um conjunto fundamentado e institucionalizado de

¹ O próprio técnico se encarregava de fazer a alteração, ora falsificando a certidão de nascimento, ora fazendo com que jogássemos com identidade de outra pessoa. Neste segundo caso tínhamos que estudar os dados da carteira de identidade, para em caso de sermos chamados por alguém da organização dos jogos, para responder algumas perguntas não cair em contradição.

² As fichas de inscrição eram assinadas pela Direção destes estabelecimentos de ensino, o que significa que ou o diretor sabia dos fatos, ou no mínimo era omissos confiando em pessoas, de uma dignidade discutível.

expectativas de comportamento. Isto é, a própria definição do papel do professor de Educação Física inexistente. Esta falta de referenciais é fator de perpetuação da indiferenciação destes papéis (1992, p.23).

Após licenciado em Educação Física, tivemos que passar a trabalhar com aulas de Educação Física para completar o orçamento, pois o que ganhava como técnico era insuficiente. Não que não gostássemos de ministrar aulas de Educação Física, era uma atividade prazerosa, mas a realização pessoal, o momento da satisfação se dava nas quadras, durante o treinamento e principalmente na competição. A vitória era sempre o objetivo, superar a equipe de um antigo técnico era superá-lo pessoalmente, era tornar-se melhor do que ele. É claro que esta linha de raciocínio era profundamente desgastante, pois da mesma forma, um resultado negativo, uma derrota para outra equipe significava um atestado de incompetência, uma diminuição da capacidade pessoal como técnico e como ser humano.

Porém, o *desgaste* com a competição e o desenvolvimento de uma nova visão da sociedade nos fizeram repensar nossos valores. Já não pensamos no técnico como a pessoa competente e o professor de Educação Física (que não exerce a função de técnico em equipes de rendimento) como alguém de baixa capacidade. Começa uma nova jornada que duvida dos valores vigentes, que questiona a valorização de técnicos que construíram grande parte de sua trajetória vitoriosa em cima de “roubalheiras” e “ilegalidades” e que, mesmo assim, são considerados “grandes” técnicos, gozando de enorme prestígio em suas comunidades, sendo constantemente convidados a dirigirem seleções estaduais em competições nacionais, recebem a cada final de temporada troféus da imprensa,

como melhor técnico do ano, destaque estadual, etc. São ainda por esta mesma imprensa, motivo de várias reportagens.

Esses fatores, aliados à descoberta do prazer de uma atividade recreativa, onde a vitória ou a derrota sejam somente uma parte do jogo, e não uma prova da capacidade, fez com que começássemos mudar a prática pedagógica. Buscamos, assim, uma maior valorização da disciplina de Educação Física, passando a considerá-la de extrema importância e descobrimos que ela tem muito para ensinar dentro da escola e que estes ensinamentos vão fazer com que as pessoas vivam melhor. Para isto se faz necessário conhecer a forma pela qual a Educação Física foi introduzida na escola, quais foram os objetivos desta escola e da Educação Física em cada momento da história deste país e como ela foi sendo deixada de lado pela escola e passou a servir apenas a pequenas minorias. Constatamos que a Educação Física pode ser uma grande fonte de melhoria da qualidade de vida de toda a população.

Entendemos também, que para a Educação Física se tornar realmente educativa é necessário um redirecionamento da forma de atuação dos professores desta disciplina em sala de aula. É preciso que se passe de uma simples atividade prática, para uma práxis, que por ser questionadora, possa a vir a ser transformadora, pois “se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade” (Libâneo, 1990, p.39). É preciso que os professores busquem as condições materiais necessárias para que se desenvolva um bom trabalho, mas é preciso paralelamente fazer um bom trabalho dentro das condições existentes, para buscar um

reconhecimento por parte da sociedade, como é preciso mudar os valores encetados pela sociedade para que esta reconheça o valor da Educação Física. “O pensamento dialético está aí, e nos coloca as contradições como fundamentais para um processo de avanços e mudanças, e conseqüentes transformações da realidade” (Godoy, 1995, p.31).

Assim, no momento da elaboração do projeto de pesquisa, as idéias foram se alterando e tivemos até a intenção de realizar um projeto referente a área de lazer associada ao turismo, até mesmo em função de ser um campo de trabalho que cresce de forma avassaladora na atualidade.

Porém, a escola já era o ponto de referência em nossa vida profissional, e uma grande preocupação que nos assolava há vários anos, tornou-se a questão central do trabalho científico, ou seja, nós professores de Educação Física, só passamos a gozar de um reconhecimento maior, em nosso trabalho, a partir do momento em que estamos à frente do cargo de técnico em uma equipe esportiva e quando os resultados (a vitória, os títulos, as classificações) começam a ocorrer? Caso contrário, somos tachados de meros “professorzinhos”, que escolheram este curso por não ter capacidade de buscar coisa melhor?

Este trabalho não tem como objetivo a abertura de uma frente de oposição ao esporte dentro da escola. Questionamos apenas o *tratamento* que tem sido dado ao esporte, retirando dele grande parte de seus reais objetivos e colocando-o a serviço de um projeto das elites, que o transforma em simples produto de consumo, onde técnicos e atletas são produtos perecíveis com curto prazo de validade. É preciso redimensionar o esporte dentro da escola para que ele

possa vir a ser um meio valioso de educação da população. Para que esta população, quando detentora de uma educação realmente de qualidade, venha a transformar os paradigmas sobre os quais se apóia o esporte de rendimento. “A Educação, portanto não transforma de modo direto e imediato e sim de modo indireto e mediato, isto é, agindo sobre os sujeitos da prática” (Saviani, 1983, p.75).

Aproveitando a enorme contribuição que o saber acumulado sobre o tema pode dar na busca de novas respostas a novos questionamentos, debruçamo-nos sobre a literatura da área para buscar aprofundamento nas questões teóricas referentes à Educação Física e aos esportes. Buscamos também na área da Educação, com o auxílio da Sociologia, da Filosofia, da Antropologia e de outras ciências responder as nossas inquietações. Precisávamos conhecer como se deu o surgimento da Educação Física escolar no Brasil. Quais foram as tendências que estiveram presentes no desenvolvimento da Educação Física? Quais são os objetivos da Educação e da Educação Física na Escola? Com se dá a relação entre cidadania e Educação? Qual a função do esporte dentro da escola? Quais as perspectivas de utilização do esporte? Como o esporte se tornou o conteúdo hegemônico da Educação Física? E qual a relação que se estabelece entre o professor de Educação Física e o técnico desportivo?

Percebemos até com certa satisfação que muitas das situações descritas, tínhamos vivido na prática. Assim em determinados momentos, nos vimos quase que lendo um romance, e sentindo-nos na pele do próprio personagem. Não nos esquecemos entretanto de que estas leituras tinham uma

finalidade acadêmica e que não era possível perder-nos em devaneios literários, colocando em risco a pertinência do estudo.

Entretanto, sentimos que era fundamental buscar as impressões sobre o assunto de quem vivia o dia-a-dia nas escolas, e que nas suas falas revelaria a realidade sem retoques, sem a oportunidade de “maquiar” as situações. Assim fomos buscar a “verdade” dos professores de Educação Física e dos técnicos desportivos que estão atuando nas escolas. Tentamos também captar a visão das direções das escolas que são parte integrantes do processo, e que dentro da escola pública são pessoas que detêm grande poder de decisão. Assim, a sua concepção sobre uma disciplina ou área de estudo pode influenciar substancialmente sobre em quais condições vai se processar o trabalho. Por esta razão, era necessário verificar como os diretores vêem a Educação Física e seus profissionais.

As constantes críticas feitas ao trabalho docente, mesmo que tenham seu fundamento, acabam não considerando o contexto em que está inserido o profissional, culpando-o sozinho por uma falha que é de todo o sistema. Para Sacristán,

Quando se responsabiliza os professores, por aquilo que acontece nas aulas, esquece-se a realidade do contexto de trabalho. As regras a que a realidade do ‘posto de trabalho’ do professor se submete encontram-se bem definidas antes dele começar a desempenhar ‘muito pessoalmente’ o papel preestabelecido (1991, p.72).

Assim em muitas ocasiões, pessoas que têm uma postura contrária à sociedade que está posta, acabam quase que ingenuamente incorporando o discurso neoliberal de culpabilização das vítimas.

Para tentar elucidar este contexto, foi necessário buscarmos os motivos que levam à escolha da profissão de Educação Física. O que buscam estes profissionais? Como estes profissionais vêem sua profissão e como se estruturam os cursos de Educação Física? Por que os profissionais que atuam na área de Educação Física, são considerados isoladamente, em muitos casos, os “vilões” da história? Desconsidera-se a qualidade de seus cursos de graduação, a maneira como foram inseridos no mercado de trabalho e que a luta cotidiana do trabalhador ocorre mais pela sobrevivência do que pela dignidade e respeitabilidade do seu trabalho. Não queremos, com isto, isentar o profissional de toda a culpa, queremos apenas destinar a ele a sua real parcela de responsabilidade e dar subsídios para que estes profissionais possam refletir a sua prática buscando a melhoria da mesma. Os professores se encontram no momento em uma situação difícil, são responsabilizados por todas as mazelas da educação e não encontram os meios necessários para alterar este quadro. Esteves ressalta que,

...factores contextuais geram um sentimento de desajustamento e de impotência. Trata-se dos fenômenos sociais que influenciam a imagem que o professor tem de si próprio e do seu trabalho profissional, provocando a emergência de uma crise de identidade que pode levar a autodepreciação pessoal e profissional (1991, p.99).

Partilhamos do pensamento de que a educação ao mesmo tempo em que atua sobre a sociedade é também influenciada por ela. Compreendemos as limitações da educação para que ocorram as esperadas transformações. Desta forma, mesmo sem se acomodar é preciso dar tempo para que as modificações ocorram e que mesmo apontando as falhas não se despreze todo um caminho percorrido pela Educação Física até o momento atual, pois “... gostemos ou não

deste mundo ao qual pertencemos, por ele somos coletiva e historicamente responsáveis” (Carvalho, 1996, p.37).

Ainda é necessário desvelar como é o cotidiano dos profissionais de Educação Física. Qual a estrutura que as escolas oferecem para que ocorram as aulas de Educação Física?

Começamos a perceber que, a cada passo que o trabalho avançava, as dúvidas se multiplicavam e novos questionamentos iam surgindo. Mesmo assim, ao longo do trabalho muitas questões foram respondidas, outras ficam para serem respondidas em um próximo momento, dentro de um novo estudo e, para algumas, talvez as respostas nunca sejam encontradas. Mas, reconhecer ser a sociedade histórica e socialmente produzida pelos atores nela envolvidos, é fundamental para que sejamos envolvidos numa perspectiva que se evidencia na possibilidade de mudanças, e talvez nestas transformações estejam muitas das respostas que não são possíveis de serem dadas neste momento histórico desta sociedade.

1.2 - Os Valores Implícitos na Questão

Professor de Educação Física ou Técnico Desportivo ... quem vale mais? Quando nos propomos a estudar essa questão, que gira em torno do “valor”, somos obrigatoriamente remetidos à questões relevantes. Assim em que medida a Educação Física escolar e o Esporte são importantes dentro da nossa Sociedade? Quais são os valores inseridos nestas práticas que são legitimados ou

não na Sociedade contemporânea? Transformar a Sociedade ou adaptar o ser humano a ela, afinal de quais valores estamos falando?

A preocupação com os valores é tão antiga como a humanidade. Os filósofos gregos já trabalhavam com categorias axiológicas, entretanto não o faziam de forma sistematizada. Não havia ainda a preocupação com a sistematização de categorias. Somente a partir da segunda metade do século XIX, surge uma disciplina específica, a Teoria dos Valores ou Axiologia (do grego axios, “valor”). “A axiologia não se ocupa dos seres, mas das relações que se estabelecem entre os seres e o sujeito que os aprecia” (Aranha & Martins, 1995, p.273).

De acordo com Silva, entende-se por “categoria axiológica:

A forma de ser dos valores, a manifestação dos valores, conforme o poder de captação e tratamento que se pode ter deles, no desenvolvimento das experiências existenciais ou históricas, individuais ou coletivas. Ou ainda ‘categoria axiológica’ refere-se ao valor enquanto algo significativo, necessariamente presente à vida humana, ao mesmo tempo determinante e determinado pelo processo humano de existir (1986, p.27).

Dessa maneira, os valores se estabelecem a partir da existência da não-indiferença ao nos relacionarmos com outros seres. Assim, “... consideramos os valores como qualidades ou significações que denotam que os seres que fazem parte do complexo processo de nossa existência individual e social não nos são indiferentes” (Silva, 1986, p.20). Em outras palavras;

Diante dos seres (sejam eles coisas inertes, ou seres vivos, ou idéias etc.) somos mobilizados pela afetividade, somos afetados de alguma forma por eles, porque nos atraem ou nos provocam repulsa. Portanto, algo possui valor quando não permite que permaneçamos indiferente (Aranha & Martins, 1995, p.273).

Para que exista a relação de valor é necessário que exista o sujeito que valora, “valor e valoração são vistos como fatores recíprocos, interdependentes, dialéticamente relacionados” (Silva, 1986, p.128). O valor é aquilo que determina um maior interesse, é para o indivíduo mais valioso, e a valoração se dá em razão das necessidades pessoais ou sociais. Um juízo de valor se estabelece quando o ser humano após analisar, refletir e julgar a ação humana, considera-a adequada ou inadequada e faz a sua opção por “A” ou “B”. A preterição ou a preferência se faz de acordo com as necessidades. Estas são fatores preponderantes que colocam valor em determinado objeto ou situação. Isto se dá a partir da vivência pessoal de cada indivíduo.

De outro lado, a reação do sujeito não é exclusivamente pessoal. O indivíduo pertence a uma época e, como ser social, se insere, sempre na rede de relações de determinada sociedade; encontra-se igualmente imerso numa dada cultura, da qual se nutre espiritualmente, e a sua apreciação das coisas ou juízos de valor se conformam com regras, critérios e valores que não inventa ou descobre pessoalmente e que têm, portanto, uma significação social (Vázquez, 1975, p.123).

Portanto, os valores nos são passados como herança de um dado sistema cultural no qual estamos inseridos, e tendo em vista a historicidade da Sociedade, isso indica que “os quadros de valores, como as civilizações e as pessoas, são mortais, têm ciclos de duração, surgimento e decadência final” (Silva, 1986, p.57). As relações valorativas são estabelecidas pelos próprios homens em suas relações pessoais e coletivas de acordo com as suas preferências e as determinações sociais.

Acreditando na capacidade humana de efetivar mudanças em si próprio e no mundo em que está incluso, tendo o entendimento que, para podermos transformar, é necessário conhecer bem esse objeto da transformação e essa só poderá ocorrer de acordo com a consciência e com os interesses pessoais e coletivos de uma sociedade. Quanto maior for o conhecimento do homem, maior será a sua consciência do fato ou situação vivida e conseqüentemente maior será a sua liberdade de escolha. A Educação tem grande responsabilidade nesse processo, pois, “em educação, sempre afirmamos, reproduzimos, inventamos, confirmamos ou introduzimos valores, ainda que não estejamos plenamente (ou, às vezes quase nada) conscientes desses nossos procedimentos” (Silva, 1986, p.66). Com esse entendimento é preciso que os educadores busquem descobrir em que proporção têm conhecimento dos valores repassados em sua prática pedagógica, e de que forma a sua postura tem colaborado para a consolidação do sistema atual ou para sua transformação, buscando nova ordenação social baseada na justiça e no saber. Nessa nova formação social, devemos buscar a igualdade entre os homens, através de mudança nas relações de produção, mudança que não pode esquecer da subjetividade de cada indivíduo. Pois, no momento, a ideologia dominante através do seu discurso busca sacramentar os seus valores. De acordo com Aranha & Martins a;

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é portanto um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças

sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera de produção (1995, p.37).

Para Gramsci, apud Mochcovitch (1988) quando uma classe acaba interiorizando uma concepção de mundo que lhe é estranha, instala-se a subordinação intelectual e moral, que no caso atual é a visão do autor da dimensão ideológica dominante na sociedade capitalista. O primeiro momento da dominação é econômico, ou seja a exploração das classes subalternas, pela dominação do capital sobre o trabalho. Essa exploração é a base da luta de classes e é manifestamente política na disputa por hegemonia.

O autor coloca ainda que o Estado, ao defender os interesses da classe dominante, torna-se a principal agência de sustentação de uma dominação político-ideológica, que garante a dominação econômica (exploração). Essa possibilidade de dominação surge da conjugação de dois fatores a saber: a interiorização da ideologia dominante pelas classes subalternas e ainda a falta de uma visão de mundo coerente e homogênea por parte das classes subalternas que lhes permita autonomia.

Ainda para Gramsci, apud Mochcovitch (1988), a hegemonia é composta de duas funções, a de domínio, que é exercida quando um grupo tenta liquidar ou submeter os grupos sociais adversários (inimigos) com a força armada, e a função de “direção intelectual e moral”, que se manifesta no momento em que é dirigente em relação aos grupos aliados ou afins.

Portanto, a Educação pode contribuir para a desestruturação da hegemonia dominante e conseqüente alteração dos valores vigentes, quando

permite aos membros das classes dominadas, pela formação da consciência, conhecer a natureza de uma maneira coerente e homogênea. Isso implica em noções de direitos e deveres, que constituem a cidadania e que dá a possibilidade aos integrantes das classes proletárias posicionarem-se dentro de uma formação societária e diante do Estado.

Há profunda defasagem entre os valores proclamados e os valores reais vigentes em um dado sistema social. Na sociedade capitalista muito se tem discursado em prol de valores que possam transformar a todos em cidadãos de direito e de fato, com o acesso a uma educação de qualidade, à defesa da natureza, ao aceite de uma pluriculturalidade, ao desenvolvimento de uma ética que beneficie toda a população, permitindo o corte de privilégios de determinadas classes e trazendo uma distribuição de renda mais equitativa.

Entretanto, o que realmente parece vigorar como verdadeiro é a busca do homem “econômico”, “... isto é como meio ou instrumento de produção e não como homem concreto (com seus sofrimentos e desgraças)” (Vázquez, 1975, p.36), gerando uma economia baseada no lucro, na mais-valia. Temos então verdadeiro culto ao dinheiro e à acumulação de bens materiais, onde a exploração é vista como necessária e natural. Valores como o espírito de posse, a hipocrisia, o egoísmo, o cinismo e o individualismo exacerbado, parecem fazer parte do “arsenal” de qualidades de grande parte dos indivíduos que atingem o “sucesso”, que “vencem na vida”.

A ideologia utiliza-se de métodos científicos e racionalizados para a expropriação do capital sobre o trabalho. Inculca-se no operário a idéia de

que, ele faz parte da empresa devendo-se integrar a ela e que seus interesses pessoais são os mesmos interesses da empresa. Assim, nada mais justo do que ele depositar até a “última gota de suor” em prol dela, que seria em seu próprio benefício. Trabalhador e empresa se fundem numa única instituição com objetivos idênticos. Nessa forma de gerenciamento “científico” a exploração longe de desaparecer se intensifica, tornando-se mais astuciosa e revestida de maior ardil.

Nesta situação contraditória entre valores reais e proclamados, o ser humano é levado a procurar a realização pessoal e profissional na busca da “felicidade”. “Definir realização humana é tão difícil quanto definir o que é felicidade. Nesse sentido, a realização humana é sempre um vir-a-ser, um projeto eternamente inacabado” (Cordi et al., 1995, p.149). O “vencer na vida” na nossa sociedade está vinculado diretamente à acumulação material e à ostentação de poder. O trabalho alienado, tem feito com que cada vez mais os milhões de assalariados que produzem a riqueza, acumulem para si somente a miséria, juntamente com levas de trabalhadores que têm sido compulsoriamente “expelidos” para fora do sistema econômico, transformando-se assim em “dejetos” humanos. Mesmo para aqueles que têm conseguido atingir bons salários e, com isso, têm possibilidades de acessar os bens materiais, parece que há uma diferença entre a norma de sucesso ditada pela forma capitalista de produção e o verdadeiro sentido de sucesso e felicidade buscado por esses trabalhadores. Os altos índices de suicídio, alcoolismo, uso de drogas e a violência que prolifera mesmo entre os “abastados” do sistema têm atestado um grau de insatisfação, o

que permite considerar que o acesso ao dinheiro (embora necessário), não seja o suficiente para que o homem se torne feliz e realizado.

Entretanto, o ardiloso discurso hegemônico se faz tão “forte” na busca do consumo e do conseqüente acúmulo de bens para os detentores do capital, que os homens não vislumbrando outras possibilidades de realização e felicidade, trilham quase que de forma inconsciente esse que parece ser único caminho possível.

“Ao abordarmos a questão dos valores e da valoração, introduzimo-nos num complexo ‘campo de tensões’ que diz respeito ao domínio humano, ao ser-do-homem-no-mundo, em todas as relações que daí derivam” (Silva, 1986, p.131). Assim, nessa sociedade que valoriza sobremaneira a condição econômica e, que coloca o consumo como uma grande possibilidade de prazer e realização, vamos buscar a relação de valor estabelecida entre o professor de Educação Física e o técnico desportivo.

Qual dessas duas funções se aproxima mais dos reais valores da sociedade atual? em que grau os profissionais de Educação Física têm consciência da escala de valores vigentes? Como os outros segmentos da Educação vêem essa relação de valor? Essas são algumas das questões que direta ou indiretamente podem nos trazer a elucidação a nossa questão básica, quem vale mais, o professor de Educação Física ou o técnico desportivo?

1.3 - Os Objetivos Buscados no Trabalho

Num primeiro momento, era necessário determinar quais seriam os objetivos a serem buscados dentro deste processo de investigação científica. Desta forma, realizamos análise, utilizando como fonte a literatura sobre o tema escolhido. Este aprofundamento de conhecimentos sobre a Educação Física e os esportes acabou possibilitando-nos a identificação de seus processos históricos, a forma como surgiram e como foram difundidos nas sociedades, suas convergências e divergências até o momento atual, quando o esporte tornou-se conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental e Médio, a ponto de ser confundido com a própria disciplina.

Na atualidade, Educação Física escolar e esportes passaram a ser sinônimos; entretanto, pode-se perceber que não há igualdade de posições, já que a Educação Física tem, nas últimas décadas, servido ao esporte, principalmente ao esporte espetáculo, o que acaba desfigurando esta disciplina escolar a ponto de alguns setores educacionais cogitarem sua retirada da grade curricular. Percebe-se que, apesar da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Educação Física continua amparada dentro da escola praticamente em função de sua legalidade, com dificuldades reais em se legitimar como componente importante do processo de formação do aluno.

Com base na percepção acima descrita, era o momento de comparar se a realidade descrita na literatura era percebida desta mesma forma pelos profissionais que atuavam na escola pública como docentes de Educação

Física ou como técnicos desportivos. Em muitos momentos, o professor e o técnico são a mesma pessoa, o que não causa maiores dificuldades nem para a aula, nem para o treinamento. No entanto, quando os profissionais envolvidos não conseguem ter a percepção da necessidade de diferenciarem a forma de atuação, nestes dois momentos do processo educacional, já que os objetivos da aula e do treinamento são distintos, assim como a clientela e a motivação da mesma, é possível que ocorram dificuldades, que, se não forem sanadas, façam com que a direção dada à educação nesta área acabe não contribuindo de forma significativa na *formação* do aluno em busca do conhecimento sistematizado e da cidadania.

Desta forma, parece ser possível levantar a hipótese de que o treinamento esportivo encontra maior reconhecimento dentro do nosso sistema social vigente do que a docência em Educação Física. Conseqüentemente, o profissional de Educação Física, ao trabalhar como técnico desportivo, tenderia também a ter uma maior valorização profissional.

Assim, vislumbramos a necessidade de determinar quais fatores estariam influenciando para que os profissionais de Educação Física, das escolas do Ensino Fundamental e Médio da cidade de Pato Branco, alcançassem elevada valorização, quando atuam como técnicos desportivos em detrimento de uma Educação Física comprometida com a formação do educando. Foi preciso saber como os próprios profissionais de Educação Física vêem esta questão valorativa entre o técnico desportivo e o docente.

Também de forma comparativa entre a militância como técnico desportivo e como docente de Educação Física, buscou-se verificar qual delas

seria mais significativa na visão das direções das escolas de Ensino Fundamental e Médio.

O depoimento dos diretores dos estabelecimentos de ensino sobre essa questão, torna-se fundamental pela importância das direções no processo de condução da escola pública.

1.4 - As Questões Norteadoras

Baseado no que já foi produzido sobre o tema, aliado ao nosso conhecimento do contexto, aos depoimentos dos profissionais de Educação Física e dos diretores dos estabelecimentos de ensino, traçamos, para nortear este estudo, os seguintes questionamentos:

- 1 – Será que a grande maioria dos profissionais que cursam ou cursaram a graduação em Educação Física, tem relações positivas com o esporte e buscam nele sua realização pessoal e profissional, utilizando a docência como “pano de fundo” (não por opção, mas sim em razão de necessidades financeiras)?
- 2 – Será que o esporte tem objetivos mais bem determinados e é legitimamente aceito em nossa sociedade, enquanto a Educação Física percorre ainda, o caminho de seu reconhecimento?
- 3 – Será que ideologicamente o esporte se oferece como forma de superação dos outros e de seus próprios limites, o que lhe confere uma visão positiva no mundo contemporâneo, marcado pela individualidade e a competitividade?

- 4 – Será que a própria formação acadêmica contribui para a maior valorização da função de técnico desportivo em relação à docência em Educação Física?

2. - DO CAMINHO PERCORRIDO NA PESQUISA

2.1 - Forma e conteúdo

Considerando o fenômeno a ser estudado, bem como os objetivos a serem alcançados, a trilha científica das ciências humanas e sociais parece a mais indicada para nortear a averiguação. “A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com todas as riquezas de significados dela transbordantes. Essa mesma qualidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela.” (Minayo, 1994, p.15)

Com a utilização de dados predominantemente qualitativos, buscamos fazer uma análise de conteúdos, seguindo uma metodologia de cunho dialético.

Metodologicamente, ao dizer que faremos a utilização do instrumental dialético no estudo deste fenômeno social, significa que tentaremos abarcar questões como a relatividade do social, os conflitos sociais, a historicidade e a processualidade da sociedade, bem como a possibilidade da mutação social e da transcendência, entendido aqui como a perspectiva de superação do sistema vigente, pois “toda a sociedade pode gerar a sua própria superação” (Demo, 1981, p.149).

Decidir quais seriam os caminhos a percorrer nesta pesquisa foi algo extremamente conflituoso. O questionamento sobre a cientificidade das ciências sociais, o embate metodológico entre as diferentes abordagens de pesquisa, foram algumas das principais dúvidas geradas em um âmbito mais global e no sentido mais restrito, surgiram questionamentos oriundos do primeiro, tais como a escolha das técnicas a serem utilizadas e a forma de análise dos dados coletados.

Durante o desenvolvimento dos estudos e das falas, configuramos como categoria básica de análise a valorização, que pode ser vista sobre o prisma de valorização social, mas que acaba gerando a possibilidade de valorização econômica. Numa sociedade capitalista, baseada no acúmulo financeiro, o lucro configura-se no objetivo primordial das pessoas.

Em relação aos procedimentos metodológicos, que são as técnicas,³ Leme apud Brunhs, entende que “constitui um conjunto de processos destinados a produzir os instrumentos necessários para o conhecimento destas relações” (1994, p.19).

Assim, partimos de pesquisa bibliográfica, na qual, após levantamento inicial das obras relativas ao tema, selecionamos as mais relevantes, através de análise textual. Pela análise temática, interpretativa e problematização, fizemos aprofundamento dessas obras, retirando delas o núcleo válido para nossa investigação.

³ Técnicas “São entendidas como procedimentos mais restritos e mais concretos que (...) operacionalizam os métodos servindo-se de instrumentos.” (Antônio J. Severino, p.168).



2.2 - Da fala do praticante.

Nesta pesquisa será privilegiada a voz dos próprios professores, pois ninguém melhor do que eles para falar de suas práticas, de suas angústias e suas expectativas em relação a um assunto que atinge quotidianamente a sua vida profissional, e por que não dizer, a vida pessoal.

Também foi privilegiada, neste estudo, a fala dos diretores dos estabelecimentos de ensino visto que, pelo grau de poder que estes detêm na estrutura da escola pública, a sua visão e o seu posicionamento podem vir a ser decisivos para o desenvolvimento de uma disciplina ou área de estudo.

2.3 - Dos sujeitos da prática.

A seleção da amostra seguiu os seguintes critérios:

1 - Os estabelecimentos de ensino, num total de oito, foram selecionados em função da sua participação na Fase Municipal dos JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ, no ano de 1998 e portanto, por manterem equipes esportivas em treinamento, o que evidencia a relação entre o técnico desportivo e o docente de Educação Física nesses educandários. Em muitas vezes, ambas funções são exercidas por um mesmo profissional.

2 - Foram ouvidos os diretores desses estabelecimentos, bem como tentamos ouvir todos os professores de Educação Física das instituições de ensino selecionados, num total de vinte e quatro, que preencheram o requisito de possuírem uma carga horária mínima de 10 h/a semanais de atividades nesses

colégios e escolas. O estabelecimento de um patamar mínimo de trabalho, justifica-se pela necessidade do profissional estar envolvido com a comunidade escolar, para que sua visão relativa ao problema seja significativa. Queremos “... compreender o social não apenas como o que se realiza por meio dos homens, mas como o que é vivido e agido por eles, isto é, o estudo do fato social humanizado, encarado na sua matriz que é o indivíduo criador e criatura do grupo” (Queiróz, 1991, p.162).

2.4 - Das entrevistas realizadas.

Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, com o apoio de um roteiro previamente elaborado (vide anexos A e B), tanto para os profissionais de Educação Física, como para os diretores dos estabelecimentos de ensino selecionados na amostra. As entrevistas foram todas gravadas, com a concordância prévia dos entrevistados, com exceção de uma. Ocorreu que uma professora após marcarmos a entrevista seguidas vezes e, por motivos alheios à nossa vontade, não pode ser realizada. Acabei entregando-lhe o roteiro da entrevista e ela respondeu por escrito.

Todos os entrevistados tiveram conhecimento prévio das perguntas que lhes seriam formuladas, bem como a garantia de que não seriam identificados, para facilitar que pudessem realmente emitir o seu posicionamento e evitar que, por defenderem idéias que não estão na “moda”, pudessem com isto sofrer qualquer forma de recriminação.

Para que fosse possível aos leitores do trabalho perceberem a linha de pensamento de um determinado professor ou diretor, os mesmos foram designados apenas como P.1, P.2, P.3, etc. (professores) e D.1, D.2, D.3, etc. (diretores), número que designa apenas a ordem em que as entrevistas foram realizadas.

Obtivemos da grande maioria das pessoas contatadas uma concordância imediata. Para um pequeno grupo de pessoas foi possível num único momento, fazer o contato e imediatamente após realizar a entrevista. Já para os demais, após um primeiro momento, marcou-se um dia para a realização da mesma, o que ocorreu sem maiores problemas. Apenas dois professores não foram ouvidos; um deles, nos contatos feitos, colocou inúmeras dificuldades momentâneas e assumiu o compromisso de nos procurar quando a situação fosse favorável, o que não ocorreu, e outro que após inúmeras tentativas de marcar a data para a realização da entrevista, quando esta fora agendada, acabou não comparecendo e nem justificando sua ausência.

É preciso agradecer a presteza com que a grande maioria se colocou à disposição para a realização das entrevistas, o que foi fator facilitador, como também é preciso respeitar o direito de cada um manifestar-se ou não com relação a determinado assunto. Assim, não há qualquer intenção de crítica em relação aos dois professores que preferiram não ser entrevistados, mas apenas um relato das dificuldades que apareceram no transcorrer da pesquisa.



2.5 - Da análise das entrevistas.

A realização de entrevistas é, para o estudo, extremamente enriquecedor, pois nelas são reveladas as “verdades” de quem está atuando diretamente com o problema ao qual se busca elucidar. Neste caso, ouvindo diretores de escolas, professores de Educação Física e técnicos esportivos que atuam nas escolas públicas é possível ver o posicionamento das pessoas envolvidas no processo, suas angústias, frustrações, sonhos e desejos.

Para se analisar as entrevistas não é suficiente ater-se apenas ao que é dito pelo entrevistado, é preciso uma percepção mais aguçada a fim de perceber o que não foi dito, mas que foi expresso através da hesitação, da dúvida, do silêncio prolongado e da linguagem gestual, na qual um sorriso pode ser marcante e explicitar posições diferenciadas.

Uma outra situação que foi marcante durante a realização das entrevistas, é que quando terminada uma entrevista e desligado o gravador, sempre havia um comentário, uma mensagem que se somava, trazendo informações mais claras e por vezes até mais verdadeiras. Aquela conversa informal que acontecia após a entrevista, era muito reveladora, as pessoas soltavam-se mais e trazia informações “riquíssimas”.

As entrevistas permitiram uma visão abrangente do pensamento dos profissionais envolvidos em relação ao assunto estudado. Pois uma “... característica desta técnica é a consideração da coletividade além da individualidade” (Paes, 1997, p.71). Entretanto a entrevista, a despeito de ser um excelente meio de coleta de dados, deve ser usada com cautela e jamais como



única fonte de pesquisa. Pela experiência pudemos notar que as pessoas se policiam durante a entrevista, o ser humano tem uma espécie de “sensor” a indicar o que pode e deve ser dito. Assim, nem sempre a fala do entrevistado, acaba revelando o seu verdadeiro posicionamento em relação a determinado assunto. Assim,

Não é suficiente perguntar aos professores o que fazem, porque entre as acções e as palavras há por vezes grandes divergências. Temos que chegar ao que os professores fazem através da observação directa e registrada que permita uma descrição detalhada do comportamento e uma reconstrução das intenções, estratégias e pressupostos. A confrontação com os dados directamente observáveis produz muitas vezes um choque educacional, a medida que os professores vão descobrindo que actuam segundo teorias de acção diferentes daquelas que professam (Schön, 1995, p. 90).

Mesmo reconhecendo as possíveis limitações da utilização de entrevistas na coleta de dados, procuramos estruturá-las para que as posições contraditórias fossem desmascaradas.

Depois de realizadas as entrevistas procuramos agrupar as respostas de acordo com o posicionamento estabelecido por cada um. É necessário esclarecer que não havia a priori estes grupos de respostas estabelecidas.

Tivemos o cuidado de procurar não omitir nenhuma linha de pensamento, mesmo que isto tenha, de uma certa forma, alongado a parte que se refere às falas dos profissionais envolvidos no estudo, mas esperamos que este fato não tenha tornado a leitura enfadonha. Pensamos que, desta forma, não privilegiamos apenas as idéias que poderiam corroborar com o nosso trabalho e, com isto, estabelecemos o rigor científico com que devem ser tratados os dados que fazem parte de um trabalho acadêmico de pesquisa.

Na questão concernente à fala das direções das escolas, a entrevista não tinha a finalidade de discutir aspectos técnicos da Educação Física, pelo fato do (a) diretor (a) não ser especialista nesta questão, mas o que buscávamos era a formulação da sua “visão” sobre a prática da Educação Física dentro da escola.

Com esse propósito elaboramos uma entrevista com cinco questões. As duas primeiras perguntas realizadas buscavam conhecer o grau de importância dada à Educação Física escolar e ao Treinamento Desportivo pelas direções das escolas. Assim, era possível detectar qual o valor com que são reconhecidas essas atividades dentro da escola. Também era intenção cruzar essa questão, com as questões número cinco e nove da entrevista realizada com professores e técnicos, a fim de observarmos se o discurso “caminha” no mesmo sentido da prática, criando-se condições favoráveis à execução da prática pedagógica dos profissionais de Educação Física.

A terceira e a quarta questões procuraram abordar as qualidades consideradas positivas, para que se tenha um “bom” técnico desportivo ou um “bom” professor de Educação Física, já que através das qualidades elencadas como positivas, seria possível ter a própria visão que as direções das escolas têm dessas áreas de atuação dos profissionais de Educação Física.

Finalmente, buscamos elucidar se as direções das escolas viam diferenciação entre o técnico desportivo e o docente, já que neste momento a Educação Física tende a ser confundida com o Treinamento Desportivo.

Já a entrevista realizada com os profissionais de Educação Física, constava de nove questões, que acabaram sendo agrupadas da seguinte forma na busca da elaboração de categorias de análise:

- A primeira questão tinha o objetivo de elucidar os motivos que levaram esses profissionais a buscarem a graduação no curso de Educação Física. Desta maneira, buscaram-se os fatores que estavam subjacentes a essa escolha. Procuramos verificar o grau de liberdade e consciência refletidos no processo de busca de uma carreira universitária.
- As questões dois e três possibilitavam que entendêssemos o que buscavam os profissionais de Educação Física, quais eram suas pretensões de trabalho, onde efetivamente conseguiram se colocar, se esse foi um processo difícil e se realmente a expectativa profissional pode ser atendida ou se as necessidades imediatas acabaram prevalecendo sobre a vontade.
- A questão seis, que é subdividida em quatro itens que se referem à realização pessoal, ao reconhecimento profissional, ao retorno financeiro e à estabilidade do emprego, acabou mostrando a visão que os profissionais de Educação Física que atuam na escola têm de sua profissão. A realização pessoal e profissional se dá em função dos valores que consideramos como positivos. Entretanto esses valores são decorrentes das necessidades individuais e sociais.
- A categoria da cotidianidade, foi gerada a partir das questões cinco, que perpassa sobre as condições materiais existentes para a atuação

profissional na escola, já as questões sete e oito, que trazem a visão que os outros profissionais da escola têm da área de Educação Física e se completa com a questão nove, que se refere às interferências sofridas pelo docente de Educação Física no momento de sua aula, a fim de que “contribua” com a escola realizando atividades diferenciadas e que privilegiam apenas um grupo de alunos. A cotidianidade diz respeito às situações concretas, onde se faz necessário tomar decisões após formular um juízo moral. Decidir é optar e necessariamente vem em favor de uma determinada pessoa ou grupo e de encontro a outras pessoas ou grupos. Assim, podemos perceber o grau de valorização de uma determinada prática pelas condições objetivas, que lhe são proporcionadas.

- Finalmente, a questão quatro buscava saber a visão que os profissionais de Educação Física tinham de seus próprios cursos de graduação, como estes se estruturavam. Era necessário perceber o que os ex-alunos consideravam como positivo em seus cursos e também quais falhas eram possíveis de serem apontadas. O que é considerado mais importante dentro de um curso universitário: são as instalações; a grade curricular; os recursos pedagógicos utilizados; o relacionamento professor/aluno, a formação dos docentes. Dessa forma, para a estruturação de um “bom” curso de graduação existem aspectos que podem individualmente ser salientados como preponderantes, ou é a conjugação de vários fatores que concorrem para a qualidade do curso.

Não poderíamos encerrar a análise das entrevistas sem salientar o quanto foi prazeroso, mas também trabalhoso e difícil esta parte do estudo. Desde o momento da elaboração das entrevistas, da realização delas, buscando ser ético e deixar as pessoas informadas dos objetivos da mesma, a forma como seriam trabalhados os dados, a tentativa de, mesmo sem sermos um profissional especializado em entrevistar pessoas, sermos competente o suficiente para deixar as pessoas à vontade até o agrupamento dos dados, passando pela transcrição das entrevistas, a releitura destas (inúmeras vezes) buscando refinamento e maior compreensão das idéias. Foram horas de trabalho intenso, juntamente com as dúvidas iniciais que suscitaram, foram sem dúvida marcadas por intenso crescimento pessoal e profissional.

2.6 - Do local.

A escolha da cidade de Pato Branco (PR) para desenvolver este estudo, deu-se em função de que é aqui onde moramos e aonde atuamos profissionalmente. No ano de 1995, após aprovação em Concurso Público, vimos para trabalhar no Centro Federal Tecnológico, ministrando aulas de Educação Física para o Ensino Médio e atuando como técnico da equipe de basquetebol feminino.

A realização do trabalho na cidade onde você mora e trabalha é fator que traz determinadas facilidades pelo conhecimento prévio que você já tem com as pessoas. Em contrapartida como fator negativo, a questão de continuarmos envolvido profissionalmente com as pessoas após o término do



trabalho, desperta receios e pode fazer com que os entrevistados procurem ocultar determinadas informações, por julgarem que isto pode lhes ser prejudicial em um momento seguinte. Tivemos que conviver com estas situações, mas buscamos minimizar ao máximo os aspectos que poderiam ser contrários ao bom desenvolvimento da pesquisa.

2.7 - Da Escola Pública.

Escolher a escola pública como local para realização deste estudo não se deu por acaso. Nestes anos de atuação profissional, tendo passado tanto pela escola pública, quanto pela escola privada, temos percebido enorme diferença na maneira com que cada uma delas lida com as questões educacionais.

No ensino público, a questão da educação ganha cunho político, ela é direito constitucional de toda a população. Apesar dos problemas de ordem financeira vividos pela escola pública na atualidade, “atender a quantidade já é uma qualidade de qualquer sistema público de ensino (Vale, 1991, p.2). Assim, o fato de ser utilizada por grande contingente da população já lhe assegura uma parte substancial da qualidade, tão esperada da escola nos dias atuais. Concordando com Vale, “é preciso entender de uma vez para sempre que numa sociedade capitalista unicamente a escola pública financiada pelo Estado poderá realizar, na prática, a dialética da quantidade e da qualidade” (1997, p.22).

Por ser pública, esta escola é fonte de discussões permanentes, por políticos, empresários, trabalhadores, profissionais nela envolvidos e grande



parcela da comunidade. Todos estão atentos a tudo que diz respeito à escola pública, seus problemas e suas possíveis soluções, são temas de grandes debates nacionais, bem como são constantemente veiculados pela mídia.

A escola privada pelo fato de atender alunos oriundos das classes privilegiadas da população, e com isto ter um público diminuto, tem em sua maioria condições materiais de funcionamento melhor do que a escola pública. Entretanto, isto não é garantia de que a qualidade da escola particular seja superior à da escola pública. Temos escolas diferenciadas em relação à qualidade tanto públicas como particulares. Bem como muitos dos fatores aludidos à escola particular em relação a sua maior qualidade, estão na verdade fora da escola. Não estamos com isto negando a excelente qualidade oferecida por algumas escolas particulares para seus alunos, tanto materialmente como pedagogicamente.

É importante assinalar que a ideologia da superioridade do ensino privado sobre o público não se sustenta diante de algumas evidências práticas:

- Ensino público e privado não são homogêneos;
- Atribui-se valores extrínsecos à escola;
- Nas avaliações objetivas, não demonstram diferenças flagrantes;
- A extensão das oportunidades educacionais aos segmentos populares, acabou por diluir esta diferença (Vieira, 1995, p.43).

O que tornou decisivo a opção pela realização deste estudo na escola pública é que somente nela é possível se articular um **projeto político-pedagógico**, que seja realmente elaborado por toda a comunidade escolar. Na escola particular isto não é possível, e ao profissional que presta serviços a uma escola privada, não resta outra alternativa senão a de “vestir a camisa” e adaptar-se ao projeto político-pedagógico que já está posto, e que é normalmente

elaborado pelos donos da instituição, às vezes com a colaboração das pessoas que exercem cargos de chefia.

Os objetivos de uma escola pública e de uma escola particular são diferenciados, embora ambas busquem a qualidade na educação. A escola particular tem o objetivo de retorno financeiro. Desta forma é estabelecido entre o aluno (ou seu responsável) e a escola um contrato de prestação de serviços educacionais, regido por todas as normas de prestação de serviços, estabelecendo-se até foro, para resolver questões de ordem legal.

Esse fato faz com que a educação vire simples mercadoria de consumo. São constantes os casos nas escolas da rede privada, em que alunos não podem realizar as provas ou então são ameaçados com transferência, agravada ainda com a retenção de documentos por não estarem com os pagamentos das mensalidades em dia.

...os neoliberais vão dizer que os sistemas educacionais devem deixar de ser sistemas políticos educacionais, para se transformar em mercadorias educacionais. Onde existe demanda e procura, onde existem os fornecedores da educação e os consumidores da educação. A educação é vista como um bem de consumo, reduzindo sua essência formativa para informativa (Silva & Capela, 1999, p.262).

Não cabe neste estudo julgar a pertinência destas atitudes tomadas por donos de escola, com a alegação de que as mesmas têm suas planilhas de custos e precisam honrar seus compromissos. O que fica patente é que a educação não pode transformar-se em mercadoria e ser tratada da mesma forma que se trata da compra e venda de um imóvel ou de um bem de consumo, como título de um clube social.

Desta maneira, a escolha da escola pública para a realização desta pesquisa, foi realmente intencional e pensada, no intuito de oferecer dados da realidade mais confiáveis. Também porque no ensino privado cada estabelecimento ou rede de ensino é regido por normas internas, o que não permite pensar-se num sistema nacional de educação, fato este que só é possível na escola pública

CAPÍTULO I

3 - EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

3.1 - O Surgimento da Educação Física Escolar no Brasil

A Educação Física Escolar no Brasil, ao longo de sua trajetória, serviu constantemente a propósitos estranhos a ela. Por influência de fatores sociais e políticos, os métodos utilizados foram se sucedendo na prática da disciplina, até a década de 50 quando, a partir de então, o esporte começou a tornar-se o conteúdo preponderante.

O surgimento da Educação Física, no Brasil, deu-se no interior de uma visão higiênica com a área médica definindo sua forma de atuação. “A evidente identificação com a medicina foi o que, sem dúvida, deu *status* à profissão, mas lamentavelmente, afastou-a da sua verdadeira missão” (Oliveira, 1990, p.8).

Mas, embora marcada pela influência médica, a Educação Física sistematizada e a formação de professores dessa disciplina no Brasil iniciou-se dentro das instituições militares, tendo sua prática servido “... aos propósitos militaristas de adestramento e preparação para a defesa da Pátria, reforçando os sentimentos relacionados à eugenia da raça, reflexo da ideologia social dominante naquela sociedade” (Tolkmitt, 1990, p.175).⁴

⁴ Valda Marcelinno Tolkmitt fazia parte da Equipe de Ensino do Departamento de Ensino de 1º Grau – DEPG, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Em 1990, quando da elaboração do Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná, foi responsável pela sistematização, em redação final, da proposta curricular oficial da Disciplina de Educação Física.

Assim, nas primeiras quatro décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional brasileiro a influência dos métodos ginásticos e da instituição militar. “Somente em 1939 foi criada a primeira escola civil de formação de professores de Educação Física” (Soares et al., 1992, p.53). Como até esse período a Educação Física era considerada como atividade exclusivamente prática, muitas vezes ela foi impedida de ser diferenciada da instrução física militar, e a ausência da formação de um corpo teórico de cunho científico também contribuiu para privá-la de constituir sua própria identidade.

Após a Segunda Guerra Mundial, novas tendências passam a disputar a supremacia no interior da instituição escolar. Pode-se destacar o Método Natural Austríaco que foi desenvolvido por Gaulhofer e Streicher e o Método de Educação Física Desportiva Generalizada, divulgado no Brasil por Auguste Listello. Neste último, a presença do Esporte é marcante, refletindo de um certo modo o grande desenvolvimento que este fenômeno cultural atinge no período do pós-guerra, em todos os países.

Em nosso país, a prática da Educação Física sempre esteve atrelada a parâmetros de saúde e à educação do físico, dentro de momentos históricos distintos e de formas de trabalho diferenciadas. Algumas foram hegemônicas por um maior período do que outras.

Para Betti (1991), são três os métodos que predominaram ao longo da História da Educação Física no Brasil: Método Francês (MF), Método Desportivo Generalizado (MDG) e o Método Esportivo (ME).



O Método Francês tinha como características básicas o comando e a formalidade do conteúdo e substituiu no Brasil o Método Alemão, após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e a chegada da Missão Militar Francesa ao Brasil. Esse método tornou-se hegemônico até a derrota da França na Segunda Guerra Mundial, quando, enfraquecido, deu lugar à Calistenia. O Método Calistênico, que é originário dos Estados Unidos, surgiu em 1828 e no Brasil foi difundido pela Associação Cristã de Moços.⁵ Já no Método Desportivo Generalizado,⁶ os alunos poderiam ser iniciados nos diferentes esportes e o jogo, realizado com prazer e alegria, substituiu os antigos exercícios feitos por obrigação. Dessa forma, desenvolver o gosto pelo belo e buscar uma ótima performance técnica e física, passam a ser uma atividade agradável. O Método Esportivo, por sua vez, não chegou a caracterizar-se como um método padronizado, porém, ao eleger o esporte formal como seu conteúdo principal, acabou dando-lhe uma concepção de técnica esportiva bastante rígida.

... O Método Desportivo Generalizado, que nasceu e sobreviveu entre 1950 e 1960, foi o único a fugir um pouco aos parâmetros de competitividade e da busca da vitória, mas sufocou-se diante do Método Esportivo a partir de 1970, quando então o modelo formal do Esporte de alto rendimento é assumido em sua plenitude, sem qualquer diferenciação, como também sem uma reflexão pedagógica mais profunda, passando então a ser adotado como sinônimo de Educação Física (Betti, 1991, p.157).

⁵ A Associação Cristã de Moços foi fundada em 1844 por George Willians em conjunto com onze jovens com o objetivo de descanso e cultivo da vida espiritual, inicialmente por meio de leituras bíblicas. Depois de se alastrar por todo o continente europeu, ganhou forças com a prática de atividades esportivas nos E.U.A em 1851 e, em 1893 chegou ao Brasil. Unidas por serem expressão do cristianismo na vida prática, mas com autonomia local, as unidades da ACM vêm sendo um exemplo de dinamismo, determinação e cooperação. Atualmente, a ACM conta com aproximadamente 30 milhões de associados, um amplo corpo de voluntários e está aberta a todos que queiram usufruir de seus serviços. São 12 mil sedes distribuídas por 125 países, trabalhando ativamente com a comunidade (<http://www.acm-sp-ymca.com.br/acmspori.html>).

⁶ Mauro Betti, no livro Educação Física e Sociedade (1991), refere-se à Educação Física Desportiva Generalizada como Método Desportivo Generalizado.

Dessa forma, o esporte deixa de ser meio para que se atinjam os objetivos educacionais da Educação Física Escolar, e passa a ser fim em si mesmo.

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva ... (Soares et al., 1992, p.54).

O esporte vai se difundir a partir da Inglaterra, num primeiro momento, e depois de forma arrasadora para o resto do mundo. “Independente das razões. Fato é que, uma prática corporal, que tem como característica estar orientado fortemente para a competição e o rendimento, passa a ser a prática corporal hegemônica no âmbito da cultura corporal européia e, conseqüentemente, mundial” (Bracht, 1995, p.1). Esse autor, sem aprofundar-se nas razões, enumera alguns aspectos marcantes no desenvolvimento do esporte e que podem explicar sua influência na Educação Física:

- a) O esporte atinge uma dimensão social, principalmente após a II Guerra que não nos permite ignorá-lo enquanto fenômeno: ocupa e mobiliza multidões: passa a fazer parte integrante do cotidiano de, praticamente, todas as pessoas. Com incremento dos meios de comunicação de massa que chega a todos;
- b) O fato de os Jogos Olímpicos Modernos terem acentuado a vinculação do Esporte com a categoria política da Nação e como conseqüência a Guerra Fria pós Segunda Guerra ter se apropriado desse ‘palco’. O Esporte mobiliza grandes e poderosos interesses políticos em conseqüência o Esporte passa a receber a atenção do Estado de uma forma muito contundente: o Esporte passa a ser razão de Estado;
- a) Mais recentemente a partir principalmente da década de 70, o Esporte assume uma enorme e crescente importância econômica. Ele mobiliza recursos econômico-financeiros de tal ordem, que agora, também por esta razão, tornou-se assunto de Estado (Bracht, 1995, p.2).

A escola, sendo uma instituição social, está atrelada ao sistema educacional, que por sua vez é gerado e determinado pelo sistema social. A



Educação Física, como uma disciplina escolar, cumpre funções que condizem com os valores vigentes da sociedade em cada época histórica. Portanto, não poderia a Educação Física ficar alheia, ignorando a força com que o esporte assolou a sociedade. Entretanto, os professores precisam ter a clareza de que apesar da pretensa imagem de neutralidade do esporte, dentro da escola ele tem sido usado para atender os interesses da classe dominante. Assim, já que "... o professor, enquanto mediatizador do processo ensino-aprendizagem, possui uma certa e relativa autonomia em sua ação pedagógica" (Finck, 1995. p.66), deve, dentro dessa sua autonomia, posicionar-se e decidir sob qual óptica o esporte vai ser enfocado nas suas aulas de Educação Física e a quais objetivos visa atender. Isso porque, "o 'bom professor' é o cidadão que tem clareza política e competência científica, que conhece a história do País e as raízes autoritárias da sociedade brasileira" (Freire, 1995, p.5).

3.2 - Tendências da Educação Física: Considerações Necessárias

É de vital importância que os profissionais envolvidos com a Educação Física brasileira conheçam as tendências que ao longo do desenvolvimento histórico dessa área de atividade tornaram-se dominantes. Isso se faz necessário para que o profissional possa efetivar seu trabalho de forma consciente e de acordo com a opção pelo tipo de sociedade que pretenda manter ou transformar.

O estudo das tendências torna-se importante para o educador, no sentido de ajudá-lo a entender e questionar as idéias que orientam sua prática pedagógica, visto que, todo o processo ensino-aprendizagem estará sempre norteadado, por alguma tendência ou concepção que o professor tem da sociedade, homem, educação, entre outros (Finck, 1995, p.75).

De acordo com Gebara (1989), ainda que a história da Educação Física no Brasil tenha recebido nos últimos anos um razoável volume de

contribuição, esses trabalhos pecam principalmente em função da metodologia utilizada pelos pesquisadores, o que acaba fazendo com que a periodização estabelecida, atenda a fatores externos à própria Educação Física.

Gebara (1989), referindo-se à construção da História da Educação Física, situa a existência, em linhas gerais, de três possíveis tendências de abordagem:

Em primeiro lugar temos os trabalhos clássicos, tratando o tema em uma perspectiva descritiva, mais recentemente, em uma perspectiva crítica, temos trabalhos mais atuais articulando análise histórica em uma dimensão mais atenta às determinações sócio-econômicas. Por último começa a tomar corpo uma tendência, especialmente entre historiadores e cientistas sociais, que veiculando a temática do corpo e do controle social, incorpora a questão da Educação Física no Brasil (p.31-2).

Em nosso trabalho tentamos compreender as tendências da Educação Física no Brasil, concentrando-se nas pesquisas mais atuais, na perspectiva referendada por Gebara como histórica e que será aqui representada pelo conjunto dos trabalhos de Lino Castellani Filho e de Paulo Ghiraldelli Júnior. Entretanto, para Gebara (1989), esses autores, ao periodizarem a Educação Física brasileira, acabaram fazendo isso apoiados basicamente na História da Educação no Brasil. Essa forma de abordagem torna a Educação Física como um aspecto do saber pedagógico, e faz com que seja dado conta de apenas parte do problema, pois não cabem nesse tipo de análise fenômenos como o esporte, a competição, a recreação, a reabilitação, entre outros.

Em relação à tendência clássica, concordamos com Gebara (1989) quando aponta como seu principal representante Inezil Penna Marinho, cujo trabalho pode ser considerado como o mais significativo, uma verdadeira

síntese dessa tendência historiográfica. Mas, apesar de sua relevância, e pioneirismo nessa área de estudos, quando tenta periodizar a História da Educação Física no Brasil, esse autor se apóia em uma historiografia bastante superada, na qual a História Política do Brasil é dividida em Colônia, Império e República.

Quanto à linha de abordagem que privilegia o corpo como objeto de estudos, em determinados casos acaba não tendo na Educação Física seu objeto de estudo, mas refere-se a ela de maneira enfática.

Esta articulação deve-se a forma pela qual, em alguns momentos da História do Brasil, neste caso especialmente nos períodos ditatoriais, o corpo foi pedagogicamente domado e arbitrariamente concebido. Evidentemente, a Educação Física tornou-se conceitualmente uma maneira de Educar o físico, tanto quanto um saber instrumentalizado e corporativo (Gebara, 1989, p.34).

Ghiraldelli Júnior (1991) investigou a história da Educação Física brasileira e a periodizou em cinco tendências, que foram denominadas de: Higienista (até 1930), Militarista (1930-1945), Pedagogicista (1945-1964), Competitivista (pós 1964) e Educação Física Popular. Mas o próprio autor ressalta que essa periodização deve ser vista com extremo cuidado, “porque, de fato, tendências que se explicitam numa época estão latentes em épocas anteriores e, também tendências que aparentemente desaparecem foram, em verdade, incorporadas por outras” (Ghiraldelli Júnior, 1991, p.16).

A Educação Física Higienista colocava como função da Educação Física a formação de homens e mulheres saudáveis, não se preocupando apenas com a saúde individual das pessoas, mas sim com a saúde social.

Assim, a perspectiva da Educação Física Higienista vislumbra a possibilidade e a necessidade de resolver o problema da saúde pública pela Educação. A idéia central é a disseminação de padrões de conduta, forjados pelas elites

dirigentes, entre todas as outras classes sociais (Ghiraldelli Júnior, 1991, p.17).

Na Educação Física Militarista, embora exista a preocupação com a saúde individual e com a saúde pública, a principal função atribuída à Educação Física é a de selecionadora das “elites condutoras”, tanto distribuindo melhor as pessoas nas atividades sociais e profissionais, como na eliminação dos fracos, “depurando a raça” Naquele momento, a saúde era vista como necessária para a formação de uma juventude capaz de suportar as durezas advindas da guerra, sendo necessária para isso uma disciplina férrea. “A Educação Física Militarista ... visa a formação do ‘cidadão soldado’, capaz de obedecer cegamente e de servir de exemplo para o resto da juventude pela sua bravura e coragem” (Ghiraldelli Júnior, 1991, p.18).

Para a Educação Física Pedagógica, a Educação Física assume um valor educativo, e deveria servir para que a juventude adquirisse, além da saúde, hábitos fundamentais, preparo vocacional e racionalização do uso das horas de lazer.

Na corrente Competitivista, a “Educação Física é sinônimo de desporto, e este sinônimo de verificação de performance⁷” (Ghiraldelli Júnior, 1991, p.20) Essa tendência, que permanece em maior evidência até o momento atual (se considerarmos a prática dos professores, como algo destoante ao discurso acadêmico), traz o culto ao atleta, colocando-o como um herói, um super-homem

⁷ A performance para Ghiraldelli, corresponde no nosso entendimento a “alta performance” ou “performance desportiva”.

que, a despeito de todas as dificuldades, busca sempre a superação representada pelo pódio.

Apesar de o esporte poder existir em outras vertentes que não a de rendimento (esporte educativo e esporte participação), fica evidente que o esporte de rendimento é o que mais se aproxima dos padrões de conduta eleitos pela classe dominante, onde o ser humano deve ser de uma competitividade levada aos extremos, deve superar-se e creditar a si próprio o sucesso ou o fracasso, retirando do sistema capitalista qualquer possibilidade de culpa.

Referindo-se à Educação Física Popular Ghiraldelli Júnior, destaca que ela “emerge da prática social dos trabalhadores, e em especial de iniciativas que são ligadas aos grupos de vanguarda do Movimento Operário e Popular” (1991, p.33). É sustentada numa teorização transmitida oralmente entre as gerações de trabalhadores deste país. Porém, afirma o autor, boa parte do material que poderia servir de referência teórica a essa tendência foi destruído pela classe dominante.

Ainda segundo o autor essa tendência privilegia o lúdico, a solidariedade, a organização dos indivíduos para o confronto determinado pela luta de classes. Tendo suas raízes no Movimento Operário e vem servir aos interesses da chamada solidariedade operária.

Mauro Betti (1988) em sua Dissertação de Mestrado, apresentada na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, realiza um interessante trabalho ao analisar a Educação Física do Ensino Fundamental e Médio (na época, Ensino de 1º e 2º Graus). Mesmo com a utilização de marcas

cronológicas semelhantes a Ghiraldelli (1930-1945), (1946-1968), (1969-1979), (1980-1986), ele acaba marcando a sua periodização apoiando-se em acontecimentos nos quais, o Estado tem presença marcante na definição de políticas para a Educação Física. Gebara (1989) considera que, se tomarmos essa periodização na perspectiva da Educação Física Escolar (um dos componentes da Educação Física), há um significativo avanço no trabalho de Mauro Betti⁸.

Castellani (1988) identifica e classifica como três as tendências na Educação Física brasileira hoje de maior significância: da Biologização, da Psico-pedagogização e uma terceira que, embora sem uma terminologia específica, caracteriza-se e respalda-se, de acordo com a classificação de Saviani, na concepção Histórico-Crítica de Educação.

As duas primeiras tendências, trazem forte influência tecnicista, advinda da Filosofia Neopositivista. Tal influência faz com que por trás de uma aparente neutralidade científica, essas correntes estejam colocadas a serviço da manutenção do *status quo*.

Sobre a tendência biologizante o autor comenta que:

Caracteriza-se por reduzir o estudo da compreensão e explicação do homem em movimento apenas o seu aspecto biológico, dissociando-se – como se fosse possível fazê-lo sem incorrer em equívocos teóricos danosos e irremediáveis – dos demais aspectos que caracterizam o movimento humano, antropológicamente considerado. Tal 'reducionismo biológico' configura-se na ênfase exacerbada às questões afetas à performance esportiva, à correspondente na Educação Física, à ordem da produtividade, eficiência e eficácia, inerente ao modelo de sociedade na qual a brasileira encontra identificação (Castellani, 1988, p.217-8).

⁸ Mauro Betti, é o principal autor de uma concepção de Educação Física que vem se desenvolvendo, e que é classificada como Abordagem Sistêmica.

Quanto à outra tendência, que se traduz na psico-pedagogização da Educação Física, Castellani diz que pode ser reconhecida como aquela que:

... Explica-se no 'reducionismo psico-pedagógico', que se caracteriza pela análise das instituições sociais – a Escola, por exemplo – enquanto 'sistemas fechados', forjando formulações abstratas, a-históricas de 'criança', 'homem', 'idoso', como se existissem 'em si mesmos', ao largo das influências das relações sociais de produção que se fazem presentes na sociedade em que se encontram inseridos ... tal reducionismo Psico-pedagógico responde, na Educação Física, às imposições decorrentes da 'teoria do capital humano' (1988, p.218-9).

Segundo Castellani (1988), na terceira tendência que começa a ganhar corpo na Educação Física no Brasil, o que define a consciência corporal do homem é a sua compreensão a respeito dos signos tatuados em seu corpo pelos aspectos socioculturais de momentos históricos determinados. Os profissionais de Educação Física que se posicionam à luz dessa tendência emergente, segundo o autor, carregam a percepção da necessidade de terem sempre presentes, em suas práticas, a certeza de que as atividades corporais devem se configurar como instâncias onde o homem aprende a construir uma sociedade justa.

Reconhecendo que há diferenciação entre essas concepções encontradas e o fazer cotidiano dos professores de Educação Física, “percebe-se que a prática da Educação Física Escolar, hoje, caracteriza-se pela efetivação do Esporte como conteúdo predominante. Ao mesmo tempo temos inúmeros estudos que criticam essa predominância conteudista escolar esportiva” (Finck, 1995, p.74). As críticas, em grande parte, não são direcionadas diretamente ao esporte, mas sim à forma como é utilizado, visando ao gesto técnico, à performance desportiva e, conseqüentemente, trazendo em seu bojo a seletividade, o que faz com que apenas uma pequena parcela dos alunos tenha acesso ao esporte.

O fenômeno cultural⁹ esporte é amplamente difundido nos meios de comunicação e amplamente aceito em nossa sociedade. A Educação Física Escolar não foge a essa situação pois, dentro dessa conjunção de fatores, não é possível nem ignorar o esporte e tampouco expulsá-lo da Escola. Entretanto a forma como a Educação Física vem sendo desenvolvida na escola contribui para afastar a maioria dos alunos do processo ensino-aprendizagem do esporte. Reconhecendo o valor cultural do esporte a Educação Física deve tematizá-lo, porém dentro de uma perspectiva em que todos os alunos tenham acesso a sua prática.

O Esporte é um dos elementos constituintes da Educação Física Escolar, por isso reduzi-la somente ao conceito de esporte de rendimento seria limitar essa ciência a um universo restrito de conhecimento. O esporte escolar pode ter momentos diferentes na Escola: num primeiro momento como atividade-meio pela qual se atingem os objetivos educacionais da Educação Física Escolar obedecendo às linhas filosóficas da Educação; num segundo momento como Esporte de competição em que a preparação de equipes segue as linhas do treinamento esportivo (Dias Pedroso, 1995, p.20).

É necessário ressaltar que, mesmo concordando com a utilização do esporte na escola¹⁰ em momentos diferenciados, no momento da preparação de equipes esportivas, é necessário manter o cunho educativo, pois esse esporte precisa ser compatível com o projeto político-pedagógico da Escola e estar atrelado ao desenvolvimento do educando na busca de sua cidadania. Não devemos permitir que o esporte efetivado na aula de Educação Física desenvolva

⁹ Utilizaremos neste trabalho o termo 'cultura' "como um conceito abrangente que inclui todos os bens materiais e não materiais que o homem, historicamente, produziu nas suas relações com a natureza e com outros homens" (Betti, 1993, p. 44).

¹⁰ Segundo Bracht (1992), o esporte "na" Escola é subordinado aos códigos/sentidos da instituição esportiva e o esporte "da" escola pode ser modificado em função dos interesses do grupo e com o objetivo de produzir uma cultura escolar do esporte.

determinados valores que sejam antagônicos aos valores desenvolvidos no momento do esporte como treinamento das equipes escolares.

3.3 - Educação e Cidadania

No mundo contemporâneo o tema cidadania passou a ter grande destaque. Aparece na quase totalidade dos discursos, sendo utilizado por pessoas com as mais diferentes formações e visões de mundo, homem e sociedade.

A escola não ficou indiferente a essa discussão e é muito recorrente nos dias atuais a afirmação de que é compromisso da educação formar para a cidadania. Necessário se faz definir de que cidadania estamos falando, pois para os diferentes grupos sociais existentes, há diferentes significações para cidadania.

A origem da cidadania está relacionada ao surgimento da vida na cidade e à capacidade dos homens exercerem os direitos e deveres inerentes ao cidadão (morador da cidade), sendo atribuída, em princípio, à cidade ou pólis grega. Na sociedade moderna ela surge das revoluções burguesas, em particular da Revolução Francesa, a partir do que, então, o “indivíduo é visto como homem (pessoa privada) e como cidadão (pessoa pública)” (Cordi et al., 1995, p.138), com a consolidação da sociedade burguesa o termo cidadão passa a designar a ação política e a participação das pessoas na vida em sociedade.

Na Revolução Francesa “estabelecem-se as cartas constitucionais, que se opõem aos processos de normas difusas e indiscriminadas da sociedade feudal ... anunciando uma relação jurídica centralizada, o chamado

Estado de Direito” (Manzini-Covre, 1995, p.17). Assim, pela primeira vez na história da humanidade, os homens passaram a ser considerados iguais, perante a lei. Esse conceito burguês de cidadania representou um avanço pois significou um rompimento com o direito obtido pelo nascimento, uma característica da sociedade feudal.

Entretanto, não é (somente) desse tipo de cidadania de que estamos falando, é preciso entender que neste *apartheid social*, em que se transformou o Brasil em decorrência do processo exploratório ao qual foi submetido historicamente, a igualdade perante a lei é frágil e inconsistente. É freqüente presenciarmos nos noticiários a ocorrência da quebra dessa igualdade, atingindo primordialmente as pessoas das camadas populares.

Em nossa sociedade, a miséria, o analfabetismo, o desemprego, as condições sub-humanas as quais são submetidas a maior parcela da população, têm dificultado o exercício da cidadania plena, que é em última análise, o “próprio direito à vida em sentido pleno” (Manzini-Covre, 1995, p.11) com a consecução dos direitos civis, políticos e sociais que se articulam e se completam.

Devemos pensar no cidadão como aquele que tem direitos e deveres, que é súdito e soberano;

As pessoas tendem a pensar a cidadania apenas em termos dos direitos a receber, negligenciando o fato de que elas próprias podem ser o agente da existência desses direitos. Acabam por relevar os deveres que lhes cabem omitindo-se no sentido de serem também, de alguma forma, parte do governo, ou seja, é preciso trabalhar para conquistar esses direitos (Manzini-Covre, 1995, p.10).

É necessário que as pessoas lutem pela aquisição e manutenção de seus direitos. Cada direito conquistado historicamente pelas classes subalternas

se fez através de lutas (ainda que nem sempre seja necessário a luta armada). Assim, é preciso que os trabalhadores se articulem para poderem exercer mecanismos de pressão, que é a forma pela qual os detentores do poder cedem, passando a conceder à classe proletária direitos que tornem a vida mais digna e os homens mais iguais, não só perante as leis, embora isso seja essencial, mas sim de fato.

No momento atual, os valores expressos através da ideologia neoliberal, incorporados pelos indivíduos e pelos grupos dominados e que acabam orientando o comportamento desses indivíduos e de seus grupos, tentam naturalizar as diferenças, retirando qualquer possibilidade de culpa do sistema capitalista. Esse discurso é interiorizado através da vida em sociedade, sendo que a Educação como parte integrante da sociedade é constantemente acusada de colaborar para isso.

Entretanto, a Educação pode contribuir de maneira decisiva para que o ser humano tome consciência dos seus direitos, para que cada um, individualmente, se torne um cidadão entendido como "... aquele que organizadamente participa, colabora e argumenta sobre as bases do direito e não simplesmente aquele que aguarda e aceita tacitamente os direitos como concessão que lhe é feita" (Paraná, 1994, p.34). Existem determinados elementos fundamentais para a garantia dos direitos humanos tais como o "acesso ao conhecimento, quanto mais conhecimento o cidadão tiver a respeito do seu meio, do seu papel na sociedade em que vive e dos seus direitos enquanto pessoa, maior será o seu poder enquanto pessoa" (Paraná, 1994, p.39). Assim, se garantirmos

uma escola de qualidade, comprometida com o bem-estar de todos e não de uma minoria privilegiada, estaremos garantindo a toda a população o acesso a este conhecimento e, conseqüentemente, a possibilidade do exercício da cidadania.

Talvez seja essa a grande contribuição que a Educação possa dar na busca da transformação da sociedade. É preciso que se eduque para a cidadania, pois

Há um sofrimento que tem lugar no âmbito privado e não vem a público, a não ser que essas pessoas tomem consciência de seus direitos como cidadãos e se organizem para lutar por eles. É preciso criar espaços para reivindicar os direitos, mas é preciso também estender o conhecimento a todos, para que saibam a possibilidade de reivindicar (Manzini-Covre, 1995, p. 66).

Embora tenhamos conhecimento de que a construção da cidadania se faça de forma dialética e, assim, dependa tanto de condições existentes na sociedade como da ação dos sujeitos e dos grupos, consideramos uma mudança na subjetividade como um traço essencial para que se mudem as condições de vida existentes.

A cidadania passou a se desenvolver juntamente com o capitalismo, e está vinculada à classe burguesa que a instaurou. Na Idade Média, o trabalho era considerado indigno e sua valorização pode ser considerada como o primeiro passo na busca da cidadania. Ela começa com a ascensão da burguesia e com o surgimento das cidades, o que levou os cidadãos que vivem em comunidades urbanas a trabalharem no comércio, nas fábricas que começam a surgir e na administração da coisa pública em termos de direitos e deveres.

Entretanto, a burguesia ao chegar ao poder deixa de ser revolucionária, e os direitos que deveriam ser extensivos a todos os cidadãos,

quantitativamente e qualitativamente, passam a pertencer somente àqueles que têm propriedade. Nesta situação, começa a ocorrer a exploração do trabalhador por quem detém o capital (propriedade), assim, o próprio trabalho é transformado em arma de opressão e exploração. Manzini-Covre (1995), ao explicar essa questão diz que;

Marx ... Melhor do que ninguém, esclarece como os trabalhadores são obrigados a se submeter as condições de exploração do capital. Aparentemente, o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de bens que suprem a sua vida. Mas não escolhe quanto e em que condições vai trabalhar. E tudo o que faz, na maioria dos casos, não lhe dá o retorno esperado: alimentação, educação e saúde necessárias à sua família, a habitação digna ... (p. 32-3).

Essa exploração através do trabalho vem se consolidando através dos tempos e na atualidade não é dado o direito dos trabalhadores escolherem suas condições e o ritmo do seu trabalho.

No final do século XIX, quando os trabalhadores começaram a se organizar, na tentativa de aumentarem os seus direitos, os detentores do capital responderam com mais maquinaria para substituí-los e assim, reduzir seu poder de luta. Em contrapartida os trabalhadores passam a organizar-se em sindicatos, partidos políticos e associações. Dessa forma, a luta de classes e o antagonismo entre capitalistas e trabalhadores se acentuou.

Porém, com a divisão social do trabalho, que acaba fragmentando-o e fazendo com que o trabalhador perca o domínio do processo como um todo e passe a ser meramente mais uma peça na engrenagem da maquinaria, sendo considerado como mais um meio de produção,

“A força do trabalho converteu-se numa mercadoria. Suas utilidades não são mais organizadas de acordo com as

necessidades e desejos dos que a vendem, mas antes de acordo com as necessidades de seus compradores que são, em primeiro lugar, empregadores à procura de ampliar o valor do seu capital. É interesse especial e permanente desses compradores baratear sua mercadoria” (Braverman, 1987, p.78).

Um passo decisivo dado pela sociedade no aprofundamento da divisão social do trabalho, ocorre no momento em que é feita a separação entre o trabalho manual e intelectual. Sendo que o trabalho manual é considerado menos qualificado e com menor valor. Com isso, os trabalhadores que realizam trabalhos manuais acabam ficando numa posição inferiorizada em relação aos trabalhadores que realizam o trabalho intelectual, que são os que “pensam”. Para a Educação Física esse aprofundamento da divisão social do trabalho traz profundas conseqüências. Por ser, na escola, uma disciplina que trabalha em larga escala com atividades práticas, ela é deixada à margem do processo educacional, sendo que seus profissionais passam a ser considerados como mero executores, sem deterem o privilégio de ser possuidores da intelectualidade

“No capitalismo a divisão social do trabalho é forçada caótica e anarquicamente pelo mercado ...” (Braverman, 1987, p.72), e tem como objetivo básico o barateamento da força de trabalho. Desse modo, o trabalho é encarado como um meio de produzir acumulação aos detentores do capital e não como uma forma de realização do trabalhador. Assim, “... no mundo de hoje, o homem perdeu o gosto pelo trabalho. O trabalho passou a ser uma atividade monótona e cansativa, que só se enfrenta para ter o que comer no fim do mês” (CEDAC, 1980, p. 23).

No momento atual, com o crescimento da tecnologia, diminui progressivamente a necessidade da “mão-de-obra”, reduzindo os postos de

trabalho, “empurrando” os trabalhadores para o desemprego. Dessa forma, esses passam por uma fase de perda dos direitos, conquistados durante anos de luta. A submissão do trabalhador acaba ocorrendo também em função da formação de um “exército de reserva”, tão necessário ao capital. “Nas condições do capitalismo, o desemprego não é uma aberração, mas uma parte necessária do mecanismo de trabalho do modo de capitalista de produção” (Braverman, 1987, p.327).

A tecnologia poderia tornar melhor a vida dos trabalhadores, pois através dela poderíamos ter o homem trabalhando apenas em empregos humanizantes, deixando para as máquinas o trabalho mecânico, repetitivo, no qual não há a necessidade da criatividade e da inteligência. Outro benefício que poderia ocorrer em função do desenvolvimento tecnológico seria a diminuição da jornada de trabalho¹¹, feita sem a respectiva perda salarial, já que é possível produzir mais em menor tempo. Com esse maior tempo de ócio o trabalhador poderia ganhar em cidadania, utilizando-o para o lazer, para sua educação, para sua vida em família e comunidade, tornando-se mais feliz e, por que não, mais produtivo (desde que esse aspecto não fosse considerado como objetivo e sim, como consequência).

Entretanto, os capitalistas vêem no uso da tecnologia uma possibilidade de aumentar a “mais valia” e gerar uma acumulação cada vez maior, consequentemente tem-se uma perda de cidadania cada vez também maior para as classes subalternizadas. Assim, cria-se um excedente de população trabalhadora,

¹¹ O sociólogo italiano Domênico di Massi, defende essa posição, em entrevista a Revista Cláudia de agosto/99. Considerando-a mesmo como uma opção para a redução do desemprego, que atinge escalas alarmantes em todo o mundo. Entretanto, quando propõe a redução salarial, nos parece uma incoerência, pois para a grande maioria dos trabalhadores no Brasil, sobreviver com apenas um salário já é uma tarefa difícil.

que fica disponível para ser empregado com salários menores, aviltantes mesmo, sendo obrigada a migrar para novas ocupações de acordo com os interesses do capital. Essa relação fica clara em Marx apud Baverman;

Mas se uma população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza no sistema capitalista, e mesmo condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se fosse criado e mantido por ele. Ela proporciona o material humano a serviço das necessidades variáveis de expansão do capital e sempre pronto para ser explorado, independentemente dos limites do verdadeiro incremento da população. Com a acumulação e o desenvolvimento da produtividade do trabalho que a acompanha, cresce a força de expansão súbita do capital (p. 324).

A formação desse “exército de reserva”, contribui para que o trabalho se realize em condições indignas, onde o trabalhador não encontra realização profissional e pessoal, ficando restrito o exercício da sua cidadania. Mesmo a despeito de termos na sociedade atual as condições materiais de realização existencial para todos. Entretanto;

...gostaria de pensar uma concepção de cidadania plena – ao nível econômico, político, social, cultural. E que se coadune com a construção de uma sociedade mais democrática. Não pode haver cidadania se não houver um salário condigno para a grande maioria da população. O trabalhador, enquanto mercadoria, deve lutar para obter certa equivalência na troca estabelecida com o capitalista e o Estado. É preciso que ele tenha acesso aos bens que complementam sua vida (habitação, saúde, educação) e que compõem os chamados direitos sociais. Mas, antes, é necessário que os trabalhadores tenham direitos políticos, e que existam mínimas condições democráticas para reivindicar o seu direito de ser cidadão e de, enquanto tal, poder batalhar, por quaisquer dos seus direitos. Por outro lado, é preciso que esses trabalhadores sejam educados sobre a existência desses direitos, vendo dessa forma a amplidão do que há para construir em termos de uma sociedade sempre melhor” (Manzini-Covre, 1995, p. 37).

Porém, “esta concepção de cidadania mais plena está sempre ameaçada pelo conceito de cidadania mais esvaziada, calcada no consumo e em certo imobilismo, acenada pelo capitalismo dos oligopólios e seduzido a tantos” (Manzini-Covre, 1995, p.37). Tenta-se transformar o trabalhador em um consumidor em sentido pleno: consumidor de suas necessidades básicas, de novas mercadorias e de idéias-mercadorias. Os meios de comunicação têm sido importante instrumento nas mãos dos capitalistas para a consecução desse projeto. Pretendem dessa forma, tirar do trabalhador seu aspecto político e sua conseqüente possibilidade de pensar e repensar, discutir em público, criticar como cidadão as leis injustas, apostando na possibilidade de transformar o trabalhador-cidadão em consumidor e assim mudar a esfera das discussões do público para o privado, dos direitos de cidadão para os direitos de consumidor.

O trabalhador-consumidor, pode tornar-se alienado, não percebendo nem que o próprio consumo que lhes é apontado pelos capitalistas como uma possibilidade de igualdade, é falso. As pessoas advindas das camadas populares, quando passam a ter acesso a um determinado produto, o fazem em função de que esse já está obsoleto. Quando a tecnologia elabora produtos com uma maior sofisticação, os estoques dos produtos ultrapassados são “desovados” nos países do terceiro mundo, alguns chamados elegantemente de em desenvolvimento, e, nesses, quando chegam até a casa dos trabalhadores é porque já estão em muito superados, havendo já no mercado, a disposição das pessoas “ricas” produtos muito mais sofisticados.

Em razão da necessidade de manutenção dos postos de trabalho, para que possa existir o consumidor, a sociedade tem criado a cada dia, de forma mais acentuada, uma mentalidade consumista, “o que importa é comprar, não importa a mercadoria, o que importa realmente é participar do grande movimento de consumo” (CEDAC, 1980, p.92). Além disso, os produtos são feitos para durar pouco “É o que se chama de obsolescência programada. É da lógica do sistema fabricar produtos frágeis e rapidamente deterioráveis ... que logo serão substituídos por outros mais sofisticados” (Carmo, 1992, p.76).

Nós, os educadores compromissados com a população, devemos estar atentos para ver em que nível a Educação tem colaborado para reforçar essa situação, ou para conscientizar os alunos e, com isso, buscar a transformação do *status quo*. O esporte espetáculo tem sido um importante veículo para disseminar as idéias consumistas, sendo que os ídolos fabricados pela mídia têm sido utilizados como garotos propaganda nesse novo projeto das elites. A Educação Física ao tematizar o esporte de forma acrítica, reverenciando o esporte espetáculo, sem questionamentos, tem se posicionado lado a lado com a situação vigente. Os meios de comunicação têm veiculado estilos de vida como forma de viver, sendo tarefa da escola auxiliar a conscientização dos educandos, para que esses possam, como indivíduos e como cidadãos, ter sua própria forma de viver. É pelo menos necessário que eles tenham a possibilidade da escolha e que esta se processe de maneira consciente.

No mundo atual, as horas vagas de muitos trabalhadores são gastas em consumir, negligenciando o debate público, o exercício prático da cidadania. Ao mesmo tempo, sem a ocupação da esfera pública pelos homens, não pode existir de fato a esfera pública – Não pode existir realmente a



cidadania. Com a ênfase no consumo, há a economia de desperdícios e do descartável, em que todas as coisas (mercadoria material, valores e idéias) são devoradas e abandonadas tão rapidamente quanto possível (Manzini-Covre, 1995,p.72).

Entretanto, é necessário compreendermos que o avanço da revolução microeletrônica criou bens e condições de atender realmente a todos os homens do planeta, mesmo a despeito de que, na atualidade, todo produto ao ser consumido deverá gerar lucro. Dentro desse raciocínio temos milhões de pessoas passando fome crônica em todo o mundo, chegando aos limites da desnutrição e tendo como consequência a morte, e ao mesmo tempo temos toneladas de alimentos indo para o lixo, pela impossibilidade da venda e do retorno financeiro.

Temos então instalada uma profunda contradição em relação ao trabalho:

De um lado a atividade do trabalhador é socialmente útil e necessária. Sem seu trabalho a sociedade entra em colapso. Isto quer dizer que, se os operários param de trabalhar, é a própria sociedade que pára. Sem trabalho não há eletricidade, nem transporte, nem comida, nem roupa, e assim por diante. Mas esse trabalho social que mantém viva a sociedade não tem nenhuma significação para cada trabalhador individualmente (CEDAC, 1980, p.58).

Pois, “do ponto de vista individual, o trabalho na sociedade de classes é apenas uma maneira de ganhar a vida, de não morrer de fome. O trabalho em si não dá nenhuma satisfação” (CEDAC, 1980, p.58).

Vivendo essa contradição é freqüente a aparição de alguém prevendo o fim da sociedade do trabalho. Não exatamente a extinção de todas as formas de trabalho, mas sim do trabalho monótono e repetitivo. Esse pensamento se fez presente já na Inglaterra no século XVIII, quando da invenção da máquina a vapor. No entanto;

... a era moderna trouxe consigo a glorificação do trabalho e, consequentemente, transformou o mundo em que vivemos em uma 'sociedade operária'. A medida que essa 'sociedade de trabalhadores' caminhasse para a libertação do trabalho, criaria-se um vazio, pois ela 'não conhece outras atividades superiores e mais importantes em benefício das quais valesse a pena conquistar essa liberdade' (Carmo, 1992, p.75).

A valorização ao trabalho é tão intensa em nossa sociedade que, apesar do labor constituir para a grande maioria da população um fator de alienação e exploração, mesmo assim, "a maioria das pessoas muitas vezes tem nele o único elo social fora do convívio familiar. O trabalho é, em alguns casos, o único local de vida comunitária" (Carmo, 1992, p.76). A neurose criada em torno do valor do trabalho é tão intensa, que existem pessoas que se orgulham em afirmar "que faz muitos anos que não tiram férias", e, com isso, se consideram como verdadeiros cidadãos produtivos, estando na verdade à disposição do capital e da acumulação, o "vestir a camisa" se tornou lema e ideal em muitas empresas, mesmo que, para isso, o trabalhador sacrifique a sua vida pessoal e a dos seus familiares, as pessoas antes de serem seres humanos devem ser trabalhadoras na lógica capitalista.

Carmo (1995), aponta outras situações que demonstram o valor do trabalho, tais como o Estado considerar delito social a "vadiagem", ao tratar essa conduta como caso de polícia, e essa mesma polícia utilizar a carteira de trabalho como o único documento válido. E até em algumas ocasiões, as pessoas acreditarem que o trabalho forçado poderia atenuar a criminalidade, mesmo mantidas as mesmas condições de vida das pessoas que cometeram algum tipo de delito. Além disso os meios de comunicação veiculam constantemente notícias valorizando o trabalho.



As próprias escolas são alvos dessa importância concedida ao trabalho, sendo que elas acabam adequando seus currículos em função dele, tendo como objetivo a “domesticação” dos alunos, para que esses mais tarde ao adentrarem no mercado de trabalho não ofereçam riscos ao sistema capitalista. De acordo com Carmo,

Pela veneração ao trabalho, os currículos escolares são alvos de alterações, não com a finalidade de formarem cidadãos ou dotá-los de um pensamento crítico, mas de formar pessoas aptas para o trabalho e, se possível, adestrá-las para a formação de uma mão-de-obra dócil (1995, p.12).

Nessa sociedade consumista, em que a ideologia dominante transforma o trabalho em uma grande “vedete”, e desvaloriza qualquer discurso contrário, pode tornar-se difícil que a Educação Física escolar, ao valorizar a recreação como um dos seus conteúdos e principalmente ao eleger como um dos seus objetivos conscientizar a população para a importância do lazer, instrumentalizando-a para que possa fazer uso desse lazer de forma autônoma, e cobrar das autoridades o direito a esse lazer, seja reconhecida como importante na sociedade contemporânea. Dessa forma, a Educação Física, ao não ter, como finalidade a preparação para o vestibular e conseqüentemente não direcionar o estudante para uma profissão de nível superior, pode passar a ser considerada como descartável, e ter dificultado o seu processo de legitimação social; já em relação ao treinamento desportivo talvez esse fenômeno não ocorra, pois há valores inseridos nele que se coadunam aos interesses do capital e como tal são legitimados pela “sociedade do trabalho”.

3.4 - Educação e Educação Física na Escola... Para Quê ?

A educação só existe em função de o ser humano estar permanentemente em construção. Como ser dinâmico, ele precisa refletir constantemente sobre seus valores, suas crenças, sua maneira de viver e de se relacionar. O ser humano é um ser de relações, e nas suas relações com os outros homens e com a natureza, ele se constrói e constrói o mundo. De acordo com a sua visão de homem e de mundo, ele pode lutar pela manutenção ou pela transformação da situação vigente. Como bem disse o educador Paulo Freire,

não haveria educação se o homem fosse um ser acabado ... O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade, é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (1986, p.27).

A educação não acontece somente no âmbito escolar. Mesmo numa sociedade sem escola, haveria educação, pois ela é a única forma de se transmitir a cultura produzida e acumulada historicamente para as gerações seguintes. Porém, vamos nos referir exclusivamente à educação escolar.

Prevalece na sociedade que a Educação é benéfica ao ser humano e que através dela é possível ao indivíduo tanto realizar-se como pessoa, bem como participar do processo de transformação ou manutenção da sociedade, de acordo com sua visão de mundo, pois esta se faz historicamente, ou seja, é construída pelo homem em suas relações. Se aceitarmos essa visão positiva da educação, apesar de todos os problemas da educação escolar, mesmo que reconheçamos que a escola não é o único local onde se educa, temos a clareza de

que é um importante veículo para a transmissão do saber sistematizado, assim é possível pensar na escola como uma “... importante instituição social onde se dá a educação das pessoas e aparecem as contradições. Acreditamos que é possível através deste espaço intervir na sociedade buscando sua melhoria e transformação” (Finck, 1995, p.3). Através da educação, o ser humano aprende a transformar a realidade, de acordo com as suas necessidades como ser social. Pois “a educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade, o homem deve transformar a realidade para ser mais” (Freire, 1986, p.31).

A educação formal é uma forma eficiente de dar ao homem competência científica e política, para que possa atuar na sociedade de forma consciente, passando da *doxa* para a *episteme*. Assim “uma boa escolarização pode contribuir para que o educando adquira uma visão de mundo menos mística e folclórica, tornando-se assim um ponto de partida para um conhecimento crítico da sociedade” (Finck, 1995, p.7).

Mas a educação escolar cria, no seu desenvolvimento, relações de autoritarismo, onde o professor ensina e os alunos aprendem, sem contestar, sem refletir, onde se idealiza um aluno e os alunos reais moldam-se aos padrões impostos. “Vem da época medieval, com o monopólio educacional exercido pela igreja, o tradicional conceito de educação como disciplina os castigos corporais e o *magister dixit* são subprodutos de um autoritarismo que impede uma efetiva ação pedagógica” (Oliveira, 1985, p.56). Entretanto, de acordo com Gadotti,

... A educação supõe exatamente a ação de uns sobre os outros, portanto supõe autoridade e direção. Elas podem ser impostas ou não. O que diferencia uma coisa da outra são as atitudes, os valores, a ética. Então não existe a educação,

existem educações. Todas elas se dão numa dialética entre autoridade e liberdade (1992, p.25).

A escola é determinada pela sociedade na qual está inserida, mas também é determinante dessa mesma sociedade. Essa escola "... enquanto fenômeno social, tem evidenciado duas funções opostas: de um lado a conservadora, de outro a renovadora" (Finck, 1995, p.6). No Brasil, uma sociedade capitalista neoliberal periférica, há uma forte tendência para que a Educação seja utilizada na manutenção do *status quo*, embora exista a possibilidade de ela cumprir a função transformadora, pois no mesmo momento em que são passados os valores das classes dominantes para os membros da classe dominada, cria-se a expectativa de ascensão social e disponibilizam-se condições para que se processe a busca de mudanças.

Tendo em consideração que "...a educação não pode ser analisada abstratamente, mas sim, condicionada e condicionante de uma sociedade determinada" (Cunha, 1985, p.15), o momento de crise pela qual passa o sistema educacional pode ser entendido como um momento de crise do sistema capitalista e, de acordo com Finck (1995), o fracasso escolar, de certa forma, é decorrente da organização social do modo de produção capitalista.

Sendo a Educação Física parte integrante da Educação, é possível vê-la pelo seu aspecto de crise, pelo seu aspecto reprodutor ou pelo seu aspecto transformador. Na área de Educação Física, talvez por ingenuidade, há um otimismo exacerbado, pois "... entre os profissionais de Educação Física impera a idéia ou a certeza da positividade do papel da Educação em nossa sociedade.



Assim, como a Educação Física é parte integrante da Educação, tem ela também uma função social positiva” (Bracht, 1992, p.72).

Para que a disciplina de Educação Física subsidie, aos alunos, os conhecimentos teórico-práticos que lhes possibilitem desempenhar seu papel de cidadãos dentro do contexto social, é necessário que se respondam algumas perguntas tais como: para que serve a Educação Física? Por que ensinar este ou aquele conteúdo nas aulas de Educação Física? Como ensinar? Respondidos esses questionamentos é possível criar um espaço real para a Educação Física dentro da Educação, não deixando que ela subsista apenas pela regulamentação em lei.

No transcorrer do desenvolvimento da Educação Física, buscou-se constantemente a sua legitimação, porém sempre se fez essa busca fora da própria Educação Física. Ora na busca da saúde, com os cuidados higienistas, ora atrelada ao militarismo e, mais recentemente, através da instituição cultural chamada esporte. O que deveriam ser apenas os meios da Educação Física na busca da educação tornaram-se freqüentemente o próprio fim dessa disciplina escolar. Necessário se faz que se reverta esse quadro na Educação Física, pela forma de atuação de seus profissionais. Como afirma Daolio (1994), é preciso levar em conta a experiência profissional dos professores como uma prática cultural, e considerá-los atores sociais com sua prática influenciada culturalmente. Considerar também que a prática docente filtra determinados valores de acordo com o local de trabalho, com a maneira como foram educados e preparados profissionalmente. É preciso considerar como fundamental que essa mudança

deva começar dentro dos cursos de graduação em Educação Física. Oliveira, destaca que,

... a Educação Física escolar ressen-te-se da falta de uma fundamentação filosófica que a oriente em direção às suas finalidades educativas. É aí que as escolas de Educação Física encontram sua função mais relevante: desfazer a imagem tradicional e deformada que a sociedade tem do professor dessa área, visto simplesmente como um 'fazedor de músculos' ou um especialista em dirigir exercícios de ordem unida, conferindo-lhes inadvertidamente o título de 'disciplinador'. Criar uma atmosfera que permita o despertar de uma consciência crítica que permita ao futuro profissional estar apto a cumprir sua missão: educar, impedir portanto que a Educação Física – em especial a escolar – transforme-se numa máquina de não fazer nada. Dessa forma, o maior passo estará dado para que a Educação Física encontre o seu verdadeiro lugar, onde nunca esteve e de onde nunca deverá sair (1985, p.5).

A Educação Física deve ser pensada como um campo de conhecimento específico, que serve como um dos meios que contribuem na formação do cidadão, e que esse cidadão tem direito de acessar as práticas corporais como uma forma de se sentir bem. O objetivo específico da disciplina de Educação Física na escola é despertar no indivíduo a consciência da importância de praticar atividades físicas regulares, como uma forma de lazer, e criar condições para que as pessoas tenham autonomia na realização dessas atividades, com senso crítico suficiente para vislumbrar o que é bom para si, a despeito de toda a influência que a mídia possa ter em nossas vidas como uma criadora de necessidades. "Não é porque o trabalho é importante que a Educação Física é importante, mas porque o lazer é importante, a Educação Física é importante. A 'utilidade' da Educação Física advém do seu caráter 'inútil'" (Bracht, 1992, p.51).

Com a revolução tecnológica, que permitiu uma maior produtividade com um menor tempo de trabalho, começa a aumentar o tempo

livre das pessoas e elas começam a reivindicar maiores oportunidades de lazer. É bem verdade que isso só vai ocorrer para as camadas mais altas da população, a chamada elite da sociedade, pois a classe subalterna está muito preocupada em sobreviver, em subsistir, e não tem condições para pensar no lazer.

Nessa época em que tudo gira em torno do capital e este simbolizando trabalho e mais trabalho, com o máximo de lucro para o patrão e um mínimo possível de ganho financeiro para o assalariado, fica difícil estabelecer horários para o relaxamento e lazer pois, nos tempos “disponíveis”, o trabalhador assalariado “encaixa” mais uma jornada de trabalho para compensar o que falta na outra (Reis, 1994, p. 414).¹²

Podemos encontrar também nas classes mais altas, na chamada elite burguesa, pessoas que não dispõem de tempo para o lazer, entretanto, isso ocorre não por impossibilidade, já que esses extratos altos da população dispõem de tempo e de condições para desfrutar das melhores formas de lazer, mas sim por que o lazer contraria sua óptica de vida, baseada na produtividade

Na atual sociedade, temos um estreito relacionamento entre o trabalho e o lazer, relação essa que se torna cada vez mais complexa onde, ora o lazer influencia o trabalho, ora o trabalho influencia o lazer. Na sociedade moderna, de caráter urbano, fatores derivados da industrialização, levam à caracterização do binômio lazer/trabalho. Entretanto, por acreditarmos na impossibilidade dessa divisão estanque, compartilhamos da visão de Marcellino (1993) que diz, não concordar “com a visão isolada, quer do trabalho quer do lazer, tendo em vista suas relações interdependentes como esfera de atuação humana” (p185). Pois o homem, segundo Friedman

Projeta suas preocupações pessoais, suas frustrações, seus temores sobre seu posto de trabalho e, reciprocamente, de

¹² Heleíse Faria Ferreira dos Reis, mestranda na Universidade Metodista de Piracicaba - SP

seu posto de trabalho sobre o seu lar. As necessidades de interesse, de significações, de participação, de realização que não são satisfeitas através de tarefas racionalizadas da vida de trabalho ... mantêm sua pressão fora do trabalho e influenciam as atividades que procuram durante as horas de 'liberdade ... (1972, p.156).

Assim, não partimos da perspectiva de dicotomizar, colocando trabalho e lazer como contraditórios, na verdade ambos são partes de um mesmo problema, e que deveriam, no seu intento maior, contribuir para a realização do ser humano. As críticas feitas aqui em relação ao trabalho, são em referência ao trabalho alienado¹³, que contribui para a coisificação do ser humano.

Vivemos em um mundo capitalista, que tem como finalidade máxima o lucro. Dessa forma todas as ações convergem para a produtividade e, assim, somos educados para a racionalidade como sendo o único discurso que possibilita a acumulação de riquezas, símbolo máximo do sucesso na nossa sociedade.

Ocorre que o lazer foi considerado por muito tempo como um "não trabalho", num sentido pejorativo, sendo responsabilizado por todos os males da humanidade, essa ideologia moralista e condenativa, permeia a mente de grande parcela dos trabalhadores e, acaba impedindo-os de buscarem maior autonomia e tempo disponível para o lazer, por considerarem esta reivindicação como injusta.

A ideologia dominante, como forma de aumentar a produtividade, utiliza-se dos Aparelhos Ideológicos do Estado (A.I.E.), entre eles a Escola, para disseminar na população um sentimento de culpa, que as pessoas

¹³ Alienação, entendido como a perda ou distanciamento da identidade pessoal ou coletiva, relacionada com uma situação negativa, onde ocorre dependência ou falta de autonomia.

internalizam e acabam exacerbando quando não estão envolvidas em atividades produtivas. Como é impossível erradicar o lazer, pois ele é um dos componentes responsáveis pelo prazer, pela satisfação, pela felicidade do ser humano, cria-se o lazer utilitário, também voltado para a produção, ou seja, a utilização do seu tempo livre no desenvolvimento de algo produtivo ou, na pior das hipóteses, como um momento de relaxamento para “recuperar as energias”.

Não devemos, no processo das formações sociais, nos esquecermos da ética protestante enobrecedora do trabalho, que tinha como objetivo criar um clima favorável à adaptação do homem à sociedade industrial. No caso específico do Brasil, é necessário considerar o poder da Igreja Católica no processo de formação dos valores sociais e, seu pensamento reducionista sobre o lazer, que o via apenas como um complemento ou uma compensação ao trabalho estafante¹⁴. É preciso, portanto, recuperar a importância do lazer para que ele, definitivamente, possa ser colocado como um objetivo a ser alcançado.

Desta forma, uma educação para o lazer poderia contribuir significativamente no processo de abrandamento das diferenças entre lazer e trabalho. Ao lado disso, é preciso buscarem-se condições objetivas para a prática de lazer. Incluiríamos aí as questões relacionadas ao tempo disponível, locais para a prática de lazer, emprego e uma melhor distribuição de renda para a população carente.

¹⁴ É preciso observar que o trabalho mesmo sendo considerado como o elemento de realização do homem na sociedade de consumo instalada, recebe nos diversos trabalhos em que é tema classificações como, cansativo, estafante, gerador de estresse etc. Tendo sempre um sentido não de realização, mas sim de “lamento”.

Tornam-se importantes essas questões objetivas, pois grande parte das atividades disseminadas pela mídia para a ocupação do chamado “tempo livre” são, na verdade, manifestações de caráter burguês, que exigem um enorme aparato material o que não possibilita a participação dos trabalhadores.

A vivência do lazer tem um sentido diferenciado que varia de acordo com a faixa etária, condições socioeconômicas e até mesmo com o sexo das pessoas. Grande número de trabalhos destinado a verificar como se dão as atividades de lazer dos trabalhadores em seu “tempo livre”, tem apontado para o ambiente doméstico como o grande local de lazer. Descansar e assistir a televisão são apontados como forma de lazer, quer pela comodidade, quer pelos poucos recursos necessários para a efetivação dessas práticas. Porém, pode estar incluída também nessa situação a necessidade da recuperação de energia para as longas e cansativas jornadas de trabalho a que se submetem os trabalhadores, buscando a sobrevivência para si e para os membros de sua família.

Para as mulheres que trabalham, a realização da jornada dupla acaba reduzindo as possibilidades de acesso ao lazer, principalmente após o casamento pois na sociedade atual, elas ainda assumem a quase totalidade dos trabalhos domésticos. As mulheres que não trabalham e que não sofrem diretamente os efeitos nocivos do trabalho, acabam sendo de uma forma geral desinformadas e vivenciam as ansiedades profissionais dos companheiros.

Também sofrem restrições quanto à prática do lazer as crianças, que são obrigadas a frequentarem diversos tipos de cursos preparatórios para a vida adulta (balé, inglês, musculação, canto etc.) Além disso, com o objetivo de

afastar as crianças dos perigos da rua, os pais limitam seus espaços de atuação a ambientes fechados e protegidos.

Para cada grupo específico, há variáveis condicionantes, que acabam limitando o seu acesso ao lazer. Podem vir essas condicionantes em forma de preconceito, de falta de equipamentos e locais disponíveis para o lazer etc. “Quando se fala das atividades de lazer não fica difícil detectar um conjunto de variáveis, tendo como pano de fundo as limitações econômicas, formando um todo inibidor, quer em termos de quantidade e, principalmente da qualidade de participação” (Marcellino, 1983, p.55).

Essas situações acima descritas, acabam tolhendo a própria imaginação e criatividade dos indivíduos, que, em seu “tempo livre” acabam não sabendo ao certo de que forma o ocuparão e acabam consumindo de forma irracional, todas as formas de lazer oferecidas através da mídia (as possíveis dentro de suas condições de vida), tornando-se escravo da sociedade de consumo, até mesmo no espaço de tempo que essa sociedade lhe concede como uma “esmola”, para que recupere suas forças produtivas.

O lazer precisa ser visto como algo mais do que o simples descanso ou mero divertimento (embora essas sejam funções de extrema importância), sendo entendido, como uma experiência de desenvolvimento ocorrida dentro das condições objetivas e subjetivas das pessoas, abrangendo segundo Marcellino (1983), que adota a classificação da Teoria Sociológica de Dumazedier, os interesses culturais físicos, artísticos, sociais, manuais, intelectuais. Marcellino (1996), complementa esses interesses culturais com o

turístico. O autor ressalta que as distinções entre os vários interesses, só podem ser feitas em termos de predominância, e que na verdade existe uma certa fusão entre os diversos tipos de interesses em uma mesma atividade. Para Marcellino, o ideal é que as pessoas em seu tempo livre desenvolvessem ações em todos os campos de interesse, evitando a especificação de um deles. Assim, as pessoas exercitariam o corpo, a imaginação, o raciocínio as habilidades manuais e o relacionamento social.

Esses conteúdos representam, neste final de século, uma oportunidade de desenvolvimento da qualidade de vida e cidadania, devendo ser perseguida sua expansão qualitativa e quantitativa a todos os segmentos da população brasileira. Segundo a urbanista Raquel Rolnik, apud Vieira (1999), o bom lazer equilibra-se no seguinte tripé: espaço, tempo e iniciativas apropriadas (p. 724).

Hoje em dia, o lazer está associado à qualidade de vida, sendo considerado como um dos indicadores de vida de uma população por instituições como a ONU e a UNESCO. A própria Constituição Brasileira reconhece o lazer como parte integrante do conjunto dos direitos básicos de todo o cidadão, através do art. 217, seção III. Ou como nos diz Vieira (1999), “o reconhecimento da importância do lazer tanto a nível nacional e internacional, reflete o papel fundamental que o mesmo vem ganhando nas últimas décadas. Seja como objeto de reivindicações populares ligados ao direito à qualidade de vida, como também remete a questão da cidadania” (p.320).

Mas, em função da falta de estrutura de lazer ofertada à população, pelo poder público, a iniciativa privada tem ganhado “terreno” nessa área. Entretanto, isso não tem contribuído para uma democratização do lazer, já que o público alvo das empresas privadas e de seus investimento é constituída prioritariamente pelas camadas privilegiadas da população, acentuando com isto a segregação econômica a qual o trabalhador brasileiro, em sua ampla maioria, é submetido. Assim, o lazer vai sendo transformado em uma mercadoria, perdendo desta forma seu poder transformador, pela criação do lazer alienado.

Devemos ser cautelosos, analisando o lazer em seus riscos e possibilidades, “como fenômeno revolucionário, detonador de mudanças nos valores e nas atitudes, ou simples elemento de superação dos conflitos, procurando favorecer o ajustamento das pessoas ao atual sistema social vigente” (Marcellino, 1983, p.12), onde predomina a concepção utilitarista e, o TER sobrepõe-se ao SER.

Entretanto, acreditando no seu potencial de transformação, pode o lazer ter a função de recuperar o sentido humano no homem, minimizando os efeitos nocivos oriundos das relações das sociedades modernas, devolvendo-lhe assim, o sentido de liberdade, de autonomia na escolha, mesmo que essas não possam ser entendidas de forma absoluta em razão dos condicionantes socioeconômicos. Dessa forma, como Marcellino,

Acreditamos que as atividades de lazer constituem um dos canais possíveis de transformação cultural e moral da sociedade, sendo assim instrumento de mudança, mas instrumento que pode ser acionado qualquer que seja a ordem social dominante (1983, p. 36).

Também não podemos aceitar as resistências oferecidas aos valores do lazer dentro de uma moral tradicional, que tenta hierarquizar as necessidades. Propostas essa que tem como objetivo, caracterizar o lazer como supérfluo, o que numa sociedade de classes, justificaria a sua manutenção em quantidade e qualidade aos abastados, pois apenas esses, pelos seus esforços, teriam “vencido na vida” e com isso garantido o direito ao consumo dos chamados bens de luxo.

A conceituação de Dumazedier, contida em Marcellino (1983), definindo o lazer como:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares ou sociais (p.25),

nos dá a dimensão da importância da oferta do lazer para todos, como condição *sine qua non* para o exercício da cidadania. Entretanto, essa associação à liberdade, à voluntariedade e ao prazer tem determinado algumas críticas a possibilidade de utilização do lazer como recurso adicional na Educação. Não concordando com essa posição, vemos a possibilidade de lazer e Educação se influenciarem mutuamente, buscando a transformação social e cultural necessária.

Não devemos pensar na escola como único local de lazer, mas como um dos possíveis e, aquele no qual os membros das classes desprivilegiadas economicamente têm acesso. Também é preciso lembrar que a liberdade escolha em qualquer formação social sofre os condicionamentos dessa dada formação. Entretanto, “... a escolha será tão mais autêntica quanto maior for o grau de

conhecimento que permita o verdadeiro exercício da opção entre alternativas variadas” (Marcellino, 1983, p.70). Assim, as próprias possibilidades de desenvolvimento pessoal e social que são possíveis de serem desenvolvidas no lazer, estão muito próximas dos objetivos da Educação e da Educação Escolar. Os valores do lazer são aceitos e incorporados pela escola.

Em relação da importância de se educar para o lazer, também dentro da escola, assim se posiciona Marcellino:

Acho que a escola tem um importante papel a desempenhar na educação para o lazer, não só em termos da difusão de conhecimentos (as pesquisas demonstram que o nível das atividades praticadas no ‘tempo livre’ está relacionado diretamente ao grau de formação escolar), como também em relação à obtenção de uma visão de mundo mais ampla (1993, p.72).

Ainda em relação à necessidade de se educar para o lazer, é importante destacarmos o posicionamento de Bramante, que defende que:

É necessário que todos sejam educados nas questões relativas à recreação e ao lazer para que compreendam e vivam a sua importância, porque aquilo que não se compreende, não se valoriza; aquilo que não se valoriza terá cada vez menos defensores, e aquilo que não se defende, perde-se (1993, p164).

O desenvolvimento de um espírito crítico, através da Educação para o lazer, pode ser um importante instrumento de defesa em relação à proposta, levada a efeito pelos veículos de comunicação de massa de homogeneizar e internacionalizar os conteúdos.

A Educação Física, como uma das área privilegiadas dentro da escola em relação ao lazer precisa optar, ou entrando no jogo do mercado e com base nas pesquisas mercadológicas, ofertar apenas as atividades de lazer que estão na “moda” e que podem ser consumidas acriticamente, e assim o professor dessa

disciplina passa a ser um mero executor de atividades, ou investir na formação de uma nova sociedade, e através de experiências interdisciplinares no campo do lazer, desenvolver o entendimento de sua própria ação. Para isso requerem-se profissionais competentes tecnicamente, reflexivos e politicamente comprometidos.

A valorização da disciplina de Educação Física reside justamente em criar uma nova visão no ser humano em educá-lo para o lazer, buscando criar o *Homo Ludens*¹⁵. Não se busca a eliminação da racionalidade do pensamento científico, o que se pretende é a transformação da nossa cultura, buscando a totalidade do ser humano, humanizando as pessoas. Em outras palavras, como afirma Reis, “é preciso reumanizar a cultura para que o lazer possa recuperar seu espaço quer na escola, no trabalho ou na família” (1994, p.420).

Para as pessoas que resistem à idéia da utilização do lazer como o componente primordial da Educação Física e consideram o trabalho como seu aspecto central, é preciso recordar que:

... pode haver resistências quanto a considerar o lazer e não o trabalho como referência fundamental e primeira da Educação Física. Nós temos, contrapondo-se a isso, o valor ético do trabalho (o trabalho dignifica o Homem). Mas onde está a moralidade de um trabalho, cujo produto é apropriado pelo privado e que é explorado via extração e apropriação da mais valia? Onde está a dignidade de um trabalho que não permite que um pai alimente, com o que recebe, sua família (Bracht, 1992, p.50).

Se aceitarmos que a finalidade da Educação Física é buscar a integração das pessoas no mundo da cultura física para, com isso, proporcionar-lhes um melhor padrão de vida, a luta deve ser travada para que ocorra uma

¹⁵ Expressão usada por Huizinga, para o homem que joga e a essência do jogo é o divertimento.



participação ativa nas atividades físicas, e não simplesmente um consumo passivo, imposto pela mídia e que concorre para a alienação do ser humano.

Há que se evitar que a cultura corporal se transforme cada vez mais numa mercadoria vendida pelos meios de comunicação. Nesse sentido e visando alcançar um estado de direito que permita a todos desfrutarem daquilo que produzem, “precisamos é colaborar no sentido dessa população ter o direito de praticar atividades físicas e desportivas em locais adequados, com material e equipamento também adequados, assistidos por profissionais preparados para esse atendimento e não por leigos” (Lopes, 1985, p.93).

É necessário repararmos que uma ampliação do mercado de trabalho para a classe dos profissionais de Educação Física passa pela ampliação dos direitos à cultura corporal de toda a população e não apenas de uma parcela de privilegiados. Dialeticamente, a melhor estruturação e realização das aulas de Educação Física, promovem a ampliação desse mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que o crescimento desse mercado contribui para a legitimação da disciplina de Educação Física. Dessa maneira, é preciso que todas as pessoas comprometidas com a Educação Física se unam em busca do mesmo objetivo, que é a valoração social desse ramo de atividades.

Dessa forma, concordamos com Demo, citado por Vieira (1999), “que somente a partir da conscientização e apropriação dos sujeitos do exercício pleno de sua cidadania, é que podemos afirmar que os direitos humanos, e dentre eles o lazer, são de direito e de fato, a razão de ser” (p.324).

3.5 - O Esporte na Escola e sua Função

“Educação Física é esporte? ou talvez seria melhor inverter essa ordem: esporte é Educação Física?” (Bracht, 1995, p.1) Esse questionamento reflete a falta de uma identidade para a Educação Física Escolar. Quando os próprios profissionais da área, os alunos (sujeitos da aprendizagem?) e a sociedade, de uma forma geral, não são capazes de diferenciar o esporte da Educação Física e, em determinados momentos, nem perceber que há uma diferença, é porque ambos estão intrincados de uma forma significativa.

Não é possível no momento atual de desenvolvimento de nossa sociedade deixarmos de reconhecer o grau de importância que o esporte atingiu e, conseqüentemente a Educação Física não pode ignorá-lo, eliminando-o de sua prática pura e simplesmente. Pois “o Esporte faz parte de nossa cultura e a Educação Física já o absorveu em suas atividades, mas parece que isso foi feito de forma mecânica, sem reflexão e crítica” (Finck, 1995, p.80). A esse respeito é importante salientar que, “... muito mais do que o esporte ter sido absorvido pela Educação Física, do que a Educação Física ter pedagogizado o esporte, foi este que se sobrepôs a ela, foi o esporte (enquanto elo mais forte) que instrumentalizou a Educação Física” (Bracht, 1995, p.2).

A seguir poder-se-á ver uma série de indicativos desse fato, mencionados pelo autor:

- a) Os melhores professores são considerados aqueles que são os melhores técnicos; b) A direção de colégios e a sociedade em geral valorizam mais aqueles professores que obtêm sucesso nos campeonatos escolares; c) A organização da Educação Física na escola pauta-se em

grande parte pelo calendário esportivo da escola de prefeituras e Estados; d) A idéia predominante de que a Educação Física é a base da pirâmide reveladora de talentos desportivos; e) A ênfase que se dá nas aulas de Educação Física ao aprendizado das destrezas (técnicas) e regras esportivas (1995, p.2-3).

Partilhando da idéia de que o esporte pode ser utilizado na Escola e dentro das aulas de Educação Física, compreendemos que "... a presença do esporte na escola está alicerçada nos benefícios proporcionados pela prática de atividades esportivas, que não são somente físicas, mas também intelectuais e sociais" (Paraná, 1998, p.15)¹⁶, é necessário que ele ocupe seu espaço "... na escola em dimensões diferenciadas: como educação, como participação e como rendimento" (Paraná, 1998, p.15). Mas é importante compreender a distinção feita por Gebara (1989) de que a Educação Física e o esporte são objetos de naturezas distintas, o que faz com que se diferenciem tanto na abrangência quanto na sua historicidade. E que a Educação Física é um objeto mais teórico, no campo do conhecimento, ou mesmo uma ciência em constituição que tem no esporte um de seus elementos constitutivos. O esporte pode ser apropriado não somente pela Educação Física escolar.

Deve-se elaborar uma Educação Física crítica, onde o esporte seja utilizado pelo seu imenso valor gregário, como mais um elemento no processo educativo e em benefício da maioria da população escolar, e não reduzi-lo apenas a sua faceta de rendimento quando "aqueles alunos que não

¹⁶ O Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Educação Física, formado pelos professores da Rede Pública Estadual de Ensino e Universidade Estadual de Ponta Grossa – Departamento de Métodos e Técnicas - elaboraram os Cadernos de Educação Física 1 e 2, com o objetivo de melhorar direcionamentos e implementar as ações pedagógicas dos professores de Educação Física em relação ao Projeto Correção de Fluxo, lançado pelo Governo do Paraná em 1977, que visa oportunizar e regularizar a situação escolar dos jovens com defasagem idade-série.

correspondem ao 'modelo estabelecido' pelo grupo de 'sucesso' e pelo professor, excluem-se ou são excluídos da prática de Esportes nas aulas" (Finck, 1995, p.49). Se não se tematizar o esporte na perspectiva de uma pedagogia crítica, ter-se-á, certamente, um número cada vez mais reduzido de alunos interessados na prática da Educação Física, bem como o próprio esporte terá cada dia maior número de consumidores passivos em relação ao número de praticantes. Perspectivar o esporte criticamente significa:

a) Desenvolver não só a competência técnica, mas a comunicativa e a capacidade crítica do fenômeno, a autonomia para introduzir modificações; b) Desenvolver uma sociabilidade a partir de princípios e valores não conforme o sistema e sim conforme o projeto de sociedade que queremos; c) Desenvolver uma educação estética em que o desejo, o gosto sejam colocados no sentido do desfrute do gozo, do hedonismo corporal e não do ascetismo típico do mundo do trabalho (Bracht, 1995, p. 4).

Com base na perspectiva crítica apresentada por Bracht (1995), torna-se possível utilizar esse importante elemento da cultura, o esporte, como um dos conteúdos da disciplina de Educação Física, na perspectiva de instrumentalizar o educando na busca de uma transformação social que minimize as profundas diferenças econômicas e sociais que estão instauradas no Brasil e que, com a utilização do esporte de rendimento nas aulas de Educação Física, acabam sendo mascaradas.

Isso poderia mudar a realidade da Educação Física Escolar que "assim se apresenta: sem identidade, acrítica, transmitindo e controlando o ritmo das atividades mecânicas, desenvolvendo conteúdos ao sabor do modismo, buscando a perfeição do gesto e descompromissada com o indivíduo e com a sociedade" (Moreira, 1992, p.204).

Assim, estaremos nos aproximando da proposta de Bracht (1992), que indica procedimentos na conduta de uma prática escolar de Educação Física que venham:

incentivar os alunos e possibilitar-lhes a participação no planejamento das aulas; - incentivar os alunos a expressarem idéias para a realização de jogos; - conduzir reflexões e discussões com os alunos sobre as atividades desenvolvidas, levando-os a refletir quanto a: 1. Importância da participação de todos os integrantes do grupo; 2. Possibilidade e necessidade da mudança de regras; necessidade de conseguir ambiente agradável, cooperativo e de companheirismo nos jogos; - considerar as idéias expressas pelos alunos e submetê-las à apreciação do grupo; - engajar os alunos na organização e validação das atividades realizadas nas aulas; - levar em consideração a importância de uma disciplina funcional, espontânea em contraposição à disciplina imposta; - explorar e utilizar a colocação de problemas aos alunos com o objetivo de levá-los à atividade reflexiva; - limitar ao mínimo indispensável a direção pessoal das atividades (p. 90).

3.6 - Perspectivas da Utilização do Esporte

Com base na “Lei Pelé”, que é considerada por muitos como uma lei moderna, é possível fazer uma diferenciação nas formas de utilização do esporte, que cada dia se torna mais presente na vida dos brasileiros.

Assim reza a referida lei em seu Capítulo III “Da natureza e das Finalidades do Desporto”, em seu art. 3.º:

O desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I – Desporto Educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II – Desporto de Participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e da educação e na preservação do meio ambiente;

III – Desporto de Rendimento, segundo normas gerais desta Lei e regras da prática desportiva nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e

comunidades do País e estas com outras Nações (...) (Brasil, 1998).

Dentro da definição das formas de prática do desporto, podemos entender que no esporte educacional (esporte da escola) desperta-se o gosto pela prática de atividades desportivas, ensinam-se os movimentos básicos (no contexto) e amplia-se a capacidade crítica de avaliar o esporte e a vida que se desenvolve ao seu redor. Já o esporte de participação ocorre quando o aluno vai ocupar seu tempo livre (nessa fase ele ainda está inserido como esporte da escola) como uma forma de lazer. Se na infância e adolescência despertar-se o gosto pelos esportes, ter-se-á adultos praticando atividades esportivas de maneira lúdica e em benefício de sua saúde¹⁷. Quando ocorre preocupação com a alta performance, impulsionada pelo gosto e o estágio adiantado de aprendizagem, chega-se ao esporte de rendimento (esporte na Escola).

Na escola, o esporte deve ser utilizado como um meio para se atingir objetivos educacionais. Dessa forma precisa ser acessível a todos os educandos, e não apenas a uma parcela de alunos privilegiados. “O respeito pelo desenvolvimento das capacidades individuais e interesses de cada aluno ... e o despertar de uma consciência do que e por que se praticam exercícios físicos são papéis da Educação Física” (Dias Pedroso, 1995, p.33). Assim é preciso concordar que:

Se tentarmos entender o Esporte Escolar na perspectiva da formação do cidadão, que não privilegie uma minoria melhor dotada física e socialmente, e sim seja democrático, que não seja individual, mas cooperativo e participativo, devemos utilizá-lo como conteúdo e meio para

¹⁷ Saúde entendida, em seu conceito moderno, não sendo apenas a ausência de doenças e sim, o bem estar físico, mental e social.

educar, através de todo o seu desenvolvimento enquanto fenômeno cultural. Não podemos entendê-lo como fim em si mesmo, restrito a medalhas e troféus, pois desta forma não estaremos considerando toda dimensão educacional deste fenômeno (Paraná, 1998, p.17).

Entendemos que, pela prática do esporte na escola, seja possível ao educando o desenvolvimento da criatividade, o que vem propiciar situações para o desenvolvimento da iniciativa, algo que é de suma importância na resolução de problemas. Para Finck, “através do esporte, o indivíduo recupera um certo sentimento de comando, de autoridade, sensação de ser um ator, um protagonista, mesmo que seja apenas na simplicidade da efêmera figura esportiva que estiver representando (identificação com ídolos)” (1995, p.38).

Na escola, o conteúdo deve ser trabalhado em função da finalidade da Educação, que é a de propiciar a aprendizagem para todos os alunos, e não apenas para uma minoria bem dotada fisicamente. É preciso pensar que o aluno tem um corpo real e não um ideal e com ele é preciso trabalhar, também é obrigação da escola e do professor respeitar a imensa bagagem cultural que a criança tem ao chegar à escola. Dentro desses padrões é possível trabalhar o esporte na Educação Física, com alunos como sujeitos da aprendizagem.

A ludicidade deve estar presente no esporte da escola, transformando-o em jogo. Mesmo considerando que o jogo está muito próximo do esporte, mas com algumas características diferentes, é preciso entender que “o esporte não suprime o jogo, o jogo vive no esporte, assim como o esporte necessita do jogo para viver” (Dias Pedroso, 1995, p.80).

O jogo como um elemento rico educacionalmente está presente na vida do homem desde que ele existe e tem sua beleza quando:



A sedução do jogo está presente no respeito pela individualidade e ao prazer de transportar-se a um mundo lúdico e imaginário, onde a coletividade estabelece a forma, as regras, e o ritmo da brincadeira. A obediência às situações propostas pelo jogo, seja elas qual forem, são importantes para não abalar o mundo do jogo. Nesse mundo imaginário, o do jogo, também competitivo, o interesse na competição afasta a idéia de superação, a qualquer custo, do oponente. Não se joga contra alguém, e sim, com um companheiro (Dias Pedroso, 1995, p.70).

Dentro dessa forma de atuação, o professor está assumindo seu compromisso de educador e pode tanto propiciar ao educando uma possibilidade de desenvolvimento saudável, bem como legitimar a prática da Educação Física, respondendo a que ela veio. “A valorização da disciplina de Educação Física é também consequência do seu professor, pois está ligada diretamente às suas aulas; se forem organizadas, sistematizadas e orientadas ao processo ensino-aprendizagem, terão valor educacional e reconhecimento” (Paraná, 1998, p.17).

O Esporte tem seu valor educacional reconhecido por alguns e combatido por outros. Na escola é o principal conteúdo da Educação Física e desenvolvido de forma predominante pelos profissionais da área que, entretanto, falham ao utilizar uma mesma metodologia tanto em aula como em treinamento, não diferenciando o aluno do atleta e nem os seus momentos diferenciados, como técnico ou treinador. O problema parece não estar no esporte, e sim na utilização indevida que os professores de Educação Física fazem dele, tanto nos procedimentos de ensino, quanto nos objetivos.

... todas as propostas curriculares na escola possuem seqüencialidade, dessa forma acompanhando o desenvolvimento da atividade curricular do aluno nas diversas séries. Em Educação Física isso não ocorre, pois o mesmo ‘conteúdo’, os mesmos ‘procedimentos de ensino’, os mesmos ‘objetivos’ propostos, são vivenciados por alunos de diferentes faixas etárias, de diferentes séries, de diferentes conhecimentos ou experiências nessa Disciplina curricular. Aí, um pensamento

imediatos: ou a Educação Física, ou os demais componentes curriculares, ou ambos, estão inadequados no que diz respeito a essa estrutura pedagógica do processo de aprendizagem (Moreira, 1995, p.24).

É necessário oportunizar, àqueles que tenham interesse, o acesso ao esporte de rendimento, e isso deve ser feito na escola, o único local acessível para uma grande parcela jovem da população. Assim concorda-se com Finck (1995) quando afirma que não oportunizar, na escola pública o ensino e a prática de um esporte de qualidade¹⁸ para aqueles que desejam aprendê-lo, significa colaborar para elitizá-lo ainda mais.

O esporte vem a ser a evolução do jogo. “Ao ser regulamentado e institucionalizado, o jogo ganha características do esporte que, por sua vez, tem suas regras reconhecidas nacional e/ou internacionalmente” (Finck, 1995, p.78). Por ser regulamentado, o esporte traça padrões de movimento para cada modalidade esportiva e estabelece a busca incessante do rendimento e da performance para que se atinja a vitória, objetivo maior. Nesse momento começam a surgir os problemas, pois os mais aptos atingem-na, enquanto os menos aptos (que são grande maioria), passam a viver o esporte passivamente, apenas como espectadores, deixando de praticá-lo e, em certos casos, desistindo inclusive do esporte de participação (uma das formas de lazer).

O fenômeno cultural esporte está extremamente presente na vida das pessoas na atualidade, exercendo grande influência em nosso cotidiano. Através dos meios de comunicação de massa, o esporte entra em nossas casas,

Finck (1995), ressalta que oferecer um Esporte de “qualidade” na Escola, significa, ofertar atividades esportivas lúdicas para os alunos nas aulas de Educação Física e Esporte através de treinamento especializado para os atletas, em momentos diferenciados.

levando muitas informações, entre elas as comerciais. Em volta do esporte gira uma todo-poderosa indústria capitalista que tendo se apoderado do esporte vende produtos através dele e cria novas necessidades no público consumidor, quase que diariamente. “Os ídolos esportivos conduzem as pessoas ao consumo dos mais diversos produtos, muitas vezes, sem refletir sobre este processo” (Paraná, 1998, p.32).

Outros dois campos interligados pelo mundo do esporte e que merecem destaque são as relações que professores e alunos/atletas estabelecem com o mundo do trabalho. Não é possível ignorar o grande campo de trabalho que se forma ao redor do esporte. Os professores de Educação Física, quando atuam como técnicos buscam, através das vitórias, conquistar novos e melhores empregos. Isso, dentro de uma sociedade de capitalista, pode até ser considerado correto, entretanto, quando é feito acriticamente, levando o aluno/atleta a extremos que poderão trazer conseqüências desagradáveis para sua vida, torna-se deplorável e danosa em termos de processo de formação humana.

Já os alunos/atletas, atuando em competições esportivas, deixam de ser sujeitos autônomos para se tornarem mercadoria comercial, tendo preço e até prazo de validade (faixas etárias dos campeonatos escolares).

A Escola, ou forma alunos-atletas ou os contrata e, ao contratar o serviço de um aluno/atleta, domina-o amplamente em suas relações de produção, pois entende que está prestando um favor em lhe dar chance de jogar não para si e sim pela instituição que representa. Como seu corpo foi ‘vendido’ para a Escola, resta submeter-se a treinamento e à busca do sucesso para si e principalmente para a Escola. Nessa situação, tanto o Esporte, como o aluno atleta são mercadorias a serem consumidas de forma inconsciente (Dias Pedroso, 1995, p.100).

É necessário salientar ainda outros dois grandes problemas que rondam o esporte. Tem-se cada vez mais estimulado e praticado, tanto o treinamento precoce¹⁹, quanto a utilização do “doping”.

O treinamento precoce não leva aos resultados esperados, pois o fato de uma criança iniciar-se cedo demais na prática de um esporte (principalmente os coletivos) não garante a ela vantagem, em relação às outras crianças, no sentido de se tornar mais apta a ser uma grande campeã na idade adulta. Além disso, crianças que são trabalhadas precocemente nos esportes podem se desestimular a participar de treinamentos em idades posteriores, pode haver frustrações, por não possuírem talentos, por não atingirem o ápice da pirâmide esportiva, e ainda por terem deixado de vivenciar os aspectos lúdicos inerentes à sua vida.

Com toda certeza, nenhuma criança, por si só, optaria livremente em treinar o Esporte de forma especializada, sistemática e intensa como normalmente é realizado, ou seja com o objetivo de alcançar resultados. Porém, elas são mais facilmente influenciáveis, dependentes e ainda capazes de participar com alegria neste tipo de Esporte (Kunz, 1994, p.47).

O “doping”, que segundo Kunz (1994) já foi utilizado em crianças com menos de treze anos (para driblar o controle nas competições e atingir resultados inigualáveis nas categorias menores), provoca uma vantagem tão grande que talentos naturais dificilmente conseguiriam superar atletas tratados com essas substâncias.

¹⁹ De acordo com KUNZ (1994), treinamento especializado precoce no esporte acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado a longo prazo e que se efetiva num mínimo de três sessões semanais, com objetivo de gradual aumento do rendimento, além de participação periódica em competições esportivas.

Precisa-se considerar os efeitos nocivos da utilização do “doping”. Esse método pode até construir uma grande carreira esportiva, mas sua maior possibilidade será destruir uma vida humana, tanto física como psiquicamente, podendo levar o indivíduo até mesmo à morte.

Os defensores do uso do “doping” de forma controlada, cada vez em número maior, buscam nessa legitimação, através da ilusão de se criarem ‘super-homens’, atingir lucros comerciais cada vez maiores. Os que defendem o uso de meios auxiliares de forma controlada, na busca de melhores resultados no esporte, o fazem por “... reconhecerem o estreito vínculo que o mesmo mantém, nas sociedades atuais, com o sistema econômico” (Kunz, 1994, p.55).

Com a utilização correta do esporte nas aulas de Educação Física, numa perspectiva educacional pode-se colaborar para que a criança desenvolva seu espírito crítico e se transforme num cidadão consciente. Dessa forma, ao deparar-se futuramente com o esporte, como praticante, assistente, ou até mesmo como profissional de Educação Física, não tomará atitudes que denigram o esporte e o ser humano, como também não apoiará essas atitudes errôneas, e isso colaboraria sobremaneira para a transformação da sociedade.

3.7 - A Hegemonia do Esporte como Conteúdo da Educação Física

O esporte sofre, após a II Guerra mundial um processo de expansão quantitativa e, sob a influência européia, vai se difundindo para todo o mundo rapidamente até o ponto de tornar-se o elemento hegemônico da cultura do movimento. No Brasil, a ocorrência desse fenômeno é significativa e acaba sendo

reforçada pelo Decreto n.º 69.450/71, que explicitava unicamente como conteúdo a partir da 5ª série, estendendo-se até o ensino superior e que deveria ser inserido nos programas de Educação Física as atividades de iniciação esportiva ou práticas de natureza esportiva. “Dessa maneira, a submissão do ensino da Educação Física ao esporte, iniciada após a Segunda Guerra mundial, foi ainda mais radicalizada, o que contribuiu para que ele se consolidasse praticamente como conteúdo exclusivo das aulas de Educação Física” (Souza & Vago, 1997, p.130).

Levanta-se então um questionamento, se “as práticas culturais do esporte vêm sendo escolarizadas ao longo deste século, como um dos temas de ensino da Educação Física. Então, quais as relações possíveis da Escola (e do seu ensino de Educação Física) com as práticas culturais do Esporte?” (Vago, 1996, p. 4). Essa pergunta vem sendo respondida de forma diferenciada por autores diversos, de acordo com a visão de mundo e de sociedade de cada um deles.

O que fica evidenciado é que, embora existam discursos variados acerca da utilização do esporte como um dos meios da Educação Física escolar, a prática da grande maioria dos professores está centrada na utilização do esporte como seu principal conteúdo, quando não como único conteúdo e quase sempre sob um prisma competitivo. Mas seria essa a única forma de tematizar esse elemento da cultura corporal? E os outros elementos da cultura corporal, como ficam? São desprezados? São ignorados? É possível trabalhar para o desenvolvimento integral do ser humano, buscando a consolidação da cidadania e a inserção da Educação Física na busca dos objetivos educacionais da escola, através de um só conteúdo? Que sociedade se busca? É preciso lembrar que “... a

Educação Física pode ser aplicada como fator alienante na comunidade através de jogos e competições utilizados pelo poder político” (Tojal, 1995, p.19).

Não se busca a eliminação do esporte como um dos elementos constituintes da Educação Física escolar pois, de acordo com Vago (1996) o esporte é legitimado pela sociedade e é exatamente isso que garantiria legitimidade para o ensino da Educação Física na Escola: ensinar esportes. O que ocorre de paradoxal é que parece que a Educação Física somente seria legitimada na escola na medida em que transmitisse esses elementos da cultura, da forma como ele se realiza nas sociedades modernas. Embora exista um articulação por parte de determinado segmento de intelectuais da Educação Física no sentido de não mais utilizar o esporte na Educação Física, posição a qual somos contrario²⁰, é preciso mudar a sua forma de utilização tematizando-o de maneira que possa ser direcionado para que todos os alunos possam dele se apropriar e percebê-lo criticamente.

Embora o esporte possa ser inserido na perspectiva educativa ou de participação, o que acaba ocorrendo de maneira geral nas aulas de Educação Física é que ele assume a conotação de rendimento. Com isso acaba incorrendo justamente em aspectos que o distanciam dos objetivos educacionais tais como: seletividade, competitividade exacerbada, individualismo, gesto técnico, performance desportiva, padronização entre outros. Bracht, enfatiza estes aspectos dizendo que:

²⁰ O esporte é um elemento da cultura corporal ao qual todos têm direito a acessar, mesmo porque já está inserido na vida dos educandos quando estes chegam à escola. Privar os alunos desse importante elemento cultural é uma forma de elitizar o esporte.

...a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição (a instituição esporte), e de tal forma que temos então não o esporte da escola e sim o esporte na escola, o que indica a sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva. O esporte na escola é um prolongamento da própria instituição esportiva. Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física. Utilizando uma linguagem sistêmica, poder-se-ia dizer que a influência do meio ambiente (esporte) não foi/é selecionada (filtrada) por um código próprio da Educação Física, o que demonstra sua falta de autonomia na determinação do sentido das ações no seu interior (1992, p.22).

Assim Educação Física subordina-se ao esporte, e isto fica evidenciado claramente no momento em que “a escola é a base da pirâmide desportiva. É o local onde o talento desportivo vai ser descoberto ...” (Bracht, 1992, p.22). Desta forma, o esporte utilizado na aula de Educação Física acaba não só afastando os próprios alunos da disciplina bem como distanciando-os do próprio esporte, pois desenvolvido em condições precárias (número excessivo de pessoas, pouco tempo, falta de material, etc.) sedimenta a idéia de que tem um aprendizado difícil ou, o que pode ser pior, leva os alunos a pensarem que a limitação de aprendizado é decorrente de suas deficiências levando-os à diminuição da autoconfiança.

O esporte de rendimento que vem sendo desenvolvido como conteúdo predominante na escola nem sempre vai ao encontro as expectativas, anseios e necessidades dos educandos, o que acaba trazendo um reducionismo à Educação Física enquanto disciplina. Já que na escola o conteúdo deve servir como meio para que se atinjam os objetivos educacionais, é preciso fazer um esporte adequado aos alunos e não o esporte pelo esporte. É preciso construir o

esporte vivido²¹, e não utilizá-lo acriticamente na forma institucionalizada. É preciso concordar que “o principal equívoco histórico do entendimento do esporte-educação é a sua percepção como um ramo do esporte-performance, ou de rendimento” (Tubino, 1997, p.31-2).

Muitas vezes a metodologia empregada pelo professor acaba sendo uma mistura de procedimentos das escolas tradicionais e tecnicistas. Isto faz do aluno praticamente um atleta em potencial, pois dele é cobrada a utilização dos movimentos corretos do esporte (gesto técnico). Entretanto, se nos basearmos em Mauss citado por Daolio (1995) que definia a técnica corporal como “... as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” então “qualquer gesto é uma técnica corporal, porque é uma técnica cultural ... se todo o movimento é técnico, não podemos falar de uma técnica considerada perfeita, ou correta, ou melhor, senão num contexto e numa situação devidamente delimitados” (Daolio, 1995, p.40). Mas no tipo de aula tradicional o movimento é o centro da aula e não o educando. Isso acaba fazendo com que a vontade de participar das aulas demonstrada pelos alunos vá diminuindo gradativamente. Então passa a ser comum a busca de subterfúgios que justifiquem a ausência dos alunos nas aulas de Educação Física (atestados médicos, bilhetes dos pais, etc.). Porém, os mesmos alunos que se ausentaram da aula de Educação Física podem nesse mesmo dia, serem encontrados durante o recreio, ou em outros momentos de ócio, praticando

²¹ O Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Educação Física cunhou o termo “Esporte Vivido”, como sendo um elemento da cultura corporal, que pode ter sua normas pré-determinadas mudadas ou não de acordo com o entendimento do grupo que o utiliza. No meu entendimento, um sinônimo da expressão ‘o Esporte da Escola’ cunhada por Bracht (1992).

esportes (ou até mesmo o esporte utilizado pelo professor da disciplina em aula), com extremo prazer lúdico.

Ocorre que os professores de Educação Física talvez não compreendam claramente a função social da Escola e da disciplina, e nem consigam separar o momento da aula do momento do treinamento desportivo. Então a procura não se faz pelo educando, mas sim pelo atleta, pelo talento, perseguindo um aluno irreal que satisfaça o ideal esportivo do professor ou como coloca Vasconcelos,

O aluno real, concreto que efetivamente está na sala de aula é um ser que tem suas necessidades, interesses, nível de desenvolvimento cognitivo, quadro de significações, experiências anteriores, sendo bem distinto daquele aluno ideal, dos manuais pedagógicos (marcados pelos valores de classe) ou do sonho do professor (1993, p.56).

Os professores de Educação Física, ou por descompromisso ou até mesmo ingenuamente, acabam utilizando o esporte na perspectiva de rendimento, acreditando que é essa forma que desperta o interesse da maioria dos educandos. Mas nessa forma de utilização do esporte, o interesse principal acaba sendo do professor, onde ele tem o comando, podendo se utilizar de modalidades (normalmente coletivas) que mais aprecia ou que, por ter sido praticante das mesmas tem um maior domínio dos aspectos técnicos. Assim o aluno passa a ser um mero executante de movimentos pré-determinados, repetitivos e inconscientes; seu corpo passa a ser instrumentalizado na mão do professor.

Em pesquisa realizada com os alunos do curso de Edificações do CEFET-PR, Unidade de Pato Branco, no ano de 1995, com o objetivo de adequar a disciplina de Educação Física aos interesses dos alunos, acabou ocorrendo que,

no momento em que os mesmos foram solicitados a eleger os conteúdos de sua preferência, os esportes já trabalhados na época dentro da escola (voleibol, handebol, basquetebol e futebol) acabaram sendo os preferidos e, quando solicitada a alteração de conteúdos, os alunos sugeriram a inclusão de outros esportes (principalmente futsal, natação e atletismo). Se analisado esse fato isoladamente, poderia levar à idéia de que realmente o esporte era o que satisfazia o interesse dos alunos. Porém se visto de forma mais abrangente, ligando ao fato de que essa era a atividade que os alunos estavam acostumados a realizar nas aulas de Educação Física desde muito cedo e que a mídia de uma forma geral faz a valorização extrema do esporte de rendimento transformando atletas em semideuses, é possível perceber que, numa sociedade capitalista como a brasileira, que desclassifica os discursos antagônicos ao pensamento da classe dominante, as respostas dos alunos já estavam prontas, mesmo que eles não percebessem isso.

O esporte, nas aulas de Educação Física, devem ser tematizados de forma mais ampla, contextualizado numa perspectiva crítica e participativa. Quanto mais diversificadas forem as modalidades esportivas desenvolvidas na escola, maiores serão as alternativas de praticantes e espectadores, de forma que no processo educacional todos possam num determinado momento vivenciar essas experiências. Dessa forma o esporte terá realmente um sentido educativo (Finck, 1995, p.50).

A realidade é que é preciso que a Educação e a Educação Física, sem eliminar o esporte como um dos seus conteúdos, se tornem atividades políticas que possam instrumentalizar os educandos, desenvolvendo neles o senso crítico, para que então possam debater e eleger o que esperam de uma disciplina escolar e o que esperam da sociedade. Sem a necessária clareza política, os educandos serão facilmente convencidos pela ideologia dominante na manutenção

do *status quo*, sendo que “as classes com poder e recursos continuarão a lutar por pedagogias e currículos que garantam seu investimento em capital cultural e a sua posição na estrutura econômica e social” (Silva, 1996, p.113-4). Entretanto, concordando com Paiva (1987) que percebe “... que a escola oferece aos seus alunos não somente a ideologia dominante, mas também instrumentos úteis a sua sobrevivência e até mesmo a sua libertação” (p.86). Aceitando o pressuposto que para os alunos das classes subalternas só poderá haver libertação quando houver transformação, talvez seja o momento de se fazer opção por uma Educação Física numa abordagem Crítico Superadora ou sistêmica²². Pois ambas têm como finalidade a Transformação Social.

É preciso nas aulas de Educação Física eliminar o modelo de esporte que objetiva somente a alta performance esportiva e os resultados, para que não se corra o risco de eliminarmos os alunos que não correspondem ao “modelo” estabelecido pelo professor. Esse esporte de rendimento deve ser mantido no momento dos treinamentos de equipes escolares, já que o mesmo é revestido de valor educacional, desde que não seja levado aos extremos do esporte de rendimento, onde a jogo é “guerra”, o adversário “inimigo” e a vitória é o único resultado aceitável, nem que para isso seja preciso utilizar recursos escusos.

²² A abordagem sistêmica, que tem como principal autor no Brasil o professor Mauro Betti, tem seu caráter transformador colocado em dúvida por alguns estudiosos da Educação, que defendem a posição histórico-crítica. Alegam esses autores que a visão sistêmica tem uma visão explicativa, uma função mais integradora do que transformadora.

3.8 - Professor de Educação Física X Técnico Desportivo - Distanciamentos e Proximidades

Quem são na verdade os técnicos desportivos e os professores de Educação Física que estão na Escola Pública? Na verdade, ambos são ou deveriam ser profissionais de Educação Física²³, que vêm a ser as pessoas que cursaram com êxito, um curso de graduação em Educação Física, ou de acordo com Steinhilber:

PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: designa os egressos das escolas de formação de profissionais em Educação Física; escolas essas que têm em seus currículos disciplinas que transmitem conhecimentos, permitindo aos seus formandos uma atuação competente em todas as áreas do movimento, da atividade física e/ou desportiva, seja através da licenciatura ou do bacharelado, respeitando-se e levando-se em consideração, evidentemente a área de maior concentração de cada escola, dentro da autonomia de cada Universidade (1996, p.64).

O que vai diferenciá-los é a forma de atuação, pois mesmo em relação ao local de trabalho, ambos estão na escola. Os dois têm uma função educativa e que deverá ser realizada com extrema seriedade, "... nem sempre estamos ensinando, porém entendo que, esteja atuando onde estiver, o profissional de Educação Física está sempre educando. Deve ser, sempre e permanentemente um educador, um formador de indivíduos integrados à sociedade" (Steinhilber, 1996, p.68). A diferença é que nas aulas de Educação Física o esporte deverá ser um dos conteúdos a serem trabalhados pela classe juntamente com o professor e

²³ É comum na Educação Física a atuação de leigos, que apenas estarem trabalhando momentaneamente com aulas e/ou treinamento se intitulam profissionais de Educação Física. Entretanto, a lei n.º 9696/98, que regulamenta a profissão de Educação Física, deverá progressivamente levar a extinção desta categoria de pseudo profissionais de Educação Física.

na perspectiva de inclusão, ou seja, todos devem participar dele sem exceções. Na disciplina de Educação Física deve-se considerar a seguinte questão em relação ao esporte como sendo "... a busca do sucesso e participação para todos" (Paraná, 1998, p.7). Assim pessoas sem habilidade, portadores de deficiências etc. poderão estar nesse esporte, que, por ser da escola e não apenas estar na escola, permite que as regras, os fundamentos e as táticas sejam modificadas para que melhor se adaptem ao grupo de praticantes. Já no treinamento, momento de atuação do técnico desportivo, embora seja mantido o objetivo educativo, em relação às regras deverão serem mantidas aquelas utilizadas internacionalmente pelo esporte em questão, ou adaptadas pelas federações em função da idade ou outros aspectos, mas que não poderão serem alternadas pelo grupo para facilitar sua apreensão. No momento do treinamento já não é possível fazer um esporte para todos, pois o processo seletivo estará presente.

Outro aspecto que diferencia o esporte vivido (da Escola) do esporte institucionalizado (na Escola) é que, no primeiro, o objetivo é despertar o gosto para a prática de esportes e, como deve ser trabalhado com todos, o número de participantes é superior. Já no segundo há uma tendência de que se encaminhem para os treinamentos apenas as pessoas que já gostam e que têm maior habilidade para a prática de determinado esporte e assim o número de participantes é reduzido. Mesmo nas "escolinhas esportivas" onde se faz a iniciação esportiva, limita-se o número de participantes e naturalmente, no transcorrer dos treinamentos, vai havendo uma seleção e os menos aptos vão

desistindo ou transferindo-se para outras atividades onde julguem ter maiores habilidades.

Na verdade, o objetivo da aula de Educação Física é desenvolver no educando o gosto pela prática de atividades físicas a nível de lazer (participação) e instrumentalizar os alunos para que eles tenham condições de organizar e participar dessas mesmas atividades, buscando tornarem-se cidadãos. “Cabe ressaltar que, este cidadão ... tem direito de acesso a prática corporais como forma de expressão e sentimento de bem estar” (Paraná, 1998 p. 13). O treinamento, porém, visa especializar os alunos atletas, aprofundando seus conhecimentos em relação a regras e sistemas táticos, bem como desenvolver ao máximo suas habilidades em relação aos fundamentos do esporte escolhido. Mesmo assim, considerando que o rendimento físico-técnico, o recorde, a racionalização e a cientifização são características básicas do esporte, na escola não se pode esquecer o pensamento defendido por Medina, pois “qual o sentido de um esporte que se esqueceu que existe para melhorar a qualidade de vida dos homens, e não para robotizá-lo na busca obsessiva e indiscriminada do recorde ou do primeiro lugar, transformando-o as vezes, em monstros humanos” (1985, p.63).

O desenvolvimento de uma clareza política, que possa levar os participantes a um entendimento crítico de nossa sociedade (em relação a luta de classes, utilização do esporte pela mídia, etc.) e que venha com isso instrumentalizá-los em vista de uma possível transformação dessa mesma sociedade, é um papel de qualquer tarefa educativa e de qualquer educador que

esteja comprometido com os objetivos de uma nova composição de forças e de uma diminuição do desequilíbrio social, porque é preciso compreender que “as características da vida brasileira não foram impostas pelo destino, mas sim por condições concretas que podem ser modificadas” (Leite apud Medina, 1990, p.79). Portanto, sendo tanto a aula de Educação Física como o treinamento desportivo, tarefas educativas, ambas têm em comum esses objetivos inseridos na sua prática e podem ser atingidos de acordo com a postura do profissional que as ministre.

Praticar é transformar ... devemos estar atentos para o fato de que não é toda prática que transforma. Para vir a ser uma prática transformadora, necessário se faz que ela seja teorizada, pensada, refletida. A prática não pensada é uma prática reprodutora ... a passagem de uma prática reprodutora, para outra transformadora está diretamente vinculada a mudança de atitude por parte desse profissional, que diga respeito, acima de tudo, ao deixar de lado uma postura acrítica, para um assumir de uma postura crítica que o leve a pensar-se como HOMEM CONCRETO, existente em um determinado momento histórico, em uma determinada sociedade, sociedade esta dinâmica e por isso mesmo, homem sujeito de sua história (Castellani, 1985, p.104-5).

É de suma importância a percepção de que, quando a mídia faz a apologia de valorização do esporte, não faz pensando no esporte escolar, que deve ser educativo e assim prezar a solidariedade, o companheirismo, o alcançar a melhor performance²⁴, mas sim em relação aos valores desenvolvidos pelo esporte espetáculo, que acabam sendo os mesmos reconhecidos como positivos pela sociedade capitalista e que redundam em “darwinismo social”²⁵. Dessa forma, pode-se compreender que tanto a aula de Educação Física quanto o treinamento

²⁴ Performance entendida como “a capacidade do indivíduo realizar algo” (Paraná, 1998, p. 16).

²⁵ “darwinismo social”, entendido como a exclusão dos menos aptos, dentro da visão do sistema vigente.

são duas possíveis vertentes da área de Educação Física e que dentro da escola devem ter o mesmo valor e, conseqüentemente, a mesma valorização de seus profissionais.

A mídia, tendo como seu principal representante a televisão, tem o poder de criar realidades, de gerar necessidades, de internalizar na consciência (consciência ingênua a bem da verdade) de cada um, valores e discursos eleitos como verdadeiros e melhores. Não é nem preciso mentir, criando situações, basta omitir, escolher as perguntas de uma entrevista e os entrevistados, utilizar a linguagem que mais se adequa em uma transmissão televisiva para transmitir o significado desejado. Dentro de um determinado contexto, o texto ganha expressão variada.

“Na verdade a televisão codifica a realidade diante da câmara e constrói uma realidade textual autônoma. A imagem que o telespectador vê reproduz apenas certas condições de percepção do original, uma reprodução que passa pelos limites dos próprios códigos televisivos. A autonomia visual do telespectador, por exemplo, é prejudicada, pois ele só pode ver o que a câmara lhe mostra. Em compensação, a televisão fornece muita informação adicional, na forma de câmara lenta, *‘replay’*, *‘closes’*, etc. Isto facilita muito a comercialização do esporte, pois permite a ênfase em tudo o que mais interessa aos investidores: ação espetacular, os corpos sensuais, os vitoriosos, o fanatismo da torcida, a violência” (Betti, 1993, p. 48).

A televisão, essa verdadeira “máquina” de codificar mensagens, ganha a cada dia maior importância na medida em que atingem um maior número de espectadores no mundo inteiro em uma transmissão e à medida em que as pessoas passam a dedicar uma maior parcela do seu tempo de ócio a ela. Com isso, ela faz com que o próprio esporte espetáculo seja dependente dela. “A televisão transformou a audiência dos esportes em todo o mundo, e forçou-o a um

papel de dependência, na medida em que se tornou menos capaz de subsistir com espectadores ao vivo, dependendo do patrocínio resultante das transmissões televisivas” (Betti, 1993, p.48).

É papel dos professores de Educação Física, em conjunto com os treinadores esportivos, fazer com que as pessoas se interessem pela prática ativa de esportes, quer como participação ou rendimento, e que possam perceber que os valores repassados através da televisão, principalmente em competições esportivas, como valores universais a serem perseguidos por todos, são na realidade uma forma de colocar sobre a vida individual de cada um a responsabilidade de superação das dificuldades, por mais intransponíveis que sejam, e retirar das “costas” do sistema capitalista em que vivemos, sistema perverso e injusto, qualquer responsabilidade sobre a criação de “corpos marginais”²⁶.

Cabe a cada profissional de Educação Física inserido na escola fazer sua opção, ou continua-se a valorizar sobremaneira o treinamento desportivo feito nos moldes do esporte de rendimento e assim estaremos reforçando o

... Desporto como uma prática alienante e alienada, canalizador das tensões sociais, a serviço do reforço da esteriotipação do comportamento masculino e feminino; propagador de conceitos tais como a obediência as regras sociais – através do condicionamento à obediência às regras desportivas – sem reivindicação do direito de participação no processo de elaboração dessas regras, sociais e desportivas; obediência às autoridades constituídas – através do condicionamento à obediência às autoridades esportivas – sem questionamento a respeito do direito de escolher essas autoridades, dando-lhes legitimidade (Castelani, 1985, p.102)

²⁶ Segundo Medina (p. 141) “Corpo Marginal” é o corpo de milhões e milhões de brasileiros, excluídos ou afastados dos bens e benefícios materiais e culturais gerados pelo nosso modo de produção capitalista, e que não consegue o mínimo necessário a uma sobrevivência humana honrada.

Caso não se compartilhe da visão acima descrita, pode-se lutar pela aproximação do professor da disciplina de Educação Física e do técnico desportivo, mesmo reconhecendo as diferenças existentes entre suas formas de atuação profissional e assim, definitivamente, aceitar a incorporação do esporte dentro da escola.

Não se deve confundir o elemento competitivo contido no espírito humano e presente em todas as civilizações com a forma nefasta que a competição adquire em certos momentos de nossa história. Recusar-se a fortalecer na Educação, a forma depravada com que a competição se manifesta na sociedade tecnocrática, é desejável, mas sem negar à criança o direito de exercer e ampliar sua cultura (Freire, 1989, p.152).

É necessário ofertar aos alunos o treinamento esportivo, pois é uma das formas de se apropriar dos códigos da ideologia dominante, para poder transformá-lo. Para isso é preciso que juntamente com a técnica e a tática, sejam criadas situações que possibilitem aos alunos/atletas o desenvolvimento de sua capacidade crítica.

CAPÍTULO II

4 - O QUE PENSAM OS “ATORES” ENVOLVIDOS NO PROCESSO EDUCATIVO

4.1 - Da Escolha da Profissão – Motivos e Frustrações

Um dos primeiros aspectos abordados nas entrevistas se referia à escolha da profissão. Quais motivos tinham levado a tal escolha? O que era mais marcante? A família teve participação nesta escolha?

A análise das entrevistas nos mostrou que a escolha de uma profissão sempre é marcada por dúvidas, incertezas e inseguranças. Sem dúvida, entre as carreiras de nível universitário, as licenciaturas são uma das mais desvalorizadas socialmente e “nota-se, que a reação negativa se dá, na maioria das vezes, pela questão do *status*, seja financeiro, seja social desta profissão” (Moreno, 1996, p.113). Especificamente a Educação Física conta com situação ainda mais agravada, por ser uma disciplina deixada quase à margem na escola.

O principal fator que determina o ingresso no curso de Educação Física é a relação que o futuro acadêmico já tem com a área esportiva. Em grande porcentagem dos casos trata-se de ex-atletas que, quando confrontados com a decisão de escolher uma profissão, acabam optando por uma que já lhes é familiar, reduzindo-se, assim, as incertezas. Entretanto, o objetivo primordial ao ingressarem nos cursos de Educação Física é o de tornarem-se grandes técnicos esportivos em suas respectivas modalidades. “A maioria dos professores de Educação Física chegam à Universidade com a perspectiva de serem grandes

técnicos das modalidades esportivas que praticavam” (Paraná, 1998, p.29). Também constitui-se objetivo de alguns, ao ingressarem na carreira de profissionais de Educação Física, a possibilidade de continuarem exercendo a sua atividade como atletas, prolongando a carreira de jogador. Mesmo depois de formado, é possível exercer paralelamente a função de atleta e profissional da Educação Física, situação de difícil compatibilidade com outras carreiras profissionais. Algumas falas apontam esta relação “amigável” com o esporte e a influência de já ter sido atleta.

“Eu pratiquei esportes desde a minha juventude toda, e gosto sabe, é uma coisa que eu faço e me sinto bem. Até me realiza na parte de Educação Física, e outra coisa que me realiza na parte de Educação Física é o treinamento, gosto muito, quero muito. Minha vida toda fui atleta, gosto de esportes e procuro seguir sabe.” (P.01)

“Porque na escola sempre joguei, sempre participei dos jogos de Educação Física, sempre participei dos Jogos Escolares. Quando eu terminei o segundo grau, já tinha a noção de que gostaria de trabalhar com pessoas, na área de humanas e o curso de Educação Física por eu já ter jogado e gostar de Esportes, foi o que mais me chamou a atenção.” (P.03)

“Primeiramente foi devido a atividade já direcionada no meio esportivo desde os quatorze, quinze anos, então me adaptei e pensei em trabalhar com a parte esportiva.” (P.05)

“Eu já era atleta de futebol, na sequência ...” (P.08)

“Porque sempre foi a disciplina que mais combinou com as minhas características, sempre gostei de atividades físicas, sempre gostei principalmente de esportes.” (P.09)

“A escolha do curso de Educação Física, fez com que eu desde os tempos de jogos, com a prática esportiva, passei a me familiarizar com as atividades físicas do dia-a-dia que eu participava na escola. Bem, com a vida que eu tive de atleta, foi a maneira adequada da qual eu me coloquei a disposição do curso de Educação Física.” (P.12)

“Porque na época eu treinava natação, e como eu era atleta, foi o que veio na frente para fazer”. (P.14)

“Era o curso que estava mais ligado a minha vontade, eu sempre trabalhei com jogos, com brincadeiras, com esportes, já fui atleta semi-profissional, então era o curso que mais se identificava comigo.” (P.16)

“Porque antes de eu entrar no terceiro grau, eu treinava voleibol, e como tem aquela história de ser atleta e tudo mais, foi o que mais me influenciou, e aquilo lá, eu já tinha plano de trabalhar com escolinhas de voleibol, daí foi o que mais pesou para escolher o curso, eu já sendo uma atleta e gostaria de trabalhar com isto.” (P.17)

“Eu sempre gostei de esportes e gostava já na época que eu fazia Educação Física, gostava de ensinar os colegas, então foi por aí.” (P.19)

Outro fator determinante para que as pessoas se decidam pelo curso de Educação Física está em uma certa facilidade encontrada para passar no vestibular, tanto em relação de candidatos por vagas, quanto em relação à média de aprovação dos candidatos que ocupam as últimas vagas. Desta forma, é comum entre as pessoas que estão cursando ou cursaram Educação Física, não terem feito cursos pré-vestibulares, bem como é muito menor a proporção dos que fizeram os cursos pré-vestibulares e que não conseguiram aprovação logo no primeiro vestibular.

Alguns professores gostariam de ter seguido outras profissões a nível universitário, mas por não se sentirem preparados ou não terem conseguido aprovações nos vestibulares que desejavam, ou não terem possibilidades de frequentarem tais cursos, acabaram optando pelo curso de Educação Física. Mesmo quando o fato de terem praticado esportes, não é o fator decisivo para o

engajamento no curso de Educação Física, esse fator, secundariamente, acaba influenciando na escolha da profissão. Assim, de acordo com Nóvoa,

... é útil questionar as regras de acesso às escolas de formação de professores e de recrutamento de docentes, que são duplamente inadequados: favorecem a entrada de indivíduos que jamais pensaram ser professores e que não se realizam nesta profissão e excluem as organizações escolares e os corpos docentes deste processo, dificultando um trabalho coletivo e participativo (1991, p.22).

“Desde que eu era menininha na escola de 5º a 8º série, eu sempre gostei de esportes, e me interessava nas aulas de Educação Física e gostava ... E com o passar do tempo eu entrei no segundo grau e entrei em uma escolinha de voleibol e comecei a treinar, comecei a gostar. Comecei a treinar junto com a seleção de Pato Branco, mas nunca fui nenhum destaque, nunca fui e eu gostava, não sei. E o meu sonho na realidade não era fazer Educação Física, era fazer medicina, mas pelas condições financeiras, econômicas da família, eu fiz Educação Física ...” (P.02)

“Por não ter passado em outro vestibular que eu fiz, odontologia, veterinária. Por ter praticado esportes, achei que ia me adaptar ao curso.” (P.04)

Porque talvez quando na juventude eu jogava futebol e gostava, e por opção, não tive o por que eu escolhi. Foi o que eu passei mesmo.” (P.06)

“Bom, eu acho que todo mundo não só eu, quem escolhe geralmente ou era atleta, ou gostava muito de praticar esportes. Eu fui uma destas, pratiquei esportes a vida inteira, nadei, joguei, mas não era, o meu caminho não era a Educação Física, eu fui para Curitiba fazer arquitetura, aí eu comecei a fazer os cursinhos de arquitetura e vi que não era aquilo que eu queria. Daí na convivência e sentindo realmente, porque é uma indecisão grande aos dezessete anos, você decidir uma profissão, é difícil, daí eu falei vou fazer Educação Física, por que aqui em Pato Branco também tinha bastante campo, eram poucos professores que tinha.” (P.07)

“Eu acho que na minha época, o grande motivo é porque eu fui atleta, e depois foi uma Segunda opção porque o curso que realmente eu quis, eu não tinha condições de fazer.” (P.10)

“Na época eu era nova, um dos motivos que eu escolhi, era porque Palmas era perto da minha casa. Eu praticava Educação Física e gostava, mas jamais tinha uma noção do que era. E o meu pai não deixava eu estudar fora, ‘filha minha não sai, vai fazer isto mesmo’, então o principal motivo foi este, mas não era o curso que eu pretendia.” (P.11)

“Bom, eu sou de uma família de nove filhos e as minhas quatro irmãs são formadas em Educação Física, eu sou a quinta e ia para a área de engenharia, e no último semestre do terceiro eu optei pelo curso de Educação Física, porque era uma área que eu tinha muita afinidade e não me arrependo.” (P.15)

“Olha, na verdade, eu sempre estudei em escola pública e digamos assim, na hora de você optar, foi como uma segunda opção realmente, como eu era atleta, fui escolher esta disciplina talvez. Não pela preparação que eu deveria ter para fazer uma medicina, uma odontologia, que realmente o meu sonho era fazer odontologia e como eu era atleta resolvi optar por esta disciplina.” (P.18)

Desta forma, a opção (ou novamente a falta de opção) pelo curso de Educação Física é feita em muitos casos por pessoas que têm uma pequena auto-estima e, muitas dúvidas quanto às suas capacidades cognitivas ou quanto à qualidade de seus cursos de Ensino Médio.

Ainda a influência de antigos professores de Educação Física pode ser um fator importante na escolha do curso, mas a condição de ex-atleta e de boas relações com o esporte ainda assim se fazem presentes.

“A escolha foi vontade minha, se fosse pela vontade de meus pais eu seria engenheiro, como eu praticava esportes desde os onze anos de idade, e achava creio na minha cabeça a imagem de uma pessoa que eu considerava muito, que era o professor Júlio Lubacheski, que era o meu professor de Educação Física e tendo ele como exemplo, eu passei a gostar de atividades físicas, não só por ser praticante, mas pela prática de qualquer esporte que na época era bastante utilizado, e com o passar do tempo eu consegui uma boa projeção no esporte que eu praticava e resolvi que iria tentar para ver como seria o curso de Educação Física.” (P.21)

“Por ter sido atleta, e ter tido como amigos um casal de professores de Educação Física de 5º a 8º série e por ainda não estar preparada e consciente do que realmente eu queria.” (P.22)

Dentre os demais fatores, fora o esporte, tidos como decisivos na escolha da profissão de Educação Física, podemos citar a questão das pessoas já estarem atuando em algum segmento deste campo, mesmo não tendo formação acadêmica, o fator de ser considerado como um vestibular de menor concorrência e um curso onde as exigências de estudo são mínimas. Entretanto, seria importante lembrar que “professor é profissão de quem estuda” (Freire, 1989, p.172).

“Porque na época eu já trabalhava com Educação Física, mesmo sem ter a formação efetiva no curso de Educação Física, e me identifiquei e eu tinha vontade de concluir o curso, para poder exercer esta atividade com tranquilidade.” (P.13)

O que realmente causa um certo incômodo, ao se buscarem as causas que levaram as pessoas a fazer o curso de graduação em Educação Física, é que raramente se encontram expressões como “o sonho da minha vida era ser professor de Educação Física” ou “desde pequeno, meus pais sempre quiseram que eu fosse professor de Educação Física”. Ou seja, quase nunca faz parte dos projetos de profissionalização de cada um, ou de seus familiares, o encaminhamento para a Educação Física.

Esta carreira, acaba surgindo mais como falta de opção do que propriamente como uma opção de profissionalização no sentido de realização pessoal. Encontramos uma única professora que manifestou esta intenção como sonho de realização pessoal, o que nos causou até estranheza.

“Bom, o curso de Educação Física foi a minha primeira opção profissional, era o que eu mais queria dentro da minha realização profissional. Então foi por uma escolha pessoal, de realização pessoal mesmo, de estar cumprindo uma missão que eu pensava que era dentro da área do magistério mesmo, e por gostar de esportes, por gostar muito de ginástica, de danças, enfim de atividades físicas em geral. (P.20)

Pelo fato de que a maioria dos professores foram levados à escolha do curso de Educação Física não como vontade própria, mas por questões circunstanciais, torna-se difícil que se tenham profissionais realmente comprometidos com a profissão, que busquem a melhoria dela. Assim para Esteves, “... os professores enfrentam a sua profissão com uma atitude de desilusão e renúncia, que se foi desenvolvendo em paralelo com a degradação de sua imagem social” (1991, p.95). Na verdade, parte dos profissionais da área desvalorizam sua profissão já no momento da escolha do curso, pois ao sentirem-se incapazes de ingressar em outras profissões, as quais realmente desejavam, tornam-se professores, e ainda professores de Educação Física, misturando frustração e baixa auto-estima. Assim, além de não lutarem para uma melhoria da sua profissão, normalmente ainda sua forma de atuação contribui para a formação de uma imagem pejorativa da profissão, poderíamos dizer uma “deformação” da imagem do professor de Educação Física.

Posturas como deixar os alunos esperando do lado de fora, enquanto dez ou doze jogam, largar os alunos na quadra e ir tomar café, entregar uma bola e sair, não aparecer nos dias de chuva, chegar atrasado para a primeira aula, sair mais cedo, são comuns e todos percebem. Muito pior quando o discurso é um e a prática outra ... (Betti, 1995, p.29).

4.2 - O Que Buscam os Profissionais de Educação Física

Quando, nas entrevistas, procuramos saber quais eram as intenções de trabalho após a conclusão do curso, tornou-se notório que grande parte dos licenciados em Educação Física, pretendiam realmente ser técnicos em suas modalidades preferidas, como podemos notar nas falas que se seguem.

“Intenção, mais trabalhar em escolinha, comecei em escola estadual, joguei basquete, tive oportunidade de ser alguém na sociedade através deste esporte e foi trabalhar em rede estadual e formar atletas em rede estadual, hoje estou conseguindo a me abrir as portas nas escolas por causa disso.” (P.01)

“Pretendia ser técnica de voleibol, eu treinava voleibol e na minha cabeça eu ia fazer faculdade de Educação Física e ia trabalhar com equipes de voleibol.” (P.02)

“Pretensão era com clube e com treinamento esportivo de clubes e equipes de futebol.” (P.05)

“A minha intenção era abrir uma academia de natação, trabalhar com natação, então a minha intenção era terminar a faculdade, fazer um projeto, e ter uma piscina térmica e trabalhar com natação. Daí meu pai e eu fomos fazer um orçamento, saía uma grana federal, era muito alto o custo. Daí optei por trabalhar com aulas, peguei aulas ainda enquanto estava cursando, no segundo período ainda peguei aulas fora da cidade, daí continuei e gostei.” (P.07)

“Preferência primeira era no clube, clubes grandes.” (P.08)

“Em um clube com natação.” (P.14)

“Ao término do curso, isto foi em 1980, eu tinha tendência de trabalhar na área técnica, eu gostava de trabalhar com equipes, minha intenção era nesta parte esportiva, e fui encaminhada para um curso de pós-graduação, na área de psicomotricidade, que é uma área bastante abrangente, ao término deste ano do curso de pós-graduação mudou a minha visão da Educação Física, e com isto eu entrei na escola para trabalhar na área educativa e mesmo tendo sido oferecido para mim várias vezes treinamento eu nunca

tendi para este lado. Porque eu fiz a minha opção e hoje me encontro nesta opção mesmo.” (P.15)

“O que eu sempre pensava, sonhava, era trabalhar com treinamento, mas daí só treinamento não se vive, que só da dinheiro assim se estiver num clube, numa cidade maior, então eu fui dar aula.” (P.17)

“A minha intenção maior era trabalhar no futebol, onde é uma área que eu me identifico mais, por ter sido atleta de futebol de salão, de futebol campo, é uma área onde eu me gostaria realmente de trabalhar.” (P.18)

“Por ser atleta, jogar voleibol e fazer atletismo, na época eu achava que iria ser ou técnico de voleibol, ou técnico de atletismo, mas com o passar do tempo, em função de conhecer algumas pessoas, eu comecei a trabalhar antes de terminar a minha graduação, e fui convidado para trabalhar em um clube de nataação, em função de que a pessoa que estava, iria fazer um estágio técnico nos EUA e eu ficaria substituindo ele, até que ele voltasse e ele voltou e para minha surpresa eu fui convidado a permanecer no clube como assistente e acabei me apaixonando por Educação Física, então quando eu concluí meu curso eu já não tinha assim definido o que eu gostaria de fazer, eu só sabia que eu gostava de nataação, de voleibol e de atletismo e aquele onde houvesse uma oportunidade, porque quando você acaba de concluir um curso, você tem que pegar aquilo que você acha na tua frente e para minha felicidade, nas três áreas que eu gostava, eu tinha proposta de emprego, tanto que a nataação, que já fazia dois anos que eu estava trabalhando, eu concluí o curso e continuei trabalhando com nataação.” (P.21)

“Inicialmente como professora de academia e nataação e como técnica de basquetebol.” (P.22)

Talvez, a fala mais significativa e que sintetize o pensamento de grande parte dos egressos dos cursos de Educação Física, seja da professora denominada como (P.17). Ela alega ser seu ideal de trabalho, a montagem de equipes de competição, mas pela dificuldade em sobreviver apenas com treinamentos e pela instabilidade do emprego como técnico desportivo, encontra na escola, senão um salário digno, justo e que realize, pelo menos com certa

estabilidade e uma remuneração mensal garantida. Nestes tempos de neoliberalismo, com a crescente perda dos direitos dos trabalhadores, a estabilidade no emprego, talvez seja um excelente caminho a se buscar.

A fala da professora (P.15), também merece destaque, pois mostra-nos a mudança de posicionamento em sua carreira em função da realização do curso de pós-graduação. Isso nos mostra a importância de buscarmos o aperfeiçoamento através dos estudos como uma forma de vislumbrarmos novas perspectivas de vida pessoal e profissional.

Entre os professores é possível encontrar também aqueles que não tinham pretensão de atuação profissional dentro da área de Educação Física, bem como os que ainda tinham dúvidas sobre onde iriam atuar.

“Retornei para onde estava minha família, mas não sai com a idéia de sair de Ponta Grossa e trabalhar aqui certo. Objetivo trabalhar aqui mas sem a idéia de trabalhar em Pato Branco.” (P.04)

“Eu não pretendia trabalhar, eu pretendia simplesmente ter o curso, mas não pretendia trabalhar.” (P.11)

No momento da escolha da profissão, muitas pessoas já trabalham na área de Educação Física nas academias, clubes, escolas e outros segmentos e, assim, a escolha pelo curso de Educação Física lhes parece natural e, talvez mesmo, a única opção. “Os professores constituem um dos mais numerosos grupos profissionais da sociedade contemporânea, o que, por vezes, dificulta a melhoria do seu estatuto sócio-econômico ...” (Nóvoa, 1991, p.28).

O fato de ser possível, ainda hoje, empregar-se antes mesmo do término do curso e que dificilmente os recém-formados ficam desempregados, no mínimo conseguem sub-empregar-se, também é um fator relevante para que as

peças façam a opção profissional (se é que esse fator possa ser realmente considerado como uma opção). Dessa forma, é bastante comum que tenhamos nos cursos de graduação em Educação Física, uma parcela significativa de pessoas pertencentes aos estratos sociais mais baixos da população. Sendo que “a decisão de escolarizar ou não a população ou determinados segmentos dela, é sempre uma decisão política” (Carvalho, 1996, p.38), e como historicamente a reivindicação das camadas populares em termos de Educação se limita à existência de vagas nas Escolas (no nível superior não é diferente), os acadêmicos de Educação Física, em grande parte, já se satisfazem com o fato de estar na Universidade e com a possibilidade de se formarem, deixando assim as questões ligadas à qualidade dos cursos como um fator secundário, para ser discutido mais tarde, quando julgarem que possuirão condições melhores de subsistência.

Visto que boa parte dos acadêmicos de Educação Física já estavam empregados, antes mesmo da conclusão do curso, é possível que esse fator talvez dificulte ou mesmo os impeça de fazerem a escolha pelo segmento de trabalho de sua preferência. Assim se pronunciou este grupo de professores.

“Iniciei o curso, e já estava empregada, trabalhando com Educação Física, Educação Física Escolar.” (P.03)

“Bom, após eu concluir o curso, eu ingressei já dentro da faculdade no magistério certo, e dentro do magistério você sabe, que você tem que fazer aquilo que é denominado dentro dos parâmetros curriculares, então após isto você tinha o quê, algumas opções nas modalidades que você mais praticava, que você mais tinha gosto, por exemplo o basquete, onde eu me formei era cidade pólo no Paraná, na época Arapongas tinha uma tradição enorme no basquetebol, e o futebol de salão, e o futebol de campo onde eu praticava, e você faz o que? você procura sempre aquilo que se associa no teu dia a dia, no caso meu era o futebol, o futebol de salão e o basquetebol. Mas dentro da rede pública, você sabe que

você tem que trabalhar os parâmetros, aqueles que são colocados dentro do currículo, todas as modalidades.” (P.12)

“Por que na época, eu já trabalhava com Educação Física ... (P.13)

Existe, além disso, uma professora, cujo objetivo de trabalho era uma área especial, trabalhando com portadores de necessidades especiais.

“Eu fiz o curso em função da natação com deficiente físico, para trabalhar com deficiente físico.” (P.10)

Uma parcela menor tinha como intenção realmente trabalhar na escola. Entretanto, isto não significa que a Educação Física escolar fosse o seu objetivo, pois quando formos verificar mais adiante de forma comparativa entre o treinamento esportivo e a docência em Educação Física aonde esses professores encontram maior realização pessoal, veremos que o treinamento desportivo é o que os realiza mais, ou pelo menos tanto quanto a aula de Educação Física.

Assim, nestes casos atrelamos duas perguntas, posicionadas em sequência, e que se referem ao local onde pretendiam trabalhar após a conclusão do curso de Educação Física. E ainda, comparativamente entre trabalhar como professor de Educação Física e técnico desportivo, o que os realiza mais pessoalmente.

“Aula, na escola.” (P.06)

“Como treinamento, porque você vê o resultado mais sério, mais imediato, nas competições que você vai, você se realiza.” (P.06)

“Após concluir o curso, lógico a gente sempre sonha com um colégio de condições, com aquelas condições que a gente teve na faculdade e hoje em dia são poucos os colégios que a gente observa que contem estas condições, que dão estas condições para o professor.” (P.09)

“É claro que o técnico desportivo, eu acredito que seja pelo nosso sistema de ensino que é meio falho. Porque no técnico desportivo, você, a tua clientela é restritamente aqueles que gostam da modalidade, aqueles que só vão no treinamento por que eles estão mesmos dispostos a realizar aquilo que é passado a eles, já no sistema de aulas de Educação Física, infelizmente, não dá opção para o aluno para que ele realize naquele bimestre, aquele conteúdo que ele gostaria, então é um nó, nas aulas de Educação Física nós acabamos tendo uma mistura de alunos e principalmente também idades defasadas de alunos mais velhos, freqüentando séries, é alunos com idades mais avançadas, repetindo as séries e principalmente isto no Estado acontece muito, e isto acaba as vezes que a nossa aula, não seja aquela que a gente sonha.” (P.09)

“No Mato Grosso do Sul, Campo Grande, já voltado para a escola mesmo.” (P.16)

Realização pessoal com aula, prefiro trabalhar com aula, agora, bem dividido, eu gosto de trabalhar 50% com aula, 50% com treinamento até esta faixa etária de jogos da juventude, em torno de 17 anos, adulto, já trabalhei com treinamento adulto, não gostei e em sala de aula também me realiza bastante.” (P.16)

E alguns professores realmente fazem a opção por trabalhar com a Educação Física escolar.

“Sempre pretendi trabalhar em escolas, desde que comecei a faculdade, nunca me atraiu academia, tive já a oportunidade de ir, mas não, inclusive não fiz cursos específicos na área de academia porque não me interesse por esta área, então seria nas escolas mesmo que eu sempre pensei em trabalhar.” (P.19)

Era dar aulas mesmo, lecionar, depois que eu terminei o curso de Educação Física, mais do que nunca ficou claro que para mim, que a minha área realmente, era a área de Educação, de ministrar aulas e depois eu fui para o ramo de academia, como uma opção social, que não tinha aqui em Pato Branco. Praticamente fui a primeira a montar uma academia e fazer um trabalho dentro dessa área, mas a minha grande paixão é dar aulas.” (P.20)

Outra questão que fica bastante evidenciada, é a facilidade de se conseguir emprego na área de Educação Física, pois apesar do alegado excesso

desses profissionais, grande parte dos acadêmicos conseguem alguma espécie de emprego já durante a realização do curso e ao término do mesmo, continuam a exercer a mesma ocupação ou passam para outros espaços dentro dessa área de atuação. Os acadêmicos que não se empregam no transcorrer do curso, tão logo se formam acabam conseguindo emprego; Dos vinte e dois professores entrevistados, nenhum revelou grande dificuldade em conseguir empregar-se. Apenas um professor ficou nove anos sem trabalhar com Educação Física, mas por opção própria, já que tinha outro ramo de atuação.

Entretanto, o fato de conseguir empregar-se ainda durante o transcorrer do curso, ou logo após a formatura, pode acabar escondendo uma outra dificuldade que é conseguir bons ganhos salariais. A grande maioria para poder ter um padrão de vida satisfatório (em comparação com a miséria do povo brasileiro), tem normalmente mais de um emprego e alguns revelam-se verdadeiros “mágicos”, trabalhando em quatro ou cinco atividades regulares diferentes. Ainda encontram tempo para fazer “bicos”, complementando seus salários. Esta situação de excesso de trabalho, se não é a causa principal, pelo menos contribui muito para que a qualidade desse trabalho exercido pelo profissional de Educação Física se reduza acentuadamente. Além dessa situação, cada trabalho lhes exige o máximo, como forma de ser um profissional comprometido, assim:

Muitos profissionais fazem mal o seu trabalho, menos por incompetência e mais por incapacidade de cumprirem, simultaneamente, um enorme leque de funções. Para além de dar aulas, devem desempenhar tarefas de administração, reservar tempo para avaliar, reciclar-se, orientar os alunos e atender os pais, organizar atividades várias, assistir a seminários e reuniões de coordenação, de disciplina, ou de ano, porventura mesmo, vigiar edifícios e materiais, recreios e cantinas (Esteves, 1991, p.108).

Esta conjugação de fatores acaba tornando a escolha da profissão de Educação Física uma grande “cilada”. As pessoas que optam por essa carreira pensando em ser grandes técnicos e assim se tornarem cidadãos respeitados dentro do sistema capitalista, ao se defrontarem com a realidade, acabam descobrindo que o mito da ascensão social e econômica pelo esporte é tão irreal para o técnico, quanto para o atleta.

... ao Esporte enquanto meio de ascensão social, através do qual, a visão dominante, servindo-se de exemplos isolados ... buscam justificar a ascensão social por meio do esforço individual e do talento, segundo eles inato ao homem e por isso mesmo nele fluindo naturalmente e não por razões de ordem sociocultural. Ao prevalecer tal entendimento ... configura-se a utilização do esporte no mascaramento da estratificação, em classes sociais, da estrutura de nossa sociedade, daí originando-se o reforço ao ocultamento dos conflitos dela derivados face aos interesses antagônicos que permeiam as relações sociais numa sociedade classista (Castelani Filho, 1988, p.198-9).

Assim, na grande maioria dos casos, até mesmo para poder sobreviver os futuros técnicos, acabam tornando-se professores de Educação Física a contragosto, tendo que dedicar grande parte do tempo de sua vida profissional a uma atividade, a qual não escolheram, para a qual não se prepararam e, na qual conseqüentemente, não se realizam.

A totalidade dos profissionais de Educação Física entrevistados, atuam dentro da escola ministrando aulas da disciplina de Educação Física, sendo que a maioria trabalha na rede estadual e uma parcela de professores está na rede federal, dentro do CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), na unidade de Pato Branco. É preciso evidenciar que para a maior parte destes professores este não é o único emprego que lhes garante a sobrevivência e para grande parte também não é o mais bem remunerado. Entretanto, em função da estabilidade no

emprego e do salário que embora não seja o desejado, pode ser acrescido com algumas vantagens em função das possibilidades criadas pelos planos de carreira. Assim, ninguém se mostra disposto a “abrir mão”, de ter pelo menos um padrão no Estado ou no nível federal.

4.3 - COMO OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA VÊM SUA PROFISSÃO

Quando questionados de forma comparativa sobre a estabilidade e a remuneração, entre o trabalho de técnico desportivo e professor de Educação Física na escola, a profissão de professor traz uma grande vantagem em relação à estabilidade no trabalho, pois a função de técnico mostra-se muito atrelada a resultados. Em relação à parte salarial também parece ser vantajosa a função de professor de Educação Física, mas baseando-se principalmente na questão da garantia do salário. O técnico desportivo para ser bem remunerado, além de depender sempre dos resultados imediatos, ainda precisa trabalhar dentro do chamado alto nível, o que se torna realidade para bem poucos.

A questão da estabilidade, da garantia do emprego é, com certeza, o grande atrativo da profissão de professor na escola pública e, em consequência, do professor de Educação Física na escola pública. Dos professores entrevistados, ninguém elegeu a profissão de técnico desportivo como estável. Para a função docente em Educação Física, apenas um pequeno grupo mostrou-se confuso com as mudanças nas regras da estabilidade do funcionalismo público, achando que, no momento, não possuem quase nenhuma segurança, como podemos notar a seguir.



“Tenho pouca, passei no concurso de noventa e seis e até agora não fui chamado. E com estas mudanças de governos e mudanças de cargos e salários, a gente está sempre instável.” (P.01)

“Eu acho que, agora ninguém tem, com essas novas leis que estão surgindo, que tudo que eles podem tirar de nós, estão tirando, em todos os sentidos na escola, salário diminuindo, não temos segurança nenhuma, uma hora você pode estar aqui, amanhã podem te mandar embora. Eu acho que a estabilidade vai se mostrar tua capacidade e por aí você vai poder ficar no teu lugar, onde você está, caso contrário, não mostrando serviço, apesar de que a cobrança não é muita também.” (P.07)

“Estabilidade hoje é uma palavra que não existe mais, mesmo no Estado, a gente tem dois padrões e não dá jamais para você contar com a estabilidade.” (P.09)

“Sem sombra de dúvida a estabilidade, você veja bem, o processo que nós estamos passando aqui na rede pública é, é o que o governo quer colocar esse PLADEPE²⁷, quer dizer, um plano totalmente em cima do neoliberalismo, tirando As conquistas que nós tivemos durante os anos ...” (P.12)

Todos os demais entrevistados concordam que o professor de Educação Física tem uma estabilidade maior, e ainda que haja alterações nas políticas referentes à questão da estabilidade, ela não é completamente comprometida. Isto fica evidenciado na fala de dois dos professores que dizem.

“Estabilidade profissional você encontra como professor, porque a gente ainda que as coisas possam haver mudado, mas a gente tem um concurso, tem esta estabilidade ainda, dentro do Estado você tem a estabilidade, você, eu posso ser efetivo, você não tem como perder tuas aulas, já como técnico se você trabalha dentro destes colégios, um ano você tem as aulas especializadas para treinamento desportivo, o ano seguinte não tem, aí você tem que

²⁷ PLADEPE, que vem a ser o Plano de Desenvolvimento de Pessoal da Educação, é uma iniciativa do Governo do Estado do Paraná, gestão do Governador Jaime Lerner, através da Secretaria de Estado da Educação, que vem gerando polêmica no setor educacional. Enquanto o governo define como objetivo supremo do PLADEPE, conseguir a harmonização de todos os protagonistas envolvidos no projeto educacional público do Estado, a APP-Sindicato acusa de ser mais uma manobra para retirada dos direitos conquistados pelos trabalhadores em educação, durante anos de luta.

inventar maneiras para que você possa dar continuidade no teu trabalho como técnico.” (P.13)

“Hoje está mudando bastante esta questão da estabilidade, mas é lógico que seria no campo da escola, você é efetivo, você tem padrão, esta segurança, já o treinamento desportivo vai muito do local que você está trabalhando, se é prefeitura, se é clube e principalmente de resultados, trabalharia muito em cima de resultados.” (P.16).

Dentre os discursos, alguns são significativos por atribuírem a questão da existência da estabilidade ao cargo de professor de Educação Física, em função de que a Educação Física escolar legalmente deve existir e com isto há uma impossibilidade (neste momento) da extinção do cargo de professor desta disciplina, sendo que o treinamento na escola já depende de uma política de governo e, portanto, pode ser extinto a qualquer momento (aliás, esta é uma situação vivida dentro da rede pública escolar no estado do Paraná, no ano de mil novecentos e noventa e nove). Enfatiza-se também que a instabilidade do técnico está ligado à questão do imediatismo de resultados.

“Como professor, o professor é aquela história se você tem um padrão de quarenta horas aula, se você está dando as quarenta horas aulas, você é uma pessoa concursada você tem esta estabilidade, já o técnico em determinados locais se você não mostrar um resultado positivo para a entidade, o clube, a escola, procura-se outro.” (P.04)

“Estabilidade de emprego, na escola também, porque a escola não depende de resultados, já se você estiver em uma equipe esportiva de ponta, se você não ganhou, você já está fora.” (P.06)

“Eu acho que como professor, porque o técnico vive de resultados, ninguém está interessado em fazer uma equipe que não seja vencedora.” (P08)

“A segurança com certeza vem na escola, escola pública que tem mais segurança, por que eu sou concursada, e isto me dá uma estabilidade, me dá uma tranquilidade para eu trabalhar.” (P.14)

“Como professor de Educação Física, por que, que nem olhe, falando em escola pública, quem trabalha em escola pública com treinamento, se você for esperar por hora treinamento do Estado, este ano nem saiu, o ano passado foi sair um mês antes dos jogos. Segurança é na escola.” (P.17)

“Ai eu acho que você já parte para o lado de professor, onde você tem uma escola pública, onde você tem o seu padrão, digamos assim, você tem muito mais segurança para trabalhar, por que na área técnica, você depende muito do trabalho, depende muito do dinheiro, porque uma equipe precisa ter condições financeiras, para ter como fazer um bom trabalho.” (P.18)

“Como professor, porque mesmo nas escolas, as aulas treinamento aparecem de vez em quando e aulas de Educação Física tem sempre.” (P.22)

Quanto à questão salarial, é possível dividir os profissionais entrevistados em quatro grupos. Esta questão ganha importância já que “... nos tempos atuais, o *status* social é estabelecido, primordialmente, a partir de critérios econômicos ...” (Esteves, 1991, p.105). Um primeiro grupo acha que em nenhum destes dois segmentos há uma boa remuneração, e sim que ambos estão desvalorizados.

“Só amor mesmo, nenhuma...” (P.01)

“No Estado o retorno financeiro, é dá para comparar com aquele técnico que ainda trabalha por amor a camisa, porque infelizmente no Estado não há uma compensação financeira por aquilo que o professor faz.” (P.09)

“Eu acho que nenhum dos dois campos é valorizado em termos financeiros, nós ainda não temos uma valorização financeira de acordo com a nossa profissão, isto aí faz com que o professor se sobrecarregue demais de atividades e daí ele deixa um pouco a qualidade do trabalho, no momento em que ele tiver um melhor salário, ele poderá optar em ser um melhor profissional dentro de uma carga horária menor.” (P.15)

“Como professora estatutária de Educação Física não, você veja que vergonha que é, dos dois eu vejo mais o lado emocional, o lado pessoal, lado espiritual, essa realização, mas se você observar bem em termos de valorização profissional, em nenhum dos dois eu vejo, então você tem que encarar por aí, por que não tem outra saída, hoje eu tenho vinte e um anos de Estado não sei porque, nem tem razão, então você fica durante este tempo, você ficou, eu fiquei esperando que melhorasse ou fazendo dentro da minha possibilidade a minha parte, mas existem mas existem partes que não são da nossa alçada e sim a nível de governo, então não vejo nenhum dos dois sabe, retorno não nem como técnico nem como professor.” (P.20)

“Retorno financeiro, este é complicado. Porque a profissão de professor hoje é como se fosse um ‘penduricalho’, ela não é levada a sério como deveria, e todo o futuro de uma nação sempre esteve baseado na Educação, e como a Educação, a nível de Brasil, hoje ela não é levada a sério como deveria e consequentemente os professores, os profissionais que trabalham na Educação não são considerados, e com isto o lado financeiro fica prejudicado, lógico que existem aqueles que a gente diz que dão certo, mas é uma minoria, o retorno financeiro não está bom, eu acho que deveria ser bem melhor, bem melhorado, Por que é na Educação, consequentemente na Educação Física, através de toda a movimentação que ela exerce, o retorno financeiro deveria ser bem melhor...” (P.21)

Um segundo grupo de professores de Educação Física, admite uma dificuldade para responderem a este questionamento, por terem atuado a nível técnico apenas na escola ou por estarem afastados da área de treinamento e por não acompanharem a discussão sobre esta questão. Também por acharem que isto varia muito em função do local de trabalho ou ainda da valorização social da própria modalidade em que o técnico trabalha.

“Olha, eu fui técnica da FESPATO²⁸, ganhava muito pouco, mas fui técnica porque eu gosto, agora se fosse ver o lado financeiro, o

²⁸ FESPATO - A Fundação de Esportes de Pato Branco, foi constituída nos termos das Leis n.º 846, de 1º de junho de 1989 e 895 de 3 de abril de 1990. A fundação tem por finalidade planejar e executar a política municipal de esportes, com base em uma estrutura de lazer e educação física não escolar, através de atividades esportivas, recreativas, expressivas e motoras. (Estatuto da Fundação de Esportes de Pato Branco, p.1).

tempo que eu era técnica lá, eu ganhava mais no Estado do que lá sabe, agora eu não posso dizer como é que está um técnico e quanto ele está ganhando, Estado também, olhe quanto tempo sem aumento, cinco anos, estou no último nível, ganhando setecentos e vinte e um reais com pós graduação e tudo. Eu acho que não é o certo, pelo que se fosse comparar hoje com o que o professor ganhava a vinte anos atrás, é difícil aceitar as condições em que nós estamos, recebendo um mísero salário.” (P.07)

“Olha é difícil Marcos eu te falar, hoje, eu estou fora do treinamento a algum tempo, trabalhei o ano passado pelo próprio Estado, com aula treinamento, então o valor era o mesmo, agora, é lógico o reconhecimento financeiramente é como técnico desportivo, agora vai muito também da onde você está trabalhando, da modalidade, a modalidade que eu trabalho tem pouco reconhecimento, com certeza o treinamento, o valor também seria abaixo de outras modalidades, eu acho que é igual.” (P.16)

“Como técnico eu não conheço muito, porque sempre que eu trabalhei como técnico recebia o mesmo que para ser professor, por que o treinamento era escolar e recebia por hora aula, então eu não saberia responder por que não acompanho por exemplo o salário de um técnico que vive fora da hora aula.” (P.19)

O terceiro grupo considera que no treinamento desportivo é que se pode conseguir uma maior compensação financeira, porém, apenas no chamado alto nível. Os próprios professores além de considerarem muito inseguro, o esporte de “ponta”, ainda reconhecem que é para apenas uma minoria, constituído por um grupo seletivo de treinadores que conseguiriam atingir este patamar e o almejado retorno financeiro.

“Eu nunca tive retorno financeiro com equipe, quando eu trabalhei nunca tive, talvez se fosse em um nível maior tivesse, mas se for é uma coisa muito complicada, muito difícil, que cada mil, um chegue lá, mas eu nunca tive.” (P.02)

“Na situação do funcionário público não vai mudar você sendo técnico ou professor, mas em outras áreas seria o técnico, se tivesse uma equipe competitiva, de nível, de ponta, nas finais do campeonato, seria bem maior que o professor. Professor é aquilo e pronto, o técnico se estiver ganhando começa a crescer.” (P.04)

“Treinamento desportivo de alto nível dá mais retorno do que trabalhar na escola.” (P.06)

“Acho que retorno financeiro, sem dúvida é o técnico desportivo, se ele conseguir se colocar bem, ele vai conseguir ter um retorno, porque no colégio como professor de Educação Física é o mesmo nível no Brasil todo, você consegue melhorar um pouco, você não, você vai crescendo como profissional mas o teu salário nunca vai crescer de acordo com o teu crescimento e como técnico você já pode ter, em alguns esportes também.” (P.14)

“Na área técnica você tem mais retorno, mas ela é muito rápida, se você estiver bem, a equipe estiver bem, onde você for trabalhar, você tem um retorno financeiro maior, mas não é uma constante, de repente dois, três meses você pode perder o emprego, digamos assim, hoje você ainda tem que optar por um órgão público.” (P.18)

Professor, por ter mais segurança profissional, o técnico tem que sempre apresentar bons resultados. Estou colocando a comparação de professor e técnico em relação a escola de ensino fundamental e médio, pois técnicos de alto nível, como futebol, clubes, etc., ganham bem (alguns) sempre quando mostram bons resultados.” (P.22)

Finalmente no quarto grupo, os professores acham que o retorno financeiro é maior como docente de Educação Física. Este grupo considerou a questão do técnico desportivo apenas dentro da escola pública. Desta forma, ganhando por hora aula, a remuneração seria a mesma; porém, para a função de professor aparecem algumas garantias maiores, já que no estado do Paraná a função de técnico desportivo na escola (que existia até o ano de 1998 e deve retornar no ano 2000), funcionava como projeto, não dando direito ao décimo terceiro salário, férias e outras vantagens que estão incorporadas ao salário do professor de Educação Física. É necessário dar destaque à questão salarial pois, “o

estatuto social e econômico é a chave para o estudo dos professores e de sua profissão” (Nóvoa, 1991, p27).

“Professor tem um salário regular, de regular para ruim, mas é um salário constante, o técnico é se ele ganha, ganha bem, se ele perde está desempregado.” (P.08)

“Dentro da escola, Estado, essas coisas é melhor como professor. Por que hora atividade você sabe que não tem para o treinamento, o governo acabou com a parte técnica da escola. Dentro da escola é até melhor como profissional ser professor.” (P.10)

“Eu nunca reclamei assim do meu salário, mas treinamento é uma vergonha, tanto é que este ano nem saiu, quer dizer, se eu estiver dependendo só dessas aulas de treinamento, por exemplo, esperando que viesse, abrisse projeto, péssimo. Aula vai, porque tem padrão, porque tem um plano de carreira, eu tenho padrão sou efetiva, isso aí vai.” (P.11)

“Retorno financeiro, se você pensar com a estabilidade que você tem como professor, então você sabe que mensalmente você tem o teu lado financeiro sempre em dia até o momento, você tem as tuas férias, você tem todos os benefícios que a carreira de professor te deixa, como técnico desportivo aliado ao lado de colégio, que é o que você pede, então você tem o financeiro igualmente, mas chegou final de temporada, chegou dezembro, você perde tuas aulas treinamento e a coisa para por ali, então estabilidade e retorno financeiro levado ao âmbito do Estado seria como professor de Educação Física.” (P.13)

“Se for levar em consideração só na escola pública é evidentemente como professor.” (P.17)

Como questionamentos chaves para este trabalho, era necessário considerarmos primeiramente em que segmento, como técnicos desportivos ou como professores de Educação Física, estes profissionais entrevistados encontravam maior realização profissional e também comparativamente entre estas duas formas de atuação, em qual delas se poderia ter um maior reconhecimento profissional.

Em relação à realização pessoal, grande parte dos entrevistados declarou que era como técnico desportivo que encontravam maior realização profissional, e tinham, de uma maneira geral, bastante clareza do porquê isto acontecia.

“Técnico desportivo, acho que porque, para mim abriu minhas portas, e eu tento desenvolver um trabalho meu pessoal, trabalho que eu sempre tive na minha cabeça, desde a época que eu fiz faculdade, desde o tempo que eu fui atleta, então eu me sinto bem, mas como dar aulas assim eu tenho me saído bem, tenho sempre me esforçado, procuro realizar o meu trabalho como o aluno deve ser. Os dois lados tá bom, mas o que me realiza mesmo é treinamento desportivo.” (P.01)

“Encontro mais dentro da área técnica, com equipes, porque ali eu me sinto melhor, eu acho que é aquilo que eu sei fazer melhor e onde se vê resultados imediatos, a conquista na competição, uma coisa assim.” (P.05)

“Como treinamento, porque você vê o resultado mais sério, mais imediato, nas competições que você vai, você se realiza.” (P.06)

“É claro que o técnico desportivo, eu acredito que seja pelo nosso sistema de ensino que é meio falho. Porque no técnico desportivo, você, a tua clientela é restritamente aqueles que gostam da modalidade, aqueles que só vão no treinamento por que eles estão mesmos dispostos a realizar aquilo que é passado a eles, já no sistema de aulas de Educação Física, infelizmente, não dá opção para o aluno para que ele realize naquele bimestre, aquele conteúdo que ele gostaria, então é um nó, nas aulas de Educação Física nós acabamos tendo uma mistura de alunos e principalmente também idades defasadas de alunos mais velhos, freqüentando séries, é alunos com idades mais avançadas, repetindo as séries e principalmente isto no Estado acontece muito, e isto acaba as vezes que a nossa aula, não seja aquela que a gente sonha.” (P.09)

“Sem sombra de dúvidas é como técnico desportivo, se eu pudesse optar em fazer as minhas 40 horas somente como técnico desportivo com certeza deixaria de lado este lado de professor de Educação Física, por que eu gosto de trabalhar, formar atletas e ter equipes, participar de disputas, campeonato, campeonato

estadual, é realmente onde eu me enquadro perfeitamente, onde eu me realizo mesmo.” (P.13)

“No treinamento desportivo você tem um resultado mais imediatista, é mais rápido o resultado e eu acho que isto trás, você acaba tendo uma realização maior.” (P.14)

“Olha, realização pessoal é na área técnica, realmente eu me identifico muito mais com a profissão, como tem dez anos, que eu sou técnico de futebol de salão, e digamos assim, era sempre o sonho desde que eu estava fazendo a faculdade, era realmente ser um técnico de futebol de salão.” (P.18)

“Para mim é como técnica, porque você vê o rendimento e é muito gratificante, mas ‘rouba’ muito o seu tempo.” (P.22)

Temos ainda professores que, quando indagados, dizem que a realização deveria ocorrer como professor de Educação Física, porém confessam ser como técnico desportivo a sua verdadeira realização.

“Olha, eu me realizei bem como técnico, mas depois com essa grande defasagem de atletas na escola, tem que retornar muito para a aula mesmo. Mas técnico é uma coisa que se vê resultados, num trabalho crescendo na tua mão, um trabalho que vê o resultado e depende muito de você e claro na frequência dos atletas no treinamento. Você vê o resultado crescer, aula de Educação Física, duas vezes por semana, tem gente que não está nem aí, então você não vê o crescimento tão grande.” (P.04)

“Eu gosto bastante da parte técnica pessoalmente, mas eu acho que a gente tem mais função como professor, principalmente para crianças menores, mesmo que até por uma questão, na competição em si, eu acho que todos nós gostamos, acho que a função maior para nós, seria na parte educacional e principalmente nas séries iniciais, coisa que, via de regra, a gente vai fazer o inverso, a gente vai para o 2º grau, 1º grau em diante.” (P.08)

Um professor entrevistado, que já tendo passado pela função de técnico desportivo, considerou que, neste campo, teve grande realização pessoal por ter atingido bons resultados em competições e galgado degraus na carreira de técnico, o que segundo ele é um fator positivo de realização. No momento atual de

sua vida por não exercer mais a função de técnico desportivo, encontra sua realização pessoal dentro da área de administrador de esportes. Entretanto, no momento desta resposta este professor acaba se confundindo, pois este cargo é exercido em escola particular e a proposta de trabalho se faz em função da escola pública. O registro precisava ser feito, bem como especificar que em nenhum momento a sua realização profissional se deu dentro da Educação Física escolar.

“Pelo tempo que eu tenho de graduação, eu já passei pela primeira fase que era de técnico desportivo, me realizei muito pessoalmente, porque consegui atingir um estágio até bem alto, eu consegui trabalhar em grandes clubes de natação do Paraná, consegui trabalhar em grandes clubes de voleibol. Como técnico, fui técnico da Seleção Paranaense de natação, participei dos jogos universitário, jogos escolares como técnico e me realizei profissionalmente. Porque, só o fato de você ser técnico na seleção, é sinal de que o teu trabalho está sendo reconhecido, então pessoalmente para mim é muito gratificante ter passado por esta fase. Com o passar do tempo e com a atividade que eu fui exercendo, eu resolvi me especializar na área administrativa do esporte e graças a Deus se não estou plenamente realizado, que sempre falta alguma coisa para se realizar plenamente, no plano pessoal eu estou muito de encontro hoje, numa base muito boa, Em função de ter conseguido um objetivo dentro de um colégio particular” (P.21)

Ocorreram dois depoimentos com enfoques diferenciados dos demais, o que os tornou bastante interessante. Houve uma professora que julga não encontrar realização profissional em nenhum dos dois segmentos de trabalho (técnico e/ou professor de Educação Física).

“Eu acho que em nenhuma, a realidade de hoje, eu já atuei nos dois, como professora de Educação Física em sala de aula, aula, aula... eu não me realizo, o sistema de aula como é dado, como é aplicado, como tem sido aplicado eu acho que precisa mudança urgente, que a gente está ‘matando’ tempo, que a gente dá aquilo por que alguém falou que era para dar, não sabe nem exatamente porque, não tem um objetivo. E como técnica eu também tenho as minhas restrições, já fui técnica e hoje eu me pergunto, porque de

equipes, porque tá, ganhou... e daí? Porque de tanto me dedicar, fiquei frustrada com a 'roubalheira', sem vergonhice dentro de equipes, e eu também acho que não vale a pena, eu hoje estou bem voltada para o esporte saúde, para uma atividade visando isso, não me agrada nem a competição, e nem o estilo que está sendo dado em sala de aula." (P.02)

Também tivemos uma professora, que declarou não ter parado ainda para pensar sobre esta questão; ela está formada desde o ano de 1996, e já exercia um trabalho dentro do campo da Educação Física durante o seu tempo de acadêmica. Assim, fez algumas considerações, concluiu que havia uma diferença porém não conseguiu expressar claramente qual o seu campo de realização pessoal.

"Aonde, eu nunca parei para pensar onde eu mais me realizo, ser técnico, eu gosto de iniciação, mas é uma coisa que dá mais assim, dá mais emoção, porque é jogo, é competição, mas, mas qual dos dois, qual é a diferença entre os dois..., é que treinamento, quando você participa de competições você está nos jogos, Educação Física não é sempre assim aquela competição, aquilo lá que você quer ganhar ou perder, mas é participação, é fazer aluno..., é diferente." (P.17)

Para um grupo de profissionais é possível encontrar a realização profissional em ambos os casos, quer atuando como técnico desportivo, quer atuando como professor de Educação Física. Para este grupo, há determinadas vantagens que só aparecem quando está exercendo a função docente, porém há outras que só são possíveis de serem atingidas pelos técnicos desportivos.

"Eu não senti tanta diferença, porque como professor a minha realização maior é me dar bem com os alunos, e isso eu sempre tive, relacionamento bom tá, e também na aula propriamente dita, você vai lá, planeja sua aula, você vai lá, dá sua aula, você não tá ali dando a tua aula para alcançar um objetivo assim, que eu digo, que o aluno vai ser um atleta ou coisa assim, você tá lá para que o aluno aprenda, mas ele vai aprender, conforme ele consiga se adaptar, aquilo que você está dando, eu não posso exigir do aluno,

além do que ele pode me dar, um retorno e como técnica você está ali para conseguir um objetivo, que o aluno, eu fui técnica de natação, o meu objetivo era que os nadadores chegassem a um tempo, por exemplo, eu queria que eles chegassem a um tempo para que eles se classificassem para irem para o juventude, eles tinham que chegar lá, então para mim, cada dia que o tempo deles diminuía, para mim era uma vitória, mas eu acho que não há tanta diferença assim numa realização de ser técnica e ser professor, porque eu acho que a realização do professor é conseguir alcançar o objetivo, tanto como professor normal na sala de aula ou como um técnico, eu pelo menos penso assim.” (P.07)

“Já fui técnica. Realização pessoal se você for ver a parte do aluno é o professor de Educação Física, se você for ver em rendimento é como técnico.” (P.10)

“Realização pessoal com aula, prefiro trabalhar com aula, agora bem dividido, eu gosto de trabalhar 50% com aula, 50% com treinamento até esta faixa etária de jogos da juventude, em torno de 17 anos, adulto, já trabalhei com treinamento adulto, não gostei e em sala de aula também me realiza bastante.” (P.16)

Dentre os profissionais que expressaram ser como professores de Educação Física que encontravam maior realização profissional, alguns deixam transparecer, nas suas falas, algumas dúvidas e os motivos apontados para esta realização são bastante truncados.

“Olha, deixe eu pensar... eu acho que na escola me realizo mais, porque, pela forma com que a gente trabalha. Eu acho que consigo passar, aquilo que eu acho que eles devem ter conhecimento a respeito da Educação Física da disciplina Educação Física, eu consigo passar na escola. E como técnica era mais difícil, porque muitas coisas não dependiam da gente.” (P.03)

“Não sei, não sei, treinamento desportivo, até pouco tempo atrás era treinamento desportivo. Porque eu encontrava assim um grupo menor, um grupo elitizado, a gente se relaciona mais intimamente, porque você acaba indo para jogos, você fica uma semana, duas. Mas hoje em dia, hoje, eu acho que é professor de Educação Física, eu tenho nove anos que eu trabalho com treinamento, estou cansada, acho que enjoiei, mais é professor. Porque a minha situação de hoje, me permite me relacionar e me compatibilizar melhor como professora.” (P.11)

"Eu me encontro mesmo como professora de Educação Física, como técnica não tive assim muito incentivo, vontade até mesmo de trabalhar, é como professora mesmo a minha realização, agora como técnico desportivo o retorno financeiro é muito baixo, como profissional acho que você é muito desvalorizado, não é uma área que me atrai, não só pelo lado financeiro, mas é muita batalha, é o tempo que você dedica que é muito grande para pouco retorno financeiro, então, é uma também das opções que eu não procuro, você não é valorizado pelo que você merecia receber." (P.20)

E é possível encontrar professores, que atuam com seu pólo de realização pessoal voltado para a Educação Física Escolar, e que com facilidade conseguem descrever os motivos que levam a isto.

"Eu acho que no campo educativo, por que no campo técnico, você atende um grupo muito seleto de pessoas e no campo educativo você atinge um grupo grande e com uma heterogeneidade imensa, e é este campo que eu acho que a Educação Física tem que trabalhar, que é para uma Educação Física para a vida, não é apenas um esporte em si, mas abrangendo vários campos, levando o aluno para uma qualidade de vida mesmo." (P.15)

"Como professor de Educação Física, porque como técnico você já tem que aperfeiçoar mais e eu gosto mais de ensinar aquele que não sabe nada, e o técnico já vai aperfeiçoar mais, então eu me realizo mais como professora de Educação Física." (P.19)

A contradição fica evidenciada em determinados momentos, como o que se segue, quando um professor declara obter sua realização pessoal como professor de Educação Física e utiliza argumentos plausíveis em defesa de seu posicionamento. Entretanto, mais adiante em sua entrevista comenta a respeito do retorno financeiro, de como alguns colegas que seguiram a carreira de técnicos, principalmente no futebol, e que através de resultados positivos conseguiram uma boa situação profissional e o quanto isso é importante na sociedade atual. Este professor tece o comentário de que se estivesse iniciando hoje sua carreira profissional, certamente estaria partindo para o lado que ele classifica como

tecnicista, pois lá estão as melhores chances e ainda que não abandona tudo (a sua profissão de professor de Educação Física) em função do tempo de serviço que tem e de sua estabilidade profissional.. Na transcrição das palavras deste professor é possível ter um maior entendimento do que ocorre.

“Olha eu já trabalhei, é como técnico desportivo, mas eu acho que a realização pessoal se dá aqui, de você proporcionar a eles entendeu, é novos conhecimentos, é estabilização que você tem com eles de conhecer a pessoa de poder transmitir um pouco daquilo que você aprendeu no dia a dia e de repente você aprende com eles também determinadas coisas, que você pode aplicar. Porque a criança tem uma criatividade, o adolescente tem uma criatividade enorme, e eu hoje estou mais voltado mesmo a questão de poder proporcionar a todos a aula de Educação Física em detrimento do treinamento.” (P.12)

“... e o quê? veja os colegas nossos que se propuseram a ser técnicos de alguma modalidade, eles correm o risco de, fazer um bom campeonato, ganhar um bom dinheiro, mas ao mesmo tempo correm o risco de ser demitido, mas eu acho que se a pessoa está começando hoje, se eu estivesse começando hoje, sem sombra de dívida partiria para o tecnicismo, eu ia trabalhar entendeu dentro do futebol, ou do futsal, porque você tem possibilidade de sair deste marasmo, que é ganhar o salário limitado que o Estado te paga, então eu acho particularmente que o tecnicismo te oferece hoje mais condições para que você possa vingar na vida, mas eu também não posso jogar para o ‘ar’, que eu tenho hoje quase 20 anos de magistério, e os dois padrões que eu tenho, que me dá uma condição de eu viver harmonicamente com a minha família, desde que, nós passamos a ter a segurança no emprego, que está sendo muito discutida aí. Deu para tu entender, eu que o tecnicismo vai te dar as condições de você ser um bom profissional e você ter uma oportunidade real de ficar rico. É só você ir para a Arábia, para o Japão, pegar uma equipe boa, mas depende do que? depende de dinheiro para você se aperfeiçoar, uma série de coisas, então você tem que se abster.” (P.12)

Fica evidenciado que para a grande maioria um maior reconhecimento profissional é encontrado como técnico desportivo, porém são os resultados que determinam este reconhecimento, “o que importa nos esportes é o



resultado; o esportista vale o que vale seu resultado, e toda a sua atividade depende de seu sucesso” (Betti, 1991, p.50). Para Betti (1991), os fatores socialmente legitimados que dão este maior reconhecimento ao técnico desportivo, são o **immediatismo** (no treinamento desportivo começamos a colher os resultados em pouco tempo, e na Educação Física temos um retorno a longo prazo). A **utilidade**, pois todos sabemos o que objetiva o treinamento, já a Educação Física ainda não tem sua verdadeira função definida e nem é possível mensurar seus resultados de imediato, a não ser que alguém se proponha a fazer um trabalho de longo prazo, seguindo a vida de grupos de ex-alunos e verificando em que lhes trouxe benefício esta Educação Física.

A competição desenfreada se estabelece no esporte, como um fator de se sobrepujar os outros e ultrapassar seus próprios limites. O alardeado discurso neoliberal de que “os competentes se estabelecem”, fica evidenciado na competição esportiva, embora da mesma forma que na sociedade, a igualdade só se dê a nível de leis, que são as regras no esporte, pois as condições de igualdade no esporte ficam limitadas a isto. A questão da “malandragem”, elevada hoje à categoria de virtude, pois caso você não seja pego roubando (o que seria desonesto), sua atitude passa a ser conotada como esperteza, astúcia, estas pseudo-qualidades que são evidenciadas no esporte e na sociedade paralelamente, parecem contribuir para legitimar do esporte nos dias atuais.

Nestas falas que se seguem podemos identificar essas idéias.

“Treinamento desportivo, na escola estadual porque, primeiro é o seguinte, na parte de Educação Física se tem dois, três professores na escola, você vai ser pouco reconhecido porque dá duas três turmas só para os professores trabalhar em cada turma na parte

de treinamento desportivo, você forma uma equipe e se esta equipe for como você planeja e estuda, ela vai representar a escola ou for bem num jogos, ela vai ser bem reconhecido.” (P.01)

“O reconhecimento com certeza é no esporte competitivo, porque as pessoas, porque aquela coisa, quem ganha é mais valorizado, existe aquela visão das pessoas nem sempre leigas, não digo só as leigas, as vezes da área mesmo, que quem é campeão, quem ganha é o bom, não importa o que tem que fazer, o negócio é ganhar, daí entra as escolas que ‘chuncham’ os atletas, professores que mandam bater, professor que é grosseiro, aluno que faz o “diabo”, o negócio é vencer e quem vence é bom.” (P.02)

“Reconhecimento, enquanto a equipe está ganhando é como técnico, depois você é mero professor e não tem reconhecimento.” (P.04)

“Na área técnica, porque praticamente você consegue participar de competição e tendo resultados você é reconhecido, e na sala de aula o reconhecimento praticamente não existe dentro da Educação Física.” (P.05)

“Eu acho que o professor deveria ser maior, mas acho que não é, não é nem pela escola, nem pelos diretores, nem mesmo pelos profissionais, até mesmo porque a gente é desacreditado como profissional. Na parte técnica é aquela história, a gente só é bom se ganha, na verdade o técnico, ele vive de resultados, ele pode ser um péssimo profissional, uma péssima pessoa, se ele estiver ganhando os jogos ele vai ser sempre um bom técnico.” (P.08)

“Com certeza o técnico desportivo, porque a própria estrutura do país hoje dá valor a quem vence, e geralmente o técnico desportivo, o vencedor, porque aquele que fica em segundo já é esquecido, terceiro, quarto então nem se fala.” (P.09)

“Técnico, porque ele é visto.” (P.10)

“Sem sombra de dúvidas no treinamento, porque nós vivemos num país capitalista certo, e este país capitalista vai ter que colocar o que? Eu só vou te colocar na vitrine quando você possa aparecer dentro da sociedade certo. Se você tem uma equipe de basquetebol, voleibol, handebol, se você tem uma escola que proporciona para você as condições para que você possa desenvolver o trabalho, daí você vai o quê? Você vai para um campeonato a nível municipal, a nível regional, a nível estadual, você vai para a mídia e com a mídia, você é uma pessoa que está na vitrine, estando na vitrine,

você é uma pessoa que, dentro do contexto social na sociedade, você é um bom profissional. Veja bem a sociedade hoje em dia, tem o professor de Educação Física como aquele homem alto, forte, musculoso e perfeito ser humano. Eu te pergunto o seguinte: isso quer dizer que é tudo e qualquer pessoa usufrui uma profissão ela tem que ser um estereótipo daquilo que ela é? não. Isso quer dizer que o médico não pode morrer de enfarto do coração? possa ser que um advogado não possa errar numa causa? ou o dentista não possa errar num determinado tratamento? Como o professor de Educação Física pode, perfeitamente ser baixinho, gordo, entendeu e proporcionar um bom trabalho. Desde que você escolha uma linha de produto, você quer o quê? Quer um treinamento, então você vai para o competitivismo certo, você quer uma linha histórico-crítico, você vai para o outro lado. Agora se você quiser uma linha onde você pode proporcionar aqui na escola nova, que é uma escola democrática, é fazer com que todos participem, OK.” (P.12)

“Eu acho que é como técnico, quer ver, se você for levar em consideração, por exemplo, depois que você, eu vou falar por mim, pela minha experiência do ano passado, eu trabalhava no CAIQUE e trabalhei dois anos e meio com treinamento lá, competindo contra o Mater Dei, no Colégio das Irmãs, que sempre perdia, durante dois anos, a gente fez um trabalho, daí chegou o ano passado até levaram muitas atletas minhas, deram bolsa de estudo, daí chegou na final dos jogos e a gente chegou a ser campeão, ali foi, sei lá, eu acho que foi, como reconhecimento foi uma grande conquista em termos de escola pública, como escola pública foi uma grande vitória, por que competir com escola particular, sem condições nenhuma, e foi campeã nas classes A e B, em termos de reconhecimento ...” (P.17)

“Sem dúvida nenhuma é a área técnica, de técnico desportivo, você tem um reconhecimento maior, digamos assim, com a sociedade num todo.” (P.18)

“Como técnico, por causa dos resultados que aparecem mais, se você trabalhar como professor, você pode fazer um trabalho as vezes excelente, ele não aparece tanto, como técnico se você ficar campeão de um torneio, você vai aparecer no jornal, televisão, depende do que for, acho que o reconhecimento profissional é maior como técnico.” (P.19)

“Como técnico, quando você e sua equipe mostram bons resultados em competições.” (P.22)

Temos ainda alguns professores que acham que o reconhecimento profissional pode vir nas duas áreas de atuação, mas que, em suas falas, evidenciam que ele é maior no treinamento desportivo. Isto se dá em consonância com a sociedade, dentro da qual “é preciso vencer, acima de tudo, vencer. Vencer no esporte e vencer na vida. Mas acontece que nunca perguntamos a nós mesmos o que é realmente vencer na vida” (Medina, 1985, p.33).

“Reconhecimento profissional, você tem como professor de Educação física também, você faz um trabalho... mas não aparece tanto quanto um técnico, isto se você for um técnico vencedor seria um ponto e mesmo um técnico que você trabalhe digamos na formação do atleta aí você tem, surgem atletas, os atletas vão seguindo para frente aí você tem um reconhecimento maior como técnico desportivo do que como propriamente dito professor.” (P.13)

“O reconhecimento profissional, eu acho que o técnico deve ter mais reconhecimento, principalmente quando ele alcança bons resultados, o professor ele tem um reconhecimento através dos alunos, dos pais dos alunos, da forma como eles se dirigem quando você faz um bom trabalho, mas no campo educativo tudo é a longo prazo, então é mais difícil de ter este reconhecimento e no campo técnico, você ganha uma partida, um campeonato importante, você está na vitrine.” (P.15)

“Eu acho que nos dois lados, eu tive a oportunidade de fazer este questionamento com vários professores, na pós-graduação eu acho que a valorização na escola também existe, apesar de a gente achar que o profissional do treinamento tem muito mais valorização, ele tem é lógico um reconhecimento maior, de acordo com a modalidade que ele trabalha e de acordo com aonde ele trabalha, se é a prefeitura e investe, ele está na mídia, ele tem um reconhecimento maior, agora na escola, principalmente nesta escola que eu estou aqui, a gente tem um bom reconhecimento, independente do resultado.” (P.16)

Alguns professores acham que o reconhecimento profissional pode ser encontrado nos dois segmentos de trabalho de forma idêntica, sendo que o primeiro aponta uma tendência de um reconhecimento maior na escola e na fala

do segundo professor, fica bastante claro a questão do discurso neoliberal em torno da competência, o qual culpa a própria vítima pelo fracasso, e nunca o sistema.

“Tem escola que é como professor, tem escola que é como técnico, mas se tem que escolher um... (Alertamos, que não era necessário escolher, apenas se achasse que em um dos segmentos havia maior reconhecimento profissional) Tá, eu acho que é na escola então, porque a gente ainda encontra diretores que valorizam a Educação Física, acham que ela é importante para o aluno, que ela é necessária, que o professor tem um papel fundamental na escola, a gente se realiza.” (P.03)

“Eu acho que nos dois, porque, quando o profissional é competente, ele consegue executar a sua tarefa, o reconhecimento profissional vem naturalmente e eu acho que isto em qualquer profissão, e não seria na Educação Física que seria diferente. Eu, o meu pensamento, pode ser que existam outras maneiras de se pensar nisto, mas eu vejo que o reconhecimento profissional por parte das outras pessoas é realmente quando você mostra a tua capacidade e executa da melhor maneira possível o teu trabalho.” (P.21)

Para uma professora, não é possível definir claramente se há maior reconhecimento em alguma das áreas e qual seria ela, e para outra professora o reconhecimento não é encontrado nem dentro da Educação Física escolar, nem dentro do treinamento desportivo

“Não sei, as poucas vezes que trabalhei como técnica no Estado, eu acho que mais, nem um dos dois é mais, mais o que mais assim. Você tem contato, se é professor, que o treinamento, ninguém nem sabe o que você está fazendo, você vem aqui num horário extra-classe, as pessoas nem se interessam saber o que, que é sabe. Não sabem em que competição você participou, não nada, a não ser o diretor da escola.” (P.11)

“Esta é difícil, reconhecimento profissional eu acho que é difícil em qualquer uma das duas, tanto no treinamento, como, como professor, no treinamento porque, você se dedica, trabalha para “caramba” e as vezes, um acaso no dia do jogo, numa final, leva

tudo pôr água a baixo e o trabalho que você fez, e acaba caindo sempre em cima do profissional, e na escola por que há uma dificuldade, principalmente dos pais, dos diretores e dos demais professores de entender a Educação Física como, importante, de conseguir entender a dificuldade do professor de Educação Física trabalhar, e o trabalho que ele faz, então novamente eles vêem como, é fácil dar aula de Educação Física, no próximo vestibular eu vou fazer para Educação Física, porque é fácil trabalhar, porque não tem este monte de prova para corrigir e no que não é verdade, porque apesar de não ter prova, você tem que estar sempre pensando o que vai dar naquele dia.” (P.14)

Finalmente para dois professores do grupo o reconhecimento é maior dentro da Educação Física escolar. Estes professores reconhecem que, não é necessário vencer e conquistar títulos para ser reconhecido e sim que, “é importante que o professor tenha sempre em mente que a Educação Física implica antes e acima de tudo uma ação educativa e como tal um ato político” (Carmo, 1987, p.45).

“Dentro da escola, porque você trabalha na formação de jovens e está passando para eles no dia a dia não só a formação da vida escolar, mas como um todo.” (P.06)

“Sei lá, se há um reconhecimento, eu acho que para mim um reconhecimento melhor e maior é dentro de uma escola, porque você convive com mais pessoas, é pai, é mãe, é aluno, é professores, é uma escola em tudo, é uma comunidade e como técnico é o aluno, tudo bem daí você vai para se você consegue que teu aluno se destaque, que a tua equipe se destaque, tudo bem o teu nome aparece, mas se você não consegue que o teu time ganhe uma partida e perca, você é ‘pichado’, então eu acho que em termos de você ter um reconhecimento melhor, eu acho que é dentro da escola.” (P.07)

4.4 - Como a Direção das Escolas Vê a Educação Física e seus Profissionais

É pouco provável que consigamos entender o funcionamento de uma escola pública sem passar pela visão de sociedade e educação inerente ao seu



diretor ou diretora. A figura da direção, mais do que representar a autoridade máxima de uma unidade escolar, sob o manto da legalidade, é quem vai ter grande influência no funcionamento real de uma escola e no seu direcionamento.

Reconhecendo a representatividade da direção no processo de condução de uma escola, achamos fundamental conhecer a idéia dos diretores e diretoras a respeito da Educação Física. Não no sentido de buscar um entendimento aprofundado sobre as questões específicas da área de Educação Física, já que grande parte dos diretores não são especialistas no assunto, mas no sentido de ver se é possível estabelecer uma linha de pensamento entre os diretores, ou se o pensamento individualizado de cada um não pode ser estendido de uma forma ampla como o pensamento da coletividade dos diretores.

É preciso compreendermos que um discurso valorizante, muitas vezes, é contraditório com a prática e que é preciso captar nas condições de existência de uma prática o verdadeiro valor a ela dado dentro de uma instituição.

Com o objetivo de estabelecer um grau de valorização entre a disciplina de Educação Física e o treinamento esportivo, fomos buscar na visão dos diretores qual seria a importância da Educação Física e do treinamento desportivo dentro da suas escolas.

No discurso, ambos foram extremamente valorizados e já pode ser constatado nas falas quais são os motivos que determinam sua importância. A Educação Física pode ser vista na perspectiva funcionalista de inculcação de valores da classe dominante, como uma forma de adaptação do aluno ao sistema, na perspectiva de lazer, ou como base da pirâmide esportiva. É ressaltado também

o aspecto da formação integral, embora a especificação de como isto ocorra se torne um tanto confusa. Em relação a Educação Física,

“sendo uma prática tradicional, ela possui certas características, muitas vezes inconscientes para seus atores. Em outras palavras, existe um certo estilo de dar aulas de Educação Física, estilo que é, na maioria das vezes valorizado pelos alunos, comunidade e direção da escola” (Daolio, 1996, p.40).

O treinamento esportivo é encarado, fundamentalmente, sob o prisma da adaptação, onde os valores considerados positivos dentro da ideologia dominante são repassados, sendo principalmente o momento de selecionar os mais aptos, de proporcionar a possibilidade de sucesso aos que detêm uma maior capacidade, ficando explícita a aproximação dos ideais do treinamento esportivo com os ideais da sociedade capitalista.

... na escola o esporte é utilizado com a finalidade de dominar o aluno, ensinando-lhe a ‘regra do jogo’ (isto é, hábitos sociais): num jogo quando o apito soa é porque a criança não está atuando de acordo com o estabelecido pelo sistema. Assim, através de recompensas e punições, promove-se um condicionamento dos alunos, nas escolas, no que, a disciplina, a ordem, a hierarquia devem ser respeitadas. A questão do poder, então, fica escamoteada, posto o esporte não ter ‘finalidade utilitária imediata’” (Nunes, 1985, p.70).

Esta valorização pode ser constatada diretamente na fala dos diretores e diretoras, em relação à Educação Física.

“Bom, para mim é uma das disciplinas mais importantes que nós temos dentro da grade curricular, se não a mais importante....” (D. 1)

“A Educação Física deve ser considerada como fator essencial, não só nesta escola, mas em todas, em qualquer escola, principalmente por que o aluno vai ter a sua formação, ele vai ser encarado como um todo...” (D. 2)

“A Educação Física aqui na escola tem uma grande importância, como tem as outras disciplinas, com uma ressalva maior que eu acho, onde o professor tem um contato mais direto com o aluno.” (D. 3)

"Para mim é fundamental a Educação Física na escola, por que ela só vem a contribuir na formação da criança, do adolescente, ajuda a acrescentar em tudo..." (D. 4)

"Ela é uma disciplina tão importante quanto as outras, até em determinados casos mais importante, porque ela abrange o desenvolvimento completo, integral da criança..." (D. 5)

"A Educação Física na escola, eu sempre entendi com extrema importância, em função do tipo de atividade, do tipo de vinculação cultural que desenvolve em relação ao comportamento das pessoas." (D. 6)

"Eu acho muito importante a Educação Física, porque como nós temos a escola num bairro pobre, o pessoal aqui não tem área de lazer, então a Educação Física passa a ser o único lazer do pessoal daqui." (D. 7)

"Em primeiro lugar, eu acho que com a Educação Física na escola, o aluno aprende a determinadas coisa, em primeiro lugar o aluno aprende a se educar para um dia competir, para ele ter uma educação melhor na escola, como ele se portar dentro da quadra, dentro da parte de treinamento de esportes, e mesmo a questão do físico dele, da educação corporal dele, eu acho que é bem importante." (D. 8)

Já em relação à importância do treinamento desportivo, assim se pronunciaram os diretores entrevistados:

"Bom o treinamento desportivo no meu modo de entender, ele vem como uma complementação para as aulas de Educação Física. Nós sabemos que a aula de Educação Física não é o momento oportuno para que o professor faça este tipo de trabalho. Na aula de Educação Física o professor já detectou, observou aqueles destaques, aqueles alunos que tem uma condição maior, ou condição técnica maior, mais apurada em relação aos outros e o treinamento desportivo é de suma importância, para que o professor técnico, a escola enfim, possa dar uma continuidade dentro dessa atividade, dentro dessa característica, dentro desse potencial que os nossos alunos apresentam. Tem uma importância também bastante acentuada, em função disso, pois nós vamos oportunizar aos nossos alunos a praticarem ou aperfeiçoarem mais ainda esta técnica, esta sua parte que ele tem e que se destaca dos demais alunos, no caso de determinadas modalidades esportivas." (D. 1)

“Fundamental na questão que você consegue alguns valores de novos atletas, com a possibilidade de resultados, além de todo o esporte formativo, disciplina, hierarquia, etc. Mas num enfoque abrangente descobrir atletas em potencial que passam despercebidos.” (D. 2)

“Tem uma importância muito grande, a gente tem que saber diferenciar o treinamento esportivo das aulas de Educação Física.” (D. 3)

“O treinamento junto com a Educação Física, ele vai direcionar mais, criar um hábito de horário, ele vai determinar o que vai ser feito...” (D. 4)

“O treinamento esportivo também é importante, porque ali no treinamento esportivo a gente seleciona atletas que tem tendência, vocação para o esporte...” (D. 5)

Olha, especificamente na nossa escola ele é muito importante... Ele ajuda até na disciplina, eu acho muito válido e acho que o governo deveria trabalhar mais para isto, colocar mais professores de treinamento fora do horário da Educação Física, porque além da competição ele visa muitas outras coisas que ajudam muito os alunos” (D. 6)

É uma oportunidade profundamente necessária que a gente entende... O treinamento desportivo além de qualificar a pessoa, ele a ocupa para uma atividade profundamente salutar...” (D. 7)

Esclarecemos que, no momento de selecionar as escolas que fariam parte da pesquisa, optamos por aquelas que participaram da Fase Municipal dos Jogos Escolares do Paraná, no ano de 1998. Consideramos que isto evidenciaria a existência do treinamento desportivo, além das aulas da disciplina de Educação Física. Entretanto, durante entrevista com a direção de um estabelecimento de ensino (D.8 – que segue abaixo), torna claro que a participação em competição esportiva ou é feita sem nenhum momento de treinamento específico das equipes da escola, ou as aulas de Educação Física

tornam-se em parte ou na totalidade, momentos de treinamento desportivo. Ainda na fala desta diretora torna-se redundante que a chamada igualdade na competição esportiva, surge apenas em relação às regras serem iguais para todos dentro da competição e em cada modalidade esportiva, sendo que no resto o que define as condições de participação são condições econômicas ou boas relações com pessoas que detenham o poder.

A igualdade formal de chances da estrutura esportiva, indica para a presumível existência de uma correspondente forma de sociedade. Tal idéia nega a fundamental desigualdade de chances inerentes a sociedade capitalista e eleva o princípio esportivo da igualdade de chances a um princípio geral da sociedade (Bracht, 1997, p.29).

Enquanto determinadas escolas (particulares na maioria das vezes) chegam a contratar atletas de outras cidades para compor suas equipes, dando-lhes moradia, alimentação e até ajuda de custo (pagamento pelos serviços prestados) e toda uma infra-estrutura de treinamento e participação em competições, outras escolas podem contar apenas com a boa vontade de seus alunos. Estes se dispõem, sem qualquer preparação específica a enfrentar verdadeiras “potências esportivas” dentro de falsas condições de igualdade. Vamos ver como se pronunciou esta diretora.

“Na nossa escola, a gente nunca teve treinamento esportivo, porque infelizmente a nossa escola tem sido esquecida, vou até falar um pouquinho de, só que eu acho que é bem importante, porque assim quando existe jogos, por exemplo e os alunos vão ter que competir com outras escolas, se existisse treinamento e o professor trabalhasse este treinamento novamente na educação destas crianças, destes alunos, é acho que é de muita importância, por que o dia que ele tiver que sair de sua escola e competir com outras escolas, eu acho que ele vai estar muito bem preparado, que é o que a gente tem percebido, quando a nossa escola tem saído para competir com outras escolas, eles tem se deparado, a gente tem se deparado com vários problemas. Que é esta falta de

treinamento, porque só com as aulas de Educação Física não tem sido suficiente, principalmente nesta parte de treino” (D. 8).

Se fica caracterizado, no discurso, que tanto a Educação Física quanto o treinamento desportivo são de grande importância dentro da escola, necessário se faz saber quais aspectos seriam relevantes para que se tenha um bom profissional de Educação Física, nas áreas de Educação Física escolar e de treinamento desportivo e ainda se existem convergências ou não entre estas áreas de atuação.

Para algumas direções, os aspectos relacionados à afetividade são considerados como uma importante qualidade de um bom professor de Educação Física.

“Um bom professor de Educação Física, deve repassar aos seus educandos acima de tudo, o que eu vejo é a questão dos exemplos, eu também penso que o professor de Educação Física é o exemplo, é o espelho do aluno na escola, os nossos alunos se espelham muito, eles tem uma confiança muito grande no professor de Educação Física...tem que ter a conquista da amizade e mostrar também através de exemplos fora da escola... O professor de Educação Física é o líder na escola, tem que ser o líder...” (D. 1)

“Primeiramente eu acho que um bom professor de Educação Física, não só o de Educação Física como de todas as outras áreas, eu acho que o professor tem que gostar do que ele faz, tem que ser uma pessoa que goste, que ame” (D. 8)

Em relação à competência técnica, e compromisso social:

“O professor de Educação Física, ele teria mais o aspecto de formação...então o aspecto de formação do indivíduo como um todo para ser colocado na sociedade.” (D. 2)

“Ser antes de tudo um profissional atualizado, por que não só no treinamento esportivo, mas também na própria Educação Física escolar as coisas mudam bastante, e o professor deve sempre se atualizar da melhor maneira possível.” (D. 3)

“O professor de Educação Física, ele é a pessoa fundamental na escola, ele vem a ajudar muito a direção e no desenrolar de todas as outras atividades.” (D. 4)

“Um bom professor de Educação Física ele precisa ser mais completo (em relação ao treinador)...Porque o trabalho do professor de Educação Física ele precisa abranger todas as crianças e nem todas as crianças tem a mesma forma de desenvolvimento, então precisa ter um conhecimento mais profundo e uma dedicação muito grande para trabalhar com as crianças.” (D. 5)

“Dentro de um sistema escolar e, principalmente na escola pública, na qual nós trabalhamos, ser um bom professor de Educação Física é ser comprometido com suas atividades.” (D. 6)

“... Eu acho que o professor tem que trabalhar bem a interdisciplinaridade para ajudar os outros, nas outras matérias outros professores. Eu acho que ele tem que ser um professor dinâmico, que trabalhe, jogue junto, e faça junto com os seus alunos e nunca esquecendo a parte teórica que temos vários professores que não trabalham muito a parte teórica. O aluno assiste um jogo de tênis na televisão sem saber realmente o que é um “set”, um “game” etc.” (D. 7)

As características que seriam peculiares a um bom treinador esportivo podem ser descritas e classificadas quanto à questão da competência e à necessidade de resultados:

“Bom, eu vejo o técnico esportivo como aquela pessoa que além de orientar tecnicamente a sua equipe, seja através dos treinamentos, no período de treinamento, até mesmo, num período de competição, aquele técnico, aquele professor, que tem uma postura condizente a sua condição de técnico, a sua condição de professor, ele tem que ter uma postura acima de tudo com uma formação que vá repassar para os seus atletas exemplos. Isto se dá, desde o início dos treinamentos, como na própria competição, como a questão de manter uma disciplina, e motivar os alunos aos treinamentos, motivar os alunos ao jogo propriamente dito, e aquela pessoa que está capacitada tecnicamente para resolver determinadas situações, durante uma competição, durante um jogo e esta pessoa tenha acima de tudo uma capacidade para discernir as coisas em determinados momentos, na hora de uma partida, ou de uma dificuldade e até mesmo nos treinamentos. Eu acho que o

técnico tem que mostrar essas virtudes, tem que mostrar essa visão, tem que saber diferenciar os momentos em cada etapa dos treinamentos, em cada fase da competição, então, acho que um bom técnico esportivo tem que ter essa visão, tem que agir dessa forma.” (D. 1)

“O técnico é aquele que consegue colocar nas pessoas que estão no seu comando, um excelente desempenho no aspecto resultado, no aspecto de formação individual, pois não só o resultado que interessa, mas toda a questão ética que está envolvida por detrás disso, mas que consiga chegar ao resultado obedecendo uma ética de vida, tanto dele, quanto de seus atletas.” (D. 2)

“Precisa ganhar, porque vive de vitórias, o professor, o técnico, deve pensar também outros valores que existam, o valor humano, o valor social, deve ser um líder e ter um bom conhecimento, uma boa bagagem, estar sempre atualizado, porque o esporte muda no dia a dia, se você não se atualizar vai ficar para trás.” (D. 3)

“Um bom técnico esportivo, é aquele que sabe descobrir talentos e que sabe preparar esses talentos para a competição.” (D. 5)

A questão a ser respondida é: como é possível pensar em aspectos referentes à formação humana e aos valores inerentes a ela e ao mesmo tempo atingir resultados dentro do esporte de rendimento? Parece não serem aspectos que se possam trabalhar concomitantemente, pois os valores desenvolvidos são antagônicos.

E, finalmente, os diretores consideram qualidades positivas em um técnico, as relacionadas com o sentido da afetividade, da responsabilidade e de desenvolver nos jovens o gosto pela participação

“Um bom técnico, ser compreensível, saber o que vai fazer, assumir totalmente aquilo que está sendo dado.” (D. 4)

“...que seja um profissional que tenha habilidade e consiga cativar o interesse de participação, por parte dos jovens, no sentido de desenvolver a própria atividade.” (D. 6)

“Olha, o técnico esportivo não tenho muito o que falar, por que realmente não sou dessa área e não entendo muito, mas acho com o que eu posso perceber com os anos e direção que eu tenho, que o bom técnico deve trabalhar todas as etapas da Educação Física e não somente dar uma bola, e o aluno jogar, eu acho que ele deve dar a parte teórica, parte que está muito deixada para atrás.” (D. 7)

“Eu acho que em primeiro lugar a pessoa do professor de Educação Física, que vai trabalhar como técnico desportivo, ele deve ter uma grande disponibilidade, ele deve gostar disto que ele vai fazer, porque tem que ter bastante amor, se empenhar bastante. Pois eu acho que esse técnico aí, eu acho que é uma missão bastante complicada.” (D. 8)

E quando indagados se haveria diferenciação entre o técnico desportivo e o professor de Educação Física, é possível verificar que os diretores dividem-se em dois grupos. O primeiro, não vê diferença entre o exercício destas duas atividades, como notamos a seguir.

“Eu não vejo diferença, talvez pela falta de conhecimento mais na área do esporte, eu vejo que ele anda junto.” (D. 4)

“Não sei te responder, realmente não sei qual a diferença entre um professor de Educação Física e um técnico desportivo, não saberia distinguir. Acho até que não existe diferença, um bom professor de Educação Física poderá ser um bom técnico.” (D. 7)

“Eu acho que não daria para fazer uma diferença, porque eu acho que o bom professor de Educação Física vai ser um bom técnico esportivo, ele trabalhando bem as suas aulas, vai trabalhar bem a sua técnica, dentro da...” (D. 8)

Realmente é difícil diferenciar um bom treinador de um bom professor de Educação Física, isto fica claro nas palavras de Bracht,

A diferenciação entre o ‘bom’ treinador e o ‘bom’ professor não é possível. A socialização do professor é marcada pela atividade esportiva. Os próprios professores dos cursos superiores de Educação Física, que aliás, possuem um currículo predominantemente esportivo, foram e são contratados em função do seu desempenho no mundo esportivo (1992, p.23).

Também é preciso concordar com Tojal, quando esse nos diz que:

Para que a delimitação do campo profissional se torne mais evidente é necessário que se proceda a algumas considerações conceituais sobre o que é um curso que leva a formação do professor da área da Educação, com alguma especialização em esportes e o que é a formação do profissional de Educação Física na amplitude que dele se espera (1995, p.23).

E, para um segundo grupo de diretores, haveria uma diferenciação entre o técnico desportivo e o docente de Educação Física. De uma forma geral, estes diretores conferem uma importância maior aos professores Educação Física, por este segmento, além de atingir um grupo maior de educandos, ainda exigir um conhecimento mais abrangente; já os técnicos desportivos, na concepção deste grupo de diretores, lidam com uma clientela menor e mais seletiva e necessitam de conhecimentos em uma área mais específica, ou seja dentro de suas respectivas modalidades de treinamento.

“O professor de Educação Física em si, para mim tem que ser aquela pessoa que vai fazer um trabalho mais completo, o técnico esportivo, ele vai estar atrelado aquela modalidade que é sua especialidade, então ele está determinado a treinar uma modalidade esportiva, o técnico vai se preocupar com esta modalidade, ele vai trabalhar, vai aperfeiçoar tecnicamente e taticamente a equipe, sem se esquecer de outros valores que já mencionei anteriormente e tem que se preocupar. Já o professor de Educação Física não, a área de abrangência do professor de Educação Física não pode ficar restrita a apenas uma modalidade, ele tem que trabalhar diversas modalidades, além do que aquela situação de mostrar com ênfase maior a questão da qualidade de vida para os nossos educandos, já que através da Educação Física, ele vai direcionar vamos dizer assim, a sua forma de atividade, ou quais as atividades que ele vai desenvolver fora da escola. Então o professor de Educação Física tem no meu modo de entender, um papel muito mais importante nesse sentido, e o técnico esportivo tem sua devida importância dentro de sua modalidade, e dentro do repasse também daqueles valores já mencionados, então a diferença que eu vejo com relação ao professor e ao técnico é esta,

que o professor de Educação Física tem que estar atento a todas aquelas atividades relacionadas a parte física, parte das modalidades, das atividades físicas, conjunto de modalidades esportivas, parte de qualidade de vida e o técnico está mais atrelado a modalidade que é sua especialidade.” (D. 1)

“Visão, o técnico esteja “o forte”, seja a busca de resultados, embora todo o outro contexto esteja envolvido e o professor de Educação Física não deve estar obcecado na busca de resultados, mas sim na formação do indivíduo, trabalhando o que é possível, dentro do que é possível na Educação Física, mas na formação do indivíduo.” (D. 2)

“A diferença está na própria atividade, aulas é uma coisa treinamento é outra, na aula deverão participar todos os alunos, aquele que tem mais habilidade e aquele que não tem, já no treinamento desportivo, é um trabalho possivelmente mais elitizado. Elitizado que eu quero dizer é tecnicamente, se o professor o técnico precisa de resultados ele deverá trabalhar com os alunos que apresentam melhores condições, mas eu acho ainda que o trabalho mais difícil é realmente do professor de Educação Física, principalmente daquele que tem a tendência para o tecnicismo, que fica difícil para ele as vezes diferenciar a aula do treinamento, então esta diferença existe basicamente nisso, aula é uma coisa, treinamento tem um outro objetivo completamente diferente.” (D. 3)

“O professor tem que trabalhar com a criança da sua forma integral, e o técnico se dedica somente aquela modalidade ou modalidades em que ele trabalha o atleta.” (D. 5)

“Eu percebo que o professor de Educação Física, ele tem um compromisso muito maior, embora todos tenham um compromisso, mas um compromisso até formal, dizemos assim eu entendo que o professor de Educação Física, ele está para auxiliar e trabalhar com o jovem, com o adolescente de maneira especial no caso da escola, no sentido dele começar a sentir a importância da valorização do seu corpo. O técnico por aquilo que a gente percebe meio de forma rude até as vezes, é alguém que se propõe a um determinado tipo de trabalho, e esse trabalho alcança algum resultado que é aquilo que a comunidade em geral espera.” (D. 6)

O que nos chamou a atenção na fala dos diretores entrevistados é que quase a totalidade deles referiram-se ao grupo de profissionais de Educação

Física como uma classe onde a grande maioria tem pouca dedicação ao trabalho e que, profissionalmente, tem deixado a desejar, desta forma “... a grande revolução ainda por ocorrer na Educação Física escolar brasileira, traduzir-se-ia no simples fato de dar aulas ...” (Castellani Filho, 1995, p.10).

É necessário fazermos uma ressalva que, quase sempre após terminar a entrevista, já com o gravador desligado, estes diretores que denunciavam a falta de um trabalho mais comprometido por parte dos professores de Educação Física, deixavam claro que existe, nas escolas, professores comprometidos e dedicados, mas que isto era normalmente uma exceção.

“... o bom professor de Educação Física, é aquele professor que vem para a escola, que além de cumprir seus horários com responsabilidade ... A importância da Educação Física para a vida futura de seu aluno, não só para aquele momento, então isto é fundamental para o professor de Educação Física, não pode estar atrelado apenas a sua aula, naquele momento, ao vir e jogar a bola, como é comum a gente ouvir do pessoal, que o professor joga a bola para os alunos...” (D. 1) (Grifos nossos)

“O professor de Educação Física, ele teria mais um aspecto de formação, que consiga fazer com que a sua disciplina, ela seja, não encarada como um momento de um divertimento de um currículo qualquer, mas que consiga transformar a disciplina de Educação Física, em alguma coisa que sirva para a formação de um indivíduo como um todo...” (D. 2)

“Cumprir com as suas obrigações, atender ao conteúdo, a programação, o programa da escola, ou mesmo no nosso caso o que determina o caso da 5ª a 8ª série o currículo básico ...” (D. 3)

“O professor de Educação Física desde que ele tenha a sua aula bem preparada é a melhor aula, só que ele tem que vir para a sala de aula, o que não acontece muito não na nossa escola, mas é o que a gente ouve muito por fora, que o professor de Educação Física está fazendo a sua aula de qualquer maneira sabe, se ela está uma aula bem preparada é a melhor aula.” (D. 4)

“A gente tem percebido, infelizmente, que muitos professores de Educação Física estão deixando a desejar, principalmente naquela parte, como na nossa época da Educação Física, o professor fazia o aquecimento, depois a parte propriamente da aula e depois voltaria a calma, antes de levar o aluno para a escola. E a gente tem percebido que o professor quase que no geral, 90%, tem trabalhado simplesmente, leva o aluno para a quadra, joga uma bola lá e deixa que o aluno se vire. Não existe técnica de como jogar um voleibol, de como jogar um futebol. Simplesmente se dá a bola para os alunos. Então a gente tem sentido grandes dificuldades na escola, quanto ao professor de Educação Física, não vou falar no geral, mas 90% a gente tem percebido que o professor está bastante desinteressado, está deixando muito a desejar, daquelas técnicas, daquelas aulas que a gente assistia, via e fazia antigamente.” (D. 8)

Este pensamento das direções das escolas não é irreal, e é sentido pelos próprios profissionais de Educação Física, e podem ser compreendidos claramente na fala de duas professoras, em que a primeira, ao se referir como os outros professores e a direção das escolas vêem o professor de Educação Física enfatiza, que eles percebem a diferença entre os que trabalham e os que “rolam” a bola. Uma segunda professora, ao comentar sobre a estabilidade entre o professor e o técnico desportivo, quase em tom de sarcasmo, desafia-nos a achar algum professor que já tenha sido demitido por incompetência ou irresponsabilidade.

“Alguns fazem, eles fazem a visão meia separada assim, tem os professores que trabalham mais “puxado”, tem os professores que trabalham mais “light” então conforme os professores que eles conhecem, eles vão fazendo os conceitos, mas de uma maneira geral a nossa aula está na vitrine, então se ela for bem dada a fala é boa e se vêem que aquilo só rola a bola, rola a bola, sempre vai ter um comentário péssimo da área, como se fosse mais fácil da área de trabalhar, então as vezes eles dizem para a gente “ai como eu gostaria de estar lá fora”. Eu sou uma professora que trocaria muitas vezes o ambiente de quadra pela sala de aula, dá para trabalhar “n” coisas na sala de aula, apesar de toda a resistência

em sala de aula que o aluno demonstra quando a gente vai trabalhar em sala de aula." (P.15)

(1993, p.22)

"Talvez até como professor na escola, se ele conseguir um padrão na escola, ele tem mais segurança. Eu nunca vi nenhum professor, não só de Educação Física, como outro professor ser mandado embora por incompetência, deu a aula que deu fica, você já viu? Eu nunca vi ninguém(risadas), agora técnico você corre mais o risco, você não ganhou, sua equipe está ruim, você corre mais o risco de ser mandado embora, mas professor por esses motivos eu nunca vi, foi lá e deu aula, marcou presença, tá lá, deu aula tá bom, não deixou os alunos fazerem bagunça, incomodar os outros (risadas)." (P.02)

4.5 - Como é o Cotidiano dos Profissionais de Educação Física

Era necessário sabermos quais as condições de trabalho encontradas por estes profissionais de Educação Física em suas respectivas escolas, já que a direção vê a área de Educação Física tanto como disciplina escolar quanto como treinamento, como extremamente importante. Esta valorização deveria se transformar em condições materiais, mesmo reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelos estabelecimentos de ensino público no Brasil.

Existe uma realidade diferenciada dentro da escola pública em relação às condições de trabalho para a área de Educação Física; enquanto algumas escolas possuem material de boa qualidade e na quantidade necessária, outras escolas possuem apenas material ou locais de trabalho em boas condições e ainda há escolas em que as condições de trabalho são péssimas.

Poderíamos classificar o discurso dos professores dentro destes três parâmetros expostos acima. Para um primeiro grupo e maior, as condições são ruins. Então, concordando com Vago, é preciso "sem ignorar a realidade que mostra a estupidez de um país que transforma a escola pública em sucata, penso

na tarefa dos educadores em debater os caminhos para superar tal realidade” (1995, p.22).

“Infelizmente na rede pública, tanto a nível de aulas de Educação Física, como de treinamento o professor tem sempre que adaptar, sempre adaptar sua aula, porque seja qual for o conteúdo, você nunca consegue ter a disposição para uma boa aula, recursos materiais, os próprios recursos humanos são diferentes do ensino particular.” (P.09)

“Não, eu acho que o professor de Educação Física é um tapa buraco na escola, é bom para festa junina, para sete de setembro. Para organizar ele é ótimo, mas na hora que é para ele trabalhar na disciplina dele, ele não tem condições.” (P.10)

“Não. Culpado? causas? Meu Deus, falta de verbas, quadras horríveis, espaços físicos horríveis. Isto colégio estadual, não vou falar de colégio particular.” (P.11)

“Isso é utopia, você tem que fazer aquilo que aparece para você, independente da quadra ou não, aqui você é zelador, você é professor, você é amigo, você é conciliador, você passa a ser até pai, as vezes. As condições deixam a desejar é lógico, mas você também não pode cruzar os braços e esperar que as coisas aconteçam, você tem que ir atrás dela. A realidade nossa está aqui, você tá vendo, choveu, eu tive que ir para o rodo, tive que ir para o rodo limpar esta quadra para dar condições para que todo mundo possa correr, brincar, pular. É lógico, e aí, só para você ter uma idéia, tem horário que choca três turmas, para duas quadras, então que nível de trabalho você vai apresentar, ela deixa a desejar, você tem que procurar o que. Fazer com que a criança, o adolescente passe a ter uma atividade e passe a executar, independentemente ou não, você tem que proporcionar a todos.” (P.12)

“Eu tenho dois extremos, colégio particular onde eu trabalho as condições são boas, tenho quadra coberta, material disponível que é ótimo, enfim é uma estrutura de acordo com o que pelo menos a gente tem necessidade para desenvolver uma boa aula, já no colégio de Estado é a gente sente um pouco de dificuldade com o material, apesar de termos várias quadras para trabalhar, mas são todas quadras abertas então é depende do clima, dia de chuva a gente não tem um local apropriado para trabalhar, então a coisa já se torna mais difícil, então eu diria assim bom num colégio particular e regular num colégio estadual. Então apesar de tudo, o número de quadras que a gente tem, deixa a desejar.” (P.13)

“Olhe, eu andei muito e trabalhei em muitas escolas e, encontrei boas condições em bem poucas delas, eu acho que uma ou duas talvez, dentre 20 ou 30 em que eu trabalhei.” (P.14)

“Eu vou analisar desde o início da minha carreira profissional, na escola pública, eu trabalhei diversas vezes na rua, com material alternativo, com sucatas, com uma série de coisas, e a falta de material ela existe até hoje, de condições físicas inclusive, que a gente trabalha ao relento sempre, então isto aí vai esgotando, vai estressando muito facilmente o professor. Eu acredito que o professor tendo uma condição de trabalho melhor, que ele possa se organizar inclusive melhor na questão do planejamento, de todas as coisas, funcionaria melhor, por que esta questão de material ela interfere, no plano, no planejamento, se chove já não pode fazer aquilo que tinha pretendido, sempre tem que ter três coisas planejadas, então eu acho que isto aí prejudica demais.” (P.15)

Para um dos professores entrevistados, embora ele concorde que as condições de trabalho não são as ideais, ele enfatiza o esforço feito por alguns diretores para solucionar estes problemas, então;

“Na escola particular existem todas as condições necessárias, o lado ruim é trabalhar numa escola pública, onde o professor além de não encontrar as condições, as vezes local até existe, mas principalmente de material é muito precário, a sorte que tem colégios que os diretores fazem um esforço danado, se não todos, mas a grande maioria, para que haja uma certa condição e neste ponto existe o lado positivo, onde o profissional pode mostrar a sua formação, e a maneira, a capacidade que ele tem de desenvolver um bom trabalho, mesmo na diversidade de local e material.” (P.21)

Para um determinado grupo de professores as condições de trabalho existentes em relação aos materiais são boas, porém, a dificuldade se faz presente em relação às condições de local para desenvolver suas aulas. Todos os professores que partilham desta opinião estão lotados em uma mesma escola.

“Com relação a material sim, tanto didático, quanto material humano, o que falta para a gente é um local apropriado, uma

quadra, no mínimo melhor do que a gente tem e no mínimo coberta, para que a gente não dependesse tanto do tempo.” (P.16)

“Se for pensando aqui nesta escola, ou na outra escola que eu estou, acho que está, não que muito assim, falta um ginásio, uma área coberta assim, mas fora isto material, já vi escola muito pior, escola eu já vi muitas outras que material de Educação Física é muito pior assim, então eu estou nesta escola a pouco tempo eu sou recente aqui. Falta! não que falte, mas de condição de trabalho, acho que não, falta assim um ginásio, um monte de material, fora isto...” (P.17)

“Hoje em dia no local onde eu trabalho em relação ao material sim, mas local de trabalho não.” (P.22)

Ainda, um dos professores, por trabalhar em duas escolas diferentes dentro do Estado, acabou encontrando situações opostas, boas condições em uma das escolas e condições precárias na outra escola.

“Digamos assim que eu sou duas pessoas no Estado, como eu tenho dois padrões. Eu tenho um padrão que eu trabalho aqui no Premem, que tem todas as condições de trabalho, material, relação boa entre direção e professores, os alunos principalmente e eu tenho também, o outro lado da moeda que é numa escola, no bairro São João, uma escola pública também, onde realmente não tem nem local, digamos não temos quadra, não temos material, a clientela é um tanto quanto difícil, pela própria posição social deles, mas de qualquer forma, você vai tentando fazer o máximo para que consiga um bom trabalho, digamos assim que as escolas públicas, elas estão meio divididas, tem locais bons e tem locais com bastante dificuldade de a gente trabalhar.” (P.18)

Outra professora, reconhecendo a divisão existente em relação às escolas públicas quanto as condições de trabalho revelou que, no momento, encontra boas condições materiais e físicas de trabalho para a área de Educação Física. Uma professora destacou encontrar boas condições de trabalho em sua escola e esta opinião acaba se contrapondo aos demais professores de Educação Física da mesma escola. Existe uma possibilidade deste discurso não entrar em

contradição com o dos demais professores deste estabelecimento, pois ela afirma serem as condições que faltam, as “normais” da escola pública. A carência de recursos financeiros que resultem em boas condições materiais extrapola o limite da escola já que “o sistema educacional, na sua complexidade depende do sistema econômico e social que o geram e o determinam. Os problemas de cada um refletem nos demais, como uma engrenagem, onde as partes têm que funcionar para que o todo funcione” (Finck, 1995, p.5). A referida professora, não detalha melhor quais seriam estas condições consideradas “normais” de faltarem na escola pública.

“Varia muito de escola para escola, tem escolas que eu trabalho que eu encontro espaço físico, como material didático para você trabalhar excelente, outras você não encontra nem o físico, as vezes encontra um pouco material didático, mas espaço físico é difícil, mas no geral nas escolas que eu trabalho, escolas públicas que eu trabalho no geral são bons.” (P.19)

“Bom, aqui no Colégio La Salle especificamente, a gente também tem privilégios, porque temos bastante espaço físico, material. Eu sou uma professora que vou juntando através dos anos, quando falta, eu compro alguma coisa, invisto na minha profissão, então não me falta material, às condições que faltam, as normais de escola pública, mas quanto a material e espaço físico eu não encontro dificuldades.” (P.20)

No discurso dos professores entrevistados um aspecto acaba evidenciando: não haver por parte das direções destes estabelecimentos de ensino uma real consideração pela disciplina de Educação Física em relação às demais disciplinas que compõem a grade curricular das escolas. É prática comum nas escolas requisitar o professor para preparar grupos de alunos para comemorações nas festividades em detrimento dos demais alunos, os quais ficam sem a sua aula de Educação Física e ganham como forma de compensação, normalmente uma

bola para desenvolverem uma atividade física/esportiva onde nem sempre há uma participação efetiva e, mesmo que haja, não preenche os requisitos de uma aula de Educação Física. “A Educação Física como disciplina do currículo escolar, não tem, portanto, tarefas diferentes do que a escola em geral. Sendo assim considerações a seu respeito não podem afastá-la da responsabilidade que a população exige da escola: ensinar e ensinar bem” (Vago, 1995, p.212).

Num primeiro grupo de professores, todos trabalhando no CEFET, este fato não acontece. É necessário lembrar que, das escolas públicas que serviram de referência para esta pesquisa na cidade de Pato Branco, o CEFET é o único local de trabalho onde os professores não têm a chamada “carga cheia”, ou seja, eles são contratados por um regime de vinte horas ou quarenta horas, mas ministram um número inferior de aulas, o que facilita para que estes professores não sejam chamados dentro do horário de suas aulas para exercerem outras funções.

Nas demais escolas, os professores são contratados para um determinado número de horas e as cumprem todas em sala de aula. Isto faz com que necessariamente estes professores, para cumprir uma função que não seja especificamente aquela prevista em seus contratos, ou sejam retirados em seu horário de aula ou se disponham a trabalhar fora de seu horário, sem receber adicional para isto, e dificilmente lhes é oferecido o sistema de compensação de horas trabalhadas.

Para a grande maioria dos professores esta prática é normal. Isto fica evidenciado nas falas que se seguem.



“Bastante, isto aí é um velho problema, eu acho que nesta época que nós estamos, da festa junina, o ensaio de quadrilha. Eu acho que não seria a função do professor de Educação Física, porque se for analisar atrapalha o nosso andamento, do nosso planejamento, então acontece muito de você vir ensaiar uma quadrilha e outra e não poder usar...” (P.01)

“Sim, acho que por ter mais facilidade, por já ter trabalhado dança dentro do programa, acho que é por isso, eles acham que é mais fácil para a gente, e eles tem mais dificuldade.” (P.03)

“Bastante, eu acho que é aquela coisa que eu te falei antes, eles pensam que é uma aula da festa, que você tem um monte de criatividade, que você tem folga, que você não tem que trabalhar o aluno, você não tem caderno para corrigir.” (P.10)

“Festa junina, teve, só o que a gente teve que ir, só que eu estava de atestado, a gente não podia dentro do meu horário, e fora do meu horário eu não faço. Porque não tem outra pessoa que faça, sabe. Porque o professor de Educação Física que está destinado a ensinar dança, é, eu acho que não seria só nós, isto que a gente tem uma professora de Educação Artística bem ativa e faz teatro, nem sei se ela está ensaiando uma dancinha para a festinha, não sei, mas ela é ativa na parte de Educação Artística, trabalha junto com a gente. Mas eu atribuo a isto, o professor de Educação Física, ele é mais fácil de ensaiar, ele tem formação para isto, só isto, não pôr que tem mérito, eu não vejo assim, ela trabalha com dança, você percebe, tem dom para a coisa, tem criatividade, tem professora de 1º a 4º que fez magistério, que te deixa no ‘chinelo’, tem muito mais criatividade que o professor de Educação Física o homem pôr exemplo não ensaia dança, nem que matem ...” (P.11)

“Bom, professor de Educação Física e não seria diferente comigo a gente sempre é chamado assim para trabalhar com atividades extra-classe, principalmente envolvendo trabalho de dança, de festividades enfim, por que se dá isto? Porque o profissional de Educação Física ele é tido como uma pessoa mais dinâmica, mais extrovertida, com maior facilidade de criar as coisas e se envolver neste tipo de atividades que os profissionais de outra área, então até um tempo eu via, eu não tinha esta visão, eu achava que seria um demérito quando eles chamavam a gente para estas coisas, um tapa buraco, hoje em dia eu vejo que não, que realmente a gente tem maior facilidade para elaborar este tipo de coisas.” (P.13)

“Isto sim, olha eu, por que o, os professores e os diretores, eles conseguem ver a Educação Física não só como esportiva, mas sim

como cultural também, então sempre que tem eles chamam a gente para apresentar uma dança, montar um teatro, acho que em todas as comemorações da escola a gente tem trabalhado, e é convidado, está presente.” (P.14)

“Olha com certeza a gente é bastante solicitado, nós conseguimos definir aqui na escola mais ou menos as área que cada um tem a sua preferência, dança, esporte, mais ou menos com os outros professores de Educação Física e aí a Direção solicita diretamente a cada professor de acordo com a necessidade deles, por que desta solicitação, é uma coisa já histórica, tradicional, que a muito tempo sempre se deixou para o professor de Educação Física, de Educação Artística as atividades extra curriculares, por esta visão de achar que as disciplinas não tem muita importância, pode-se perder aula ou também vendo por outro lado, são disciplinas que o aluno está mais propício a ajudar, se o professor de Educação Física pedir para ajudar numa dança ou organizar qualquer atividade ali, com certeza a receptividade é bem maior que algum outro professor. Então é uma questão já histórica mesmo, e para a gente conseguir mudar isto é aos poucos, aqui no colégio a gente está conseguindo mudar também, muitas vezes até se indispondo com algumas pessoas, em não aceitar fazer determinada coisa, não compete somente ao profissional da Educação Física, então vamos dividir as tarefas.” (P.16)

“Sim, bem, isto porque o professor de Educação Física ele já é, estas questões que..., sendo que nem todos os professores de outras áreas se envolvem nisto, até alegam que não podem, que não conseguem, que nem todo mundo tem afinidade para isto, então eu acredito que se deva a isto, que outras disciplinas os professores não se envolvem muito, se não é Educação Física e Educação Artística, é que os outros não se envolvem muito nisto.” (P.17)

“Bastante, bastante, eu acho que faltaria, por exemplo tem um professor específico para treinamento de handebol, de basquete, tem um professor específico para esta área, deveria ter também um professor específico para dança, para teatro, porque tem uma apresentação, seja dia dos pais, dia das mães, sete de setembro, semana do folclore, vai ter alguém, porque na tua aula, você vai dar a base da dança, o ritmo, só que para você fazer uma apresentação, você necessita muito mais tempo, você acaba deixando de lado a maioria da turma e ficando com aqueles específicos que vão apresentar, lá você vai ter que cobrar mais técnica deles, então deveriam ter professores específicos para ensaios de dança, teatro, enfim das várias comemorações anuais.” (P.19)

“Sim, não só aqui na escola, mas em outras atividades, dentro da qualidade de vida e dentro das atividades de dança principalmente nós somos muito solicitados, porque é a matéria mais envolvente, que nós temos mais acesso, nós temos o aluno ali, com mais disponibilidade e nós mesmos estamos mais preparados para isto.” (P.20)

Para alguns professores estes fatos não acontecem.

“Eu como professora não sou solicitada, por exemplo assim, o professor de Educação Física tem que ensaiar isso, aquilo, isto que você quer, eu não entendi, não solicitam...” (P.07)

“(Hesitação), não, mas se eu te falar por exemplo, que sexta feira nós vamos ter a festa da escola, que é a festa para arrecadar um dinheirinho, que é a festa de São João, lógico que não vai haver aula e eu vou ter que estar lá, mas fora do meu horário de aula que é normal, eu não sou solicitado, e até se for solicitado, ia pensar muito, espera aí meu, eu não ganho para ser escravo deles.” (P.12)

“Não, durante as aulas não, o que existe são reuniões, que são marcadas para a gente poder definir calendário para a escola e o que cada um vai fazer dentro das festividades que a escola tem, daí o professor se programa, ou elabora uma dança, ou um trabalho para a feira de ciências, depende a ocasião.” (P.15)

Um dos professores entrevistados concorda que, freqüentemente, há solicitações para se realizar atividades extraclasse nos horários de aula, mas que isto não ocorre somente com os professores de Educação Física, e sim com todos os professores da escola

“É isso, é o que mais ocorre durante o ano letivo e infelizmente não só da nossa área, como de todos os outros professores e por isto é a nossa luta, pela hora atividade, mas infelizmente quem não está em sala de aula e que possui o poder de mudar isto, não muda, então infelizmente a gente acaba as vezes realizando atividades extraclasse e gera na maioria das vezes, é, é a gente que faz isto por amor aos alunos.” (P.09)

Dois professores com suas falas, talvez ajudem a elucidar quais são os motivos que enquanto alguns professores são constantemente chamados em seus horários de aula para realizarem atividades extraclases, para outros professores isto não ocorre. Segundo os depoimentos destes dois professores, isto se daria em função da própria conduta do professor na escola.

“Geralmente quando acontece estes eventos, o professor de Educação Física é sempre chamado, para participar, para elaborar principalmente gincanas, teatros, danças. Eu acredito que isto se atribui principalmente pela facilidade que a gente tem ou pela liderança que a gente tem com os alunos, e a gente realmente no dia a dia está trabalhando com isto, e depende acredito muito do professor, do profissional, o professor que não trabalha com danças, com teatro, com estas coisas nas aulas de Educação Física dificilmente também é chamado, então atribuo realmente com o trabalho profissional de cada um.” (P.18)

“Sim, sempre, um pouco é pela facilidade que o professor de Educação Física tem em realizar jogos, na organização de atividades extra-classe, por isto ele é sempre solicitado, os outros professores já encontram muita dificuldade e não conseguem a organização de um evento dentro da escola que envolva um número maior de turmas, por isto sempre o professor de Educação Física é chamado. Para isto sempre trabalhando a mais, fora de seus horários, as vezes existem acordos para compensar estas horas a mais as vezes não. E se o professor realiza estas atividades extra-classe uma vez ele é solicitado sempre.” (P.22)

Para uma grande parte dos professores de Educação Física o fato de serem solicitados no horário de suas aulas (causando prejuízo a elas) para realizarem atividades extraclases, não denota um desrespeito à disciplina nem ao profissional e sim, é um reconhecimento da competência e da liderança exercida pelos mesmos. De acordo com Moreno, “parece haver uma certa confusão em torno do que seria a função profissional, a qual vai desde dar aulas, passando por montar tablados, salvar vidas, até organizar festas ...” (1996, p.158).

Porém, quando solicitados a estabelecer qual a visão que os demais professores e a direção de suas respectivas escolas têm a respeito da disciplina de Educação Física, este quadro altera-se significativamente e, para a maioria dos professores de Educação Física, esta área é vista com desrespeito pelos colegas e pela maior parte dos diretores. Os motivos desta desvalorização são variados, "... embora quase sempre apontem o desconhecimento dos outros em relação ao que se faz na área, ao que se estuda na profissão, como sua maior causa" (Moreno, 1996, p.161).

Para um primeiro grupo de professores a visão negativa da disciplina de Educação Física se dá em função de ser uma aula muito exposta (já que na maioria das escolas acontece em ambiente externo), e porque falta para os demais professores e à direção o conhecimento de quais são os objetivos da Educação Física.

"As outras áreas, eu acho que é o fim da coisa, porque não é aula. A aula de Educação Física tem aquela coisa, Educação Física é Educação Física, joga uma bola e vai correr, são poucos que já conhecem o lado sobre o que a gente trabalha na escola e tem um parecer positivo. É meio chato ainda, a gente tem uma barreira muito grande." (P.04)

"Com certeza não é valorizado como deveria ser, ela é vista como uma aula simplesmente, como um complemento, porque muitas poucas pessoas reconhecem o lado humano, o lado do corpo, da atividade física relacionada a saúde, doença. O estresse que é assunto da época, muito poucos professores, esse lado da direção, reconhecem esse lado, Então para muitos a Educação Física, para eles tanto faz, como tanto fez, tem essa importância a partir do momento que eles não conhecem o outro lado, o estresse, a saúde, parte relaxante e o relacionamento pessoal dos alunos entre eles e com o professor." (P.05)

"Olhe, eu por enquanto aqui na escola, duas pessoas eu vejo que olham bem a Educação Física, que sabem o significado, que sem

ela a escola não anda. Os outros assim, não dão muito valor para a Educação Física, eles, tanto que eles falam e não é de agora, é muito fácil lá fora, dá uma bola para o aluno e o aluno faz o que quer, só que eles estão dentro da sala de aula, lá não passa pessoas e não vêem as aulas que eles estão dando lá dentro, mas os professores ainda não vêem bem a Educação Física.” (P.07)

“Na minha escola eu não sei, mas acho que não é bem vista, mas eu já ouvi muita gente falar, “ai largam a bola”, então Educação Física e Educação Artística, eu acho que nunca foram bem vistas na escola. Mesmo tendo professor, diretor que é de Educação Física, eu acho que não é bem visto. Por que? Primeiro motivo, a tua aula é exposta, todo mundo vê, ninguém entende e daí eles se acham no direito de opinar. Mesma coisa, se o professor de matemática fosse dar aulas lá fora, que todo mundo enxergasse, ele sabe o que está fazendo, mas eu que estou lá fora, eu acho que tá, sabe como, eu acho que não é bem vista.” (P.11)

“Como uma disciplina fácil e que qualquer um pode dar, mas isto pelas aulas que são dadas por alguns professores de Educação Física e também por ficarem muito expostos.” (P.22)

Continuando nesta mesma linha de raciocínio, vários professores de Educação Física reconhecem que a imagem da disciplina perante os colegas e a direção é pejorativa.

“O que eu acredito, sinceramente eu acredito que eles acham que não serve para nada, é minha visão, a maioria. Existem exceções, existem pessoas que valorizam, que gostam, que acham que tem sua importância, mas a maioria acham que é para os alunos irem lá brincar, passar um tempo, tomar um ar, esfriar a cabeça, não que isso não seja um dos pontos positivos, mas não dessa forma assim.” (P.02)

“Acham que é uma bagunça, que é só jogar uma bola, virar as costas e sair.” (P.06)

“Não vejo com bons olhos, ninguém nos dá o respeito que a gente merece, e isso vem de gerações, os professores já foram mal orientados. A Educação Física já começou com o nome impróprio de Educação Física, ninguém educa só o físico, você faz um complemento geral, você faz parte emocional, parte espiritual, até caráter. O nome Educação Física, me parece muito impróprio, que as pessoas ficam conotando você, como não, o professor de

Educação Física. Tem cadeira nova, pega o professor Educação Física, tem que fazer um serviço, pega o professor de Educação Física, então na verdade, tirando raras exceções nas escolas em que eu passei e não foram poucas, o pessoal de Educação Física é mal visto.” (P.08)

“Eu tenho a impressão que é visto como uma disciplina que poderia ser extinta.” (P.14)

É interessante o comentário tecido pelo professor (P.08), que destaca ter a Educação Física já começado sua trajetória com um nome impróprio, pois não é possível educar somente o físico. O próprio nome da disciplina traz implicitamente uma desvalorização para ela.

Na visão de alguns professores de Educação Física, apesar da imagem da disciplina ser negativa nas escolas perante os demais professores, pelo menos a direção apóia e tem uma visão diferenciada. Entretanto é necessário salientar que a maioria dos professores de Educação Física que partilham desta visão, trabalham em uma escola em que o diretor é um professor de Educação Física.

“Da parte administrativa, ainda se tem um apoio, o apoio devido aos cargos desde a direção, que é um professor de Educação Física, até os demais, porem, infelizmente a gente não tem ainda uma estrutura no Estado, para ter uma condição e tanto de espaço físico, como humano, para ter uma interdisciplinaridade entre todas as disciplinas.” (P.09)

“Eu vejo de duas formas, pela parte de direção e pelo diretor do meu colégio ser um professor de Educação Física também a gente tem um amparo bem maior do que em outros colégios que eu já trabalhei, um reconhecimento, não seria nem um amparo, um reconhecimento maior por parte da direção do que em outros colégios que eu trabalhei, que não eram pessoas ligadas a área de Educação Física. Com os colegas de outras disciplinas, não que isto seja uma coisa clara, especifica assim, mas no transcorrer a gente nota que não é dado o mesmo valor que as demais disciplinas, ou seja, sempre que necessita pegar uma aula para se

fazer um outro trabalho, busca-se a aula de Educação Física, dando a entender que é uma aula menos importante, como se a gente não tivesse conteúdos a passar, não tivesse conteúdos a concluir, e que a gente teria condições, poderia emprestar a aula da gente que isto não viria a fazer falta, então eu vejo como uma discriminação.” (P.13)

“Eu acho que continua a idéia que se tinha há vinte anos atrás, há trinta anos atrás, que é só brincadeira, que é só jogar, ninguém vê o outro lado da coisa, mesmo você jogando futebol, ninguém vê o que você está, o objetivo que você tem com aquele jogo de futebol, desde qualidade de vida também, por que muita gente não faz nada, mesmo alunos, principalmente na faixa etária de oitava e segundo grau, eles começam a parar um pouco as atividades físicas, além de coordenação motora, lateralidade, o que é mais visado ali, além de é lógico colocar em pratica esta parte de regras, não adianta você passar regras, se não colocar em prática não sabe o que está acontecendo, mas eu vejo que a visão dos outros professores seria esta. Da direção da escola, a pouco um ano, dois anos, a gente está conseguindo mudar a idéia da Educação Física para eles, para melhor, conseguimos colocar para eles o objetivo mesmo, e o que demonstra para os alunos, o que os alunos dão como resposta até em sala de aula, nas outras matérias.” (P.16)

“Tem uma grande parcela dos professores que acham que a Educação Física é o momento do aluno fazer brincadeiras, é o momento da matacão de aula, num todo na manhã, então digamos que não é muito considerada, e a visão dos professores é de que nós estamos sempre descansando quando estamos lá na quadra, que o professor de Educação Física não faz nada, que o professor de Educação Física está lá só para brincar com os alunos, e a dificuldade deles é na sala de aula, então digamos assim, que não é um todo, mas é uma grande parcela, acredito eu, que não com a direção, que é um cara que sempre deu apoio e conhece bastante o trabalho dos professores de Educação Física.” (P.18)

Alguns professores de Educação Física acreditam que está havendo uma melhora na imagem desta disciplina perante os demais colegas, mas têm consciência que ainda é preciso modificar muita coisa até que a disciplina de Educação Física, possa realmente ser parte integrante da escola e receba o respeito dos demais professores. Isto ocorre também porque “... a ação profissional em

Educação Física/esportes aparenta ser muito simples e não deixa transparecer à primeira vista, quais conhecimentos estão fundamentando aqueles procedimentos” (Betti, 1992, p.239).

“A gente tem começado a seis anos, quando eu entrei no Estado, a gente via o professor um pouco marginalizado com outros professores, professor estava com a imagem ruim. Muito está se mudando de dois anos para cá, mas ainda precisa. O professor de outras disciplinas tentam por nós na parte de baixo. Porque se o professor de Educação Física tentar impor a nossa Disciplina, vai ser importante para todas as classes.” (P.01)

“Hoje eles vêem melhor do que quando eu comecei a trabalhar. Hoje a escola tem uma visão melhor, mais ainda acho que eles pensam que é um tapa buraco, a aula da festa.” (P.10)

“Acho que ainda existe aquele preconceito que Educação Física, quando falta um professor, vai para a quadra, com o professor de Educação Física, junta com a outra sala, outra turma e tudo mais, mas acredito que com o tempo isto vai mudar, vai se passar a se respeitar mais, considerar a Educação Física como uma disciplina mesmo, não como um espaço só de lazer, faltar professor, manda as outras turmas junto, fica nisto só como um monitor, um auxiliar.” (P.17)

Para uma professora entrevistada, a imagem que se tem, nas escolas, sobre a Educação Física é controvertida e existem os professores e diretores que a respeitam, e outros que ainda vêem como uma aula de “jogar bola”; assim ela se expressa:

“É bem variado, tem aqueles que tem a consciência que o professor está ali colocando todas as atividades da Educação Física, então ele é consciente ele vê que o professor vai dar aula de ginástica, uma aula de dança, uma aula de esporte e tem aqueles que dizem que o professor de Educação Física é aquele que vai lá e dá uma bola e fica batendo papo, então tem os dois lados nas escolas que eu trabalho, aqueles que são conscientes e aqueles que vêem simplesmente uma aula que você deu uma bola para o aluno jogar e ele ficou jogando, e ele acha que é sempre assim a tua aula, ele coloca ‘é fácil ser professor de Educação Física’, porque vai lá dá uma bola e deixa jogar.” (P.19)

Para um pequeno grupo de professores de Educação Física, esta disciplina é vista com extremo respeito pelos demais professores e pela direção; dos quatro professores que têm esta visão otimista da sua área de atuação, três trabalham em escolas de médio e grande porte nas quais há um número maior de professores de Educação Física, e suas opiniões entram em choque com a dos outros professores de Educação Física que ministram aulas nestas escolas.

“Na minha escola ela é respeitada pela direção, pelos outros professores, acham ela necessária e fundamental. Na minha escola este ano, Porque nos anos anteriores tiveram escolas que o pessoal valorizava a Educação Física e trabalhei em escolas onde não valorizavam a Educação Física. Teve escolas onde o professor entrava como uma obrigação do programa.” (P.03)

“Olha, você veja bem, todo e qualquer professor, quando falta em sala de aula, os alunos geralmente caem para nós, por quê, porque a Educação Física é natural da criança é nato, ela já chega em casa, ela já olha no horário de amanhã, sabe que tem educação física ela já memoriza, por que ela quer espontaneidade, ela quer pular, ela quer saltar, ela quer gritar, ela quer jogar, certo e infelizmente as condições nossas aqui, de estrutura física, não é por culpa da direção, isto é por culpa de toda uma estrutura, do Governo do Estado que é responsável pela coisa, mas eu acho que nós temos aqui uma visão da Educação Física respeitada, pelo menos aquilo que nós precisamos de material de acordo com a possibilidade que nós temos, nos é repassado, até por que o vice diretor aqui da escola é professor de Educação Física. E os colegas sempre nos respeitaram, nós temos um carinho enorme, você veja bem quando não tinha professor da classe especial de Educação Física, nós íamos lá e pegávamos as crianças e trazíamos para cá, para que para tentarmos sociabilizar.....Então eu particularmente eu me sinto muito a vontade nesta escola para trabalhar e acho que nós temos um bom reconhecimento deles, nós poderíamos ser de repente melhor, fazer uma atividade melhor, até poderíamos, mas dentro das condições, da disponibilidade que nós temos, eu acho que a direção sempre nos prestigiou e nós não temos muita coisa a reclamar.” (P.12)

“A área mais gostosa de se trabalhar, é vista como a área mais fácil de se trabalhar, porque os alunos já estão motivados, e pelo

menos aqui na escola, ela é vista com respeito, porque nós fazemos um trabalho sério, certo, mas infelizmente nós tivemos épocas, que era deixado ao acaso, muitas vezes o fato de só a parte recreacional, não era vista de uma forma global, como era feito o trabalho, hoje é respeitada, é reconhecida pelos colegas, pela direção, acredito que pelo trabalho sério que a gente faz.” (P.20)

“Olha eu estou muito gratificado, principalmente o ano de 1999, não sei se o que tem acontecido ultimamente com a Educação Física, com a nossa regulamentação como profissão, talvez tenha dado um novo ânimo para os profissionais de Educação Física, os professores de Educação Física, isto veio a refletir na maneira com que as pessoas estão encarando, eu digo que eu estou feliz com isto, que nos dois locais que eu trabalho, na escola pública e na escola particular, é desde a direção das duas escolas, até os professores tem vistos com outros olhos, já não é mais aquela disciplina que o professor saia da sala de aula e estava praticamente num momento de lazer, de descontração, onde o profissional, o professor, saia e jogava uma bola, “não joga uma bola e está tudo bem”, hoje os professores de sala de aula, as direções, as coordenações, estão vendo que o professor está procurando transmitir algo mais do que simplesmente jogar bola, passar outros conhecimentos que abrangem a Educação Física e principalmente por eles acharem de suma importância a prática de Educação Física dentro da escola, como uma válvula de escape para o aluno, para que ele tenha até um melhor aproveitamento escolar.” (P.21)

Uma questão que é constantemente citada pelos professores de Educação Física, como um fator importante, na elaboração da imagem desta disciplina, pelos professores das outras áreas e a direção, é a própria atuação do profissional de Educação Física.

Assim, se temos uma imagem negativa perante a maior parte da comunidade escolar, mesmo relevando fatos como a aula ser exposta e, principalmente, as pessoas não conhecerem quais são os objetivos da Educação Física, precisamos nos conscientizar de que a nossa prática, enquanto classe de trabalhadores, não tem sido das mais bem elaboradas e isto também contribui para

que as pessoas não conheçam para que serve a disciplina de Educação Física na escola. "Não adianta teimar, bater os pés, fazer 'birra' e 'beicinho', feito criança mimada, temos que admitir os fatos e fazer algo dentro do nosso meio de atuação, dentro de nossas 'trincheiras', para mudar o que está errado ou manipulado" (Godoy, 1995, p.43). É possível encontrarmos inúmeros professores de Educação Física fazendo excelentes trabalhos e dignificando a profissão; entretanto, também é possível encontrarmos um número maior de professores de Educação Física que, desiludidos com as condições de trabalho e obrigados a ministrar aulas para sobreviver, através de sua prática, denigram a imagem do professor de Educação Física. Em relação a estes "maus" professores:

... os colegas estão amarrados por uma solidariedade muitas vezes deslocada; os diretores nas escolas recusam-se a intervenções susceptíveis de serem consideradas autoritárias; os sindicatos são supostos de defender os interesses de todos os seus membros; etc. Neste sentido, parece fundamental dotar a profissão docente de mecanismos de *seleção* e de *diferenciação*, que permitam basear a carreira docente no mérito e na qualidade (Nóvoa, 1991, p.28).

Tornou-se necessário ver como os professores de outras disciplinas e a direção das escolas viam o treinamento desportivo, para poder traçar um paralelo em relação à visão que estas pessoas têm da Educação Física Escolar.

Aparece muito fortemente a questão dos resultados como fator de reconhecimento, em relação ao treinamento desportivo. O ser campeão, a busca do pódio, parece ser definitivamente o que dá *status* ao treinamento desportivo, pois superar aos outros e a si mesmo, ser sempre o melhor, ser vencedor, são valores considerados positivos dentro da nossa sociedade. Além disto, o valor do

respeito às regras vigentes (regras esportivas e regras sociais) amoldando-se ao que já está posto sem questionamentos, também faz com que o esporte seja profundamente útil à manutenção do sistema.

Os professores de Educação Física se referem das seguintes formas à questão dos resultados:

“Inovador, no Castro inicio a um mês, no Premem já a três anos é um pouco mais tranqüilo, é visto com bons olhos, porque tem dado resultado, tem dado fruto, os alunos estão melhorando em notas, melhorado a disciplina, e isto tem ajudado o treinamento.” (P.01)

“Eu acho que é bom quando eles ganham, quando eles perdem são uns pernas de pau, acho que ainda, já melhorou um pouco. Mas quando os alunos tem que viajar é aquela briga, que não serve para nada, que só atrapalha, eu acho que não é valorizado. Eu acho que é valorizado assim, se for uma equipe campeã é valorizado.” (P.02)

“O treinamento desportivo ele é visto dependendo, aqui na escola, dependendo dos teus resultados, se você tiver uma equipe que tem a felicidade de ter atletas com condições de disputar e conquistar alguma coisa, teu trabalho é até visto de uma maneira mais aceitável, se você não tiver esta felicidade, teus atletas são de um nível inferior e não consegue muitos títulos, conquistar muita coisa, teu trabalho não é reconhecido e nem lembrado as vezes.” (P.05)

“Depende muito de resultados alcançados, que nem na nossa escola, principalmente que eles só ligam para um resultado que é os jogos do CEFET, fora os jogos do CEFET, eles não querem saber se você ganhou, perdeu ou empatou.” (P.06)

“Acho que depende, sei lá, acho que o diretor gostaria muito assim que tivesse um trabalho de treinamento, que a escola possa ser visto como participando de modalidades esportivas assim e ganhando também, sendo campeão, não participar por participar, não que mude a imagem da escola, mas, sempre fica aquela coisa de que o trabalho de treinamento foi bem feito.” (P.17)

“Treinamento desportivo pelo que eu acompanho eles gostam, sempre falam sobre os resultados dos jogos, ficam assim contentes

quando a escola vai bem, acho que é bem visto por estas pessoas o treinamento.” (P.19)

Continuando na linha da valorização do treinamento através dos resultados em cada fala que se segue, é possível encontrar novos pontos de entrelaçamento entre o treinamento esportivo, a competição e a sociedade vigente. Para um professor, fica claro que além de importar apenas os resultados, não importa ainda quais são os métodos, basta vencer.

“Não é bom, por que a cobrança que eles fazem é o resultado, ninguém quer saber se você está fazendo uma boa equipe, do ponto de vista do treinamento, quer dizer, você está fazendo, usando coisas especializadas, métodos atualizados, coisas científicas, as pessoas querem resultados. Se de repente você “quebrar” o adversário e ganhar o jogo é o que vale, ninguém está se importando se você ganhou na boa, se você ganhou com respeito, o que as pessoas querem é, haja visto pela torcida, o que é a torcida? A torcida só quer saber de quem ganha, a torcida do Palmeiras e Corinthians não é diferente da torcida das pessoas que se reúnem e vão ver um jogo da escola, talvez tenha mais líderes, mas não é diferente.” (P.08)

Um segundo professor, ao lembrar as dificuldades encontradas nas escolas públicas do Paraná no ano de 1999, pelo desaparecimento do projeto de treinamento desportivo que permitia aos professores efetivos da rede pública no Estado do Paraná receberem até seis horas aulas para o treinamento de uma equipe esportiva na escola, tendo como obrigação participar dos Jogos Escolares do Paraná, em sua fase municipal, destaca ainda a questão da “compra” de jogadores e técnicos pelas escolas particulares, para reforçarem suas equipes e que acaba aumentando o poder de barganha das instituições que detenham o poder econômico. Mais uma vez, apesar destes fatos que comprovam a diferença de condições no sistema capitalista na busca do sucesso, ao vencedor é dada a aura

de competente, ao perdedor que não teve as mesmas condições e por isso não foi capaz de atingir o sucesso é atribuída a pecha de fracassado.

Para Moreira (1995) o esporte é dependente dos valores praticados pelos sujeitos em sociedade. Portanto, “ ... para a sociedade que valoriza a competição, o individualismo, a ‘filosofia’ de que o certo é levar vantagem. O esporte objetivado pelos indivíduos desta sociedade, terá conotação dogmática, onde o lema será vencer ou morrer” (p.19).

“Infelizmente este ano, nós estamos com um problema, é das horas treinamento que não saíram, o projeto de horas treinamento não saiu, então, ou talvez este ano se comece um retrocesso no treinamento esportivo a nível estadual, porque toda vez que se para um trabalho, durante um ano, há um desânimo, não só por parte dos professores mas também por parte dos alunos, a gente tem observado ao longo dos anos que o Estado está perdendo os técnicos desportivos, bons técnicos, já está perdendo para a rede particular e os bons alunos também, aqueles que são bons alunos, já tem propostas de colégios particulares e automaticamente eles vão abandonando as escolas estaduais, então acredito eu mesmo que saia jogos escolares nos próximos anos e já vem, já vinha tendo uma supremacia das escolas particulares e a tendência é cada vez, é esta supremacia das escolas particulares serem ainda maiores.” (P.09)

Tivemos um professor que destacou a questão da busca da ascensão social através do esporte (que, no nosso entendimento, é um mito para quase a totalidade da população) e ainda como o sistema político explora a questão do esporte em seu benefício e quais são os resultados desta exploração.

“Visão tecnicista é aquela que, o pai quando vai lá no clube coloca a criança com cinco ou seis anos, ele já quer fazer dela um campeão, ele não sabe nem o perigo entendeu e o pecado que ele está cometendo em cima desta criança, mas a criança em si, aqui, aqueles que se destacam mais, elas sem sombra de dúvida, elas tem verdadeira paixão, até porque ela sonha em ser um Ronaldinho, um Oscar, ela sonha em ser um Marcelo Negrão, quer dizer aquela utopia, aquele sonho que nós tivemos também como criança, de

tentar vingar, de tentar ser alguma coisa na vida. Mas eu coloco para eles que a oportunidade tem que ser para todos, independentemente da modalidade, que eles tem que fazer para buscar novos conhecimentos, agora o técnico nós temos aqui na escola que gosta de determinada modalidade, nós devemos respeitá-lo, sem sombra de dúvidas, até por que é melhor nós termos uma criança aqui conosco, do que ter ela..., agora é um problema social, um problema que envolve política de esporte, que você sabe que neste país é só 'oba oba', todo o dinheiro que se arrecada aí nas loterias em vez de ir para o pessoal disputar o Panamericano. Veja bem existe um projeto aqui na escola, para se fazer quadra, fazer laboratório, na época da política veio, agora sumiu, e isto aí é o que nós melhorando as condições, o visual daquilo que você vê e participa, uma boa quadra, coberta, bem pintadinha, te dá uma boa impressão, psicologicamente você se anima para poder trabalhar dentro da questão técnica, agora no geral aqui tem que proporcionar a todos, agora você vai trabalhar aqui até vai trabalhar, mas aquele ânimo que você tem, psicológico entendeu, aquela outra vontade que você tem de repente fica banida, feito.” (P.12)

Uma professora consegue clarear a questão das condições que se fazem necessárias para se atingir os resultados e como isto pode mascarar a seriedade e a eficiência de um trabalho

“Eu acho que com maior importância do que a própria aula de Educação Física, porque eles fazem a visão assim, de que todo o aluno de Educação Física deveria saber tecnicamente bem um toque, um saque, uma manchete, seja um arremesso, o que for dentro da área esportiva. E não ocorre isto dentro das aulas, porque, pela falta de material e o número imenso de alunos, não é aprimorado este nível técnico, é apenas dado uma aula de fundamentação a grosso modo, quando no treinamento existe a possibilidade de uma bola para cada dois atletas, as vezes até uma bola para cada um, que isto tem nas escolas, aí o aprimoramento técnico aparece mais, então dá a impressão que o professor/técnico trabalha mais seriamente e alcança resultados melhores.” (P.15)

Ainda temos um grupo de professores de Educação Física que dizem haver uma divisão em relação ao treinamento esportivo, o qual alguns vêm

como fator positivo, outros acham que só atrapalha, além de não ser do conhecimento de todos.

“Treinamento esportivo, poucas pessoas sabem que a escola possui equipes, se você divulga que ganhou um campeonato, legal, parabéns. Assumimos talvez até por falha nossa, pouca divulgação. E para alguns, jogos só servem para atrapalhar, muitas vezes o aluno tem que perder aulas para ir para jogos, então ele só está atrapalhando outro professor, pois ele as vezes tem que fazer uma prova de segunda chamada.” (P.04)

“Bom, volto a frisar por parte da direção e do pessoal da supervisão, a gente tem um apoio, é tido com muita seriedade, procuram nos dar todo o material necessário, todo o apoio necessário, os demais colegas de outras disciplinas, eles não entendem, bom eles nem tem muito conhecimento do que está acontecendo, não tem muito envolvimento e quando há a necessidade de se pedir a dispensa de alunos que são atletas para a participação de competição, eles sempre procuram colocar barreiras, dificultar um pouco o trabalho da gente, então eu vejo que novamente não dão valor também ao treinamento desportivo, que é uma coisa de segunda necessidade.” (P.13)

Determinados professores de Educação Física, salientam que embora os demais professores e a direção gostem do treinamento desportivo, muitos não sabem que ele existe e isto muda de escola para escola.

“Eles acham interessante, é que isto não é muito discutido porque, você veja só, este ano não conseguimos ninguém para treinar uma equipe, pois não há disponibilidade, os professores não tem condições. Ano passado o professor deu handebol, os professores só ficaram sabendo que as alunas tinham treinamento, quando elas já estavam jogando na fase municipal dos jogos, que daí foram, que daí vamos colocar ali vamos dispensar dos alunos, mas eles não tem mais convivência assim, de sabe, mas é, eu acho que se você for colocar para eles, eles acham bom pois, porque todos tem filhos e também gostam desse lado esportivo.” (P.07)

“Já respondi que o pessoal não sabe, não toma conhecimento não é, não, não, nada, é porque mesmo, olha o ano passado, eu trabalhei aqui neste colégio, foi o primeiro ano que eu trabalhei em colégio Estadual aqui em Pato Branco, quando eu trabalhava em Mariópolis, que foi aquele ano que eu comecei a trabalhar, eu

trabalhei dois anos lá, só seguidos com uma equipe, só que eu fui muito feliz, então tem duas, e foi colégio estadual, colégio pobre, nós treinávamos com aquelas bolas “purungão”, mas eu fui feliz, muito feliz. Os pais me apoiaram muito daquelas meninas, aqui foi diferente, direção, é fui feliz para caramba, tanto é que eu acho que foi isto que me levou a continuar, aquele sonho, aquela coisa bonita, os pais me esperavam no trevo, ganhasse ou perdesse, e foi, fui feliz para caramba, cidade pequena, um colégio só, vai ver que é isto, aqui eu senti ...” (P.11)

Para um último grupo de professores de Educação Física, a comunidade escolar não chega a tomar conhecimento do treinamento esportivo. É preciso lembrar que a maior parte deste grupo de professores, ao ser questionado sobre onde se encontraria maior reconhecimento profissional, entre o trabalho como docente de Educação Física ou de técnico desportivo, afirmou ser no treinamento desportivo, principalmente pelos resultados, que se encontra reconhecimento profissional. Se as pessoas na escola não tomam conhecimento do treinamento desportivo, mas mesmo assim acabam valorizando mais esta área de trabalho dos profissionais de Educação Física, possivelmente está havendo uma transferência. A comunidade escolar entende os resultados alcançados por determinadas equipes dentro do esporte de rendimento, dentro de uma perspectiva de esporte espetáculo.

“Na minha escola deste ano, nunca teve treinamento, os alunos tem interesse, gostam, questionam o por que não ter, mas o professor, a direção, não perguntam, não questionam por que nunca teve, e nas outras escolas, na maioria, não tinham conhecimento do treinamento. Muitas vezes a direção vinha e dizia “tem uns jogos lá, porque não coloca a tua equipe”. Mas não tinham noção que tem que ter um grupo de alunos para treinar, um tempo para treinamento, uma seqüência de treinamento para a maioria das pessoas e das escolas que eu passei, é por os alunos sem treinamento e eles jogarem, não tem conhecimento desta seqüência de treinamento.” (P.02)

"Para falar bem a verdade, eu acho que eles nem vêem estas coisas. Você está falando do colegas, chefia. Muito pouco eles percebem isso, não tem interesse." (P.10)

"Acredito que eles nem sabem como é que funciona a parte de treinamento desportivo aqui, talvez até pelo não interesse digamos assim coma área de Educação Física, então eles colocam assim como um segundo plano a Educação Física se tiver, se não tiver, para eles tanto faz." (P.18)

"Nem tem o conhecimento se a escola tem equipe ou não. Talvez por falta de divulgação dos próprios técnicos, que eu acho que seria muito interessante inclusive." (P.22)

É muito utilizada, no momento, a expressão "Esporte Educativo" para designar o esporte de rendimento que ocorre na escola. É necessário tomar cuidado, para não ser "engolido" pelo discurso do sistema e fazer uma análise real, verificando até que ponto o esporte de rendimento pode ser educativo ou apenas adaptativo. Para Cagigal, apud Paes, " ... o esporte será tanto mais educativo quanto mais conservar sua qualidade lúdica, sua espontaneidade e seu poder de iniciativa" (1997, p.43).

É preciso olhar de maneira crítica o discurso de uma professora de Educação Física que, apesar de anunciar o pouco conhecimento da visão que as pessoas da escola têm do treinamento desportivo, afirmou que, apesar das dificuldades, é um trabalho sério, bem feito e por isto reconhecido. Entretanto destacou que pelos treinamentos ocorrerem em ambiente externo, quando há chuvas, e isto é constante, os treinos são dispensados. Por este posicionamento, pode-se verificar que o treinamento desportivo se resume ao trabalho de quadra ou de pista, enfim ao trabalho técnico, tático e de condicionamento físico. Diante disto surge a pergunta, o que tem de educacional este treinamento? Não seria o

momento da chuva, uma excelente oportunidade, para discutirem-se temas ligados ao esporte, como racismo, discriminação, valorização dos vencedores e desvalorização dos perdedores, as questões do *estresse* emocional gerado pela competição, o doping, o treinamento precoce, valor salarial de um astro, esporte e mídia e tantos outros temas polêmicos? Inclusive poderia ser o momento de um aprofundamento teórico das questões técnicas e tática e mesmo das regras do esporte, que são desconhecidas para a maioria dos atletas (conhecem superficialmente as regras básicas). Não estamos questionando a seriedade destes treinamentos, porém a limitação dos mesmos e a afirmação de educação através deste esporte.

Esta professora assim se posiciona.

"Eu não tenho assim muito conhecimento de causa, até por falta de oportunidade, mas pelo que eu vejo assim, não estou afirmando isto com causa, mas sempre foi feito um trabalho sério, nosso lema aqui na escola. O problema é tempo, as quadras, então choveu, não tem treinamento, isto cai muito a produção, mas o que tem sido feito, tem sido muito respeitado, os técnicos...tem mostrado um trabalho muito bom, mesmo com as condições físicas, falta de espaço físico, tipo ginásio coberto, que atrapalha o rendimento, principalmente aqui na nossa cidade que chove muito. Mas é um trabalho, um trabalho bem feito." (P.20)

Uma outra questão levantada nas entrevistas, tanto para a direção das escolas, como para os professores de Educação Física, foi, quais seriam as qualidades necessárias, na sua visão, para que tivéssemos um bom professor de Educação Física e um bom técnico desportivo. Foram lembrados os aspectos da competência, da postura profissional, do relacionamento com alunos e atletas e a questão de atingir bons resultados para os técnicos desportivos.

Entretanto, em nenhum momento foi mencionado, por qualquer dos entrevistados a questão da clareza política. Os motivos desta omissão não são possíveis de detectarmos neste momento, porém as consequências podem ser notadas, pois “a concepção que o professor tiver da sociedade, da educação e de homem é ponto referencial de todo o processo educativo escolar, que através dele se dará, isto é do seu cotidiano pedagógico” (Fink, 1995, p.24), desta maneira, “os currículos de graduação não deveriam alijar do processo educacional as atividades políticas, uma vez que toda e qualquer ação pedagógica é antes de tudo uma ação política” (Carmo, 1987, p.43).

Dentro desta linha de raciocínio, é necessário aos professores um profundo engajamento político, pois “os professores compromissados com a transformação social devem ter por objetivo ser membros ativos de movimentos políticos, que põe em cheque os dogmas e os paradigmas de uma sociedade injusta, inadequada ao desenvolvimento de uma práxis revolucionária, sócio-pedagógica” (Freitas, 1987, p.107).

Nos discursos, a Educação Física é sempre enfatizada como altamente positiva, sendo comum em todos eles a valorização da atividade física, e nas escolas a valorização da disciplina de Educação Física. Nesses discursos, destaca-se que a Educação Física é imprescindível para a formação holística do ser humano, com a escola reforçando esse discurso. Mesmo não sabendo ao certo qual é o papel da Educação Física na escola, ninguém nega a importância e os benefícios das atividades físicas para o ser humano. Ainda mais na sociedade moderna, na qual o sedentarismo é visto como um grande aliado das doenças

cardiovasculares e do estresse, cujos fantasmas assombram o cotidiano dos seres humanos na atualidade. Nas palavras de Oliveira (1985) este fato é notório. “O ensino público enceta uma política de valorização da Educação Física em todos os níveis de escolaridade, incluindo professores especialistas em Educação Física no período pré-escolar e nos níveis iniciais do primeiro grau” (p.59). Entretanto, a simples adesão a esse discurso, não é o suficiente para gerar as condições necessárias para que se processe uma Educação Física eficiente, e, assim, valorizar não é apenas fazer existirem as aulas de Educação Física (embora isso seja necessário). É preciso criarem-se condições materiais para que ela se realize e que tenha eficiência. Porém, o que se vê na escola pública, contraria a proposta oficial, e a faz parecer apenas um jogo de palavras.

Os mesmos diretores que, apesar de considerarem o treinamento desportivo como muito importante, julgaram ser da maior importância a disciplina de Educação Física nas suas escolas, tendo a mesma uma maior abrangência em relação ao treinamento desportivo e por este motivo ser mais importante, são esses mesmos diretores, em muitos casos na prática, que tomam as seguintes atitudes:

- Enquanto as aulas de Educação Física ocorrem em ambiente externo na dependência do clima, na questão da organização da aula, fazem convênios e locações para que os treinamentos ocorram em locais fechados;
- Permitem que em seus colégios, que possuem às vezes um único local para que aconteça a parte prática das aulas, “batam” horários e, com isto, os professores de Educação Física são obrigados a dividir este único ambiente ou a improvisar em corredores, pátios e outros locais. Parece-nos ser a única disciplina

(mesmo sendo uma das mais importantes) em que os professores têm que dividir uma sala de aula entre dois ou três profissionais, considerando uma quadra a sala de aula para o professor de Educação Física;

- Permitem em suas escolas, e solicitam aos professores de Educação Física que com o objetivo de facilitar o fechamento do quadro de horário, aceitem a junção de turmas de séries diferentes, com faixas etárias e interesses distintos, num mesmo horário de aula;
- Fazem a redução do número de aulas semanais de Educação Física;
- Em determinadas escolas eliminam as aulas de Educação Física para os alunos do curso noturno, deixando claro duas possibilidades, ou a de que a disciplina de Educação Física seja considerada desnecessária e, por esta razão dispensável, ou que os alunos do período noturno, por serem em sua grande maioria trabalhadores e pertencentes aos estratos mais baixos da população, não merecem uma educação da mesma qualidade dos alunos dos períodos matutino e vespertino;
- Quando não eliminam a Educação Física do período noturno, colocam-na no último horário, quando todos os demais professores já foram embora, inclusive a parte administrativa, ou a transferem para o dia de sábado, normalmente no período da tarde, causando dificuldades²⁹ a alunos e professores e, com isso, aumentando consideravelmente o número de pedidos de dispensa das aulas de Educação Física;

²⁹ As dificuldades referidas são de transporte, de assumir compromissos em horários que deveriam ser destinados ao lazer e ao descanso. Também criam-se problemas estruturais para os professores, pois normalmente nestes horários, toda a parte administrativa da escola não está funcionando e no caso de problemas disciplinares, ou até em caso de acidentes com um dos alunos o professor tem que resolver sozinho, normalmente abandonando a turma, para dedicar-se a apenas um aluno.

- Em casos extremos, temos visto até a transformação das aulas de Educação Física do período noturno que funcionam como projetos, em horário de treinamento de equipes de modalidades esportivas, num desrespeito ao direito dos alunos, e às leis vigentes para o sistema educacional no Estado do Paraná.

Os próprios professores, dão uma mostra da despreocupação e do desrespeito com a Educação Física escolar, onde exercem parte da sua profissão, sendo coniventes com estas medidas³⁰, demonstrando ainda a falta de clareza política, ao não perceberem que possíveis favorecimentos momentâneos, colaboram em muito para o descaso de parte da comunidade escolar para com a disciplina de Educação Física, podendo até determinar a sua extinção, num próximo momento. Esta proposta já surgiu durante a elaboração da LDB, mesmo não tendo sido aprovada no texto final, deixou suas marcas e seus defensores, que só esperam o aumento do descrédito da disciplina para voltarem a se manifestar, propondo que se transfiram aos clubes e academias a responsabilidade de cuidar das atividades físicas.

Na confirmação desta perspectiva que ronda a disciplina de Educação Física, estaremos dando passo importante na busca da privatização de mais um setor educacional, e estaremos reduzindo a aula a mera atividade física, o que elimina qualquer possibilidade de desenvolvimento de uma postura crítica,

³⁰ Não podemos nos esquecer que é cada vez mais difícil se opor ao poder, assim como o professor constantemente depende de decisões da direção em muitos casos ele é obrigado a compactuar com uma prática contrária aos seus princípios. É preciso salientar ainda que quando um professor consegue uma vantagem pessoal, ao aceitar uma situação que denigre a própria profissão, muitas vezes isto não ocorre por falta de clareza política e sim por uma necessidade de sobrevivência imediata.

aumentando a alienação das pessoas e facilitando que o discurso da classe dominante se torne único e inquestionável.

4.6 - Aulas de Educação Física: Que Estrutura a Escola Oferece

Ao visitarmos as escolas, para conferir em quais condições se processam as aulas de Educação Física, podemos ver como condição geral (existem casos piores) uma quadra esportiva mal conservada, com iluminação deficiente, onde o professor ministra suas aulas - supostamente planejadas - se as condições climáticas favorecerem. Na maioria das escolas este é o único local destinado como sala de aula para a disciplina de Educação Física. Pode ainda o professor improvisar outros locais, mas terá que disputar espaços com pessoas pertencentes ao quadro da escola ou alheias a ela. Na ausência de algum professor de uma outra disciplina, é prática comum, os alunos, para evitar que perturbem a ordem da escola serem enviados para a quadra, local normalmente afastado das demais dependências do educandário. Assim, para Santim,

A escola realmente abriu pouco espaço para a Educação Física, especialmente nos níveis de formação superior. Nos níveis inferiores ela se apresenta ou se apresentou mais como treinamento através de exercícios mecânicos. Assim, pode-se dizer que, quando a escola abriu as portas para a Educação Física, foram as portas dos fundos, cedendo espaços sobrados e os horários rejeitados pelas outras disciplinas. Raras são as exceções em contrário. Além disto, como a corporeidade e o seu cultivo não foram objetivos de grandes preocupações pedagógicas, a Educação Física surge, às vezes imposta por outros caminhos, como não fazendo parte da área da Educação, isto é, do centro de Educação (1987, p.24-5).

Em relação ao material utilizado nas aulas de Educação Física, pode-se conferir que ele é, freqüentemente, além de insuficiente para atender à demanda de alunos, de baixa qualidade. “O material para a prática da Educação Física nada mais é do que os recursos didáticos de que necessitamos para levar a efeito a prática dos desportos e das outras vertentes da Educação Física” (Negrine & Gauer, 1990, p.102)

Além disso, para guardá-lo o professor de Educação Física tem a sua sala de materiais, que pode ser uma pequena despensa ou um banheiro que está em desuso, também pode ser este material guardado embaixo de uma escada, caso a escola tenha dois andares. Para resolver os problemas relacionados ao material é exigido ao professor de Educação Física que improvise; improvisar significa “inventar de repente”. Isso é possível em determinadas ocasiões, demonstrando até mesmo criatividade por parte do professor, mas improvisar sempre? E a organização, a preparação da aula, servem para quê? Quando se pede a improvisação, estaria se pedindo criatividade? Em que sentido? Comumente ser criativo significa não aceitar o que está posto pelo sistema, significa opor-se à situação vigente. Embora essa oposição possa trazer conseqüências benéficas, ela normalmente não é bem recebida, podendo mesmo ser causa para a eliminação das pessoas de uma determinada instituição. Não se pode esquecer que “...quanto mais o homem é rebelde e indócil, tanto mais é criador, apesar de, em nossa sociedade, se dizer que o rebelde é um ser inadaptado” (Freire, 1986, p.32).

Desta forma, é difícil dizer o que se espera realmente da Educação Física escolar e do professor de Educação Física. Parece que, apesar de muito se falar em

qualidade de vida³¹ e propalar-se que a Educação Física seria uma das atividades que propiciariam essa qualidade, na prática, alguma coisa (ou muita) ainda está faltando.

4.7 - Como se Estruturam os Cursos de Educação Física

Tendo em conta, que o esporte se tornou o conteúdo primordial da Educação Física escolar, criando uma tendência chamada de esportivização da Educação Física, buscamos saber de que forma os próprios cursos de graduação em Educação Física tinham influência neste fenômeno, e como isso refletia na Educação Física escolar.

A tendência esportiva reflete o mecanismo de nossa sociedade, inclusive dos interesses políticos-ideológicos reinantes. Procura-se encontrar os 'talentos infantis' – futuros campeões – relegando-se a um segundo plano a educação de base, ou 'gramática' do movimento ... o movimento natural é codificado e quantificado, em nome de um melhor desempenho, que levará a vitória e ao recorde (Oliveira, 1985, p.24).

Quando da análise de vários currículos, vimos que eles estão estruturado de forma a valorizar primordialmente o esporte. Um aspecto que se destaca nas grades curriculares dos vários cursos de Educação Física analisados é que, com algumas variações, as disciplinas ditas esportivas ocupam em média 50% do total do horas/aulas ministradas aos estudantes dos cursos de Educação Física.

³¹ “ ... quando se fala em qualidade de vida, pensa-se em atividades físicas que envolvam muita corrida, muito salto, uma movimentação intensa com o corpo. Todas estas características podem certamente contribuir para tal, porém é importante entender que elas não são as únicas” (Paraná, 1998, p.40).

Os cursos de Educação Física, da maneira como vem sendo ministrados pelas Instituições de Ensino Superior, oferecem unicamente a habilitação em licenciatura, formando o profissional de Educação Física, voltado para a área da Educação. Via de regra, esses cursos apresentam um currículo quase inteiramente organizados com disciplinas de enorme abrangência de conteúdo da área desportiva, uma pequena concentração de disciplinas de conteúdo formativo no campo pedagógico, que não passam das obrigatórias por lei, e uma rápida passagem por disciplinas que apresentam aspectos programáticos de formação pedagógica e cultural geral (Tojal³², 1995: p.17-8).

Assim se a intenção é a de formar professores de Educação Física, seria necessário dar suporte aos mesmos, tanto tecnicamente, como pedagogicamente. Entretanto, é dado pouco valor a disciplinas como História, Filosofia, Sociologia, nos cursos de formação de professores de Educação Física, “essa discriminação aliena a Educação Física de alguns de seus propósitos mais autênticos, fazendo-a assumir uma postura dogmática, acrítica, onde o discurso sobre o homem torna-se fragmentado e secundário” (Oliveira, 1990, p.89), deixando uma lacuna na formação profissional dos futuros professores de Educação Física.

Também buscamos um entendimento de qual tratamento era dado pelos professores das disciplinas esportivas, na formatação das mesmas, pois vários são os recortes que se pode dar para um mesmo assunto.

Nessa questão é possível perceber que as ementas acabam privilegiando os aspectos de fundamentação individual, os aspectos técnicos e táticos, bem como as relacionadas à preparação física de atletas e ainda as formas de se tratarem lesões que possam acontecer. São largamente utilizadas as

³² João Batista TOJAL, em seu livro Currículo de Graduação Em Educação Física – A Busca de um Modelo, faz uma análise abrangente sobre cursos de graduação em Educação Física no Estado de São Paulo, e é uma leitura que pode trazer maiores esclarecimentos sobre esta área de estudo.



aprendizagens através de seqüências pedagógicas, com tendência a automatização e a mecanização das atividades em detrimento das ações reflexivas.

Os aspectos sociais são praticamente esquecidos dentro das ementas, sendo que a proposta destas disciplinas é a de aprender gestos técnicos e formações táticas pré estabelecidas, numa autêntica mecanização das atividades, sendo que na verdade “a preocupação das escolas deveria ser essencialmente ‘ensinar a ensinar’. O produto destas escolas não são atletas, mas professores e a nossa atividade é eminentemente intelectual e não física” (Oliveira, 1990, p.102). Como não são levantados os aspectos sociais e sim privilegiado a repetição, é muito difícil que estas disciplinas auxiliem no desenvolvimento da capacidade crítica dos acadêmicos e futuros professores, o que impede que os mesmos possam futuramente auxiliar aos educandos que forem seus alunos na tarefa de se tornarem cidadãos críticos. Há uma tendência para que os alunos egressos destes cursos de graduação em Educação Física analisados, sejam dóceis e amestrados e, mesmo sendo contrários à idéia de reproduzirem esta sociedade vigente, a qual muitos se mostraram contrários, venham, com seus métodos de trabalho, se posicionarem como verdadeiros “guardiões” da sociedade capitalista neoliberal e excludente, contribuindo para a manutenção da mesma. Para Goedert³³, “Os professores de Educação Física apresentam dificuldades em delimitar seu papel educativo, este que predomina como reprodutor da prática pedagógica da

³³ Goedert, é professora de Metodologia de Ensino da Educação Física e Prática de Ensino – Estágio Supervisionado no Departamento de Teoria e Prática de Ensino – Setor da Educação da Universidade Federal do Paraná.



Educação Física, consequentemente a função da escola aparecendo mais a serviço de uma sociedade capitalista” (1999, p.223).

Finalmente, fomos ouvir os próprios professores de Educação Física de Pato Branco, para ver qual era a sua visão sobre os seus cursos de formação e quais aspectos eram realçados como fator positivo ou negativo de seus respectivos cursos, e se estes fatores eram peculiares ao um único curso, ou era possível fazer generalizações, estendendo-as aos demais cursos de Educação Física no Paraná e no Brasil.

Uma parte significativa dos alunos egressos dos cursos de graduação em Educação Física, reconhecem que há necessidade de melhoras nos cursos e que estes problemas acabam baixando a qualidade do profissional. Esses dados acabam corroborando com o trabalho de Moreno, onde “a maioria dos estudantes entrevistados considera o curso de Educação Física, um curso fácil, que tem poucas exigências teóricas, e que estuda quem quer, mas, quem não quer costuma se formar do mesmo jeito, o que faz com que muitos se sintam prejudicados” (1986, p.148). Porém, o número de ex-alunos que mencionam a questão dos cursos serem extremamente técnicos, não é muito alto, evidenciando que este fator talvez seja considerado normal, não merecendo por isto nenhum destaque. Vejamos como se posicionam os ex-alunos que reconhecem a necessidade de melhora nos cursos de graduação em Educação Física.

“Métodos de ensinamento muito pouco trabalhados, parte psicológica da criança fraca, nesse ponto a gente sai com muito a desejar.” (P.01)

“Achei meio fraco em relação, três anos, que hoje não é mais, e praticamente formou técnico da disciplina, nem formou muito bem

o técnico. Deixou a desejar, talvez a cabeça nossa também não era algo mudada como era hoje, totalmente diferente a mentalidade do acadêmico, do profissional de hoje.” (P.04)

“Bom, no geral eu acho que falta um pouco de padrão nos cursos de Educação Física no Brasil, a gente não tem padrão, cada um faz bem aquilo, que acha que faz bem.” (P.08)

“Eu acho que é muito curto, hoje eu sei que no aproveitamento, isso que o nosso foi até mais, porque eu cursei em Palmas, já na época que eu fiz, como era a primeira turma, era 100%³⁴, então até tinha um aproveitamento, eu acho que ele é muito curto pelo que ele exige.” (P.10)

“É uma experiência boa, só que tiveram muitos módulos que não foram proveitosos, você entra, eu entrei na Educação Física, entrei na pós-graduação querendo coisas novas para eu poder usar nas minhas aulas, nos meus treinamentos, não é nada disso que você vê. O curso de Educação Física, a mesma coisa, pouca coisa, depois que você sai de lá, você tem que ser criativo e usar muita coisa, você não aprende como dar aulas, você não aprende.” (P.11)

“O curso quando a gente fez estava numa época que estava em transição o ensino no país, do tecnicista para um outro estilo, então ficou muito confuso isto, a gente teve muitos professores que ainda vinham de uma linha mais.... (pediu para desligar) e como o ensino mudou toda a visão logo depois, a gente teve que buscar isto fora, não foi um aproveitamento muito bom, dessa parte, principalmente da parte da Educação em si, não da parte técnica do esporte.” (P.14)

“Eu acho que deixou muito a desejar, teve áreas assim que foram bastante aprofundadas e teve áreas que faltou muito conteúdo ou pelo menos no encaminhamento da gente para a bibliografia, que eu acho que o aluno de faculdade tem que estudar, só que na nossa época não era dada a visão nenhuma do que você tinha que buscar em termos teóricos, era muito valorizada a prática, tanto que as notas da prática era peso sete a prova e peso três a prova teórica em todo o curso de Educação Física e em algumas cadeiras os professores não tinham aquela habilitação necessária para

³⁴ Na faculdade de Palmas, existe o curso regular na área de Educação Física e existe o curso chamado de intensivo, onde os alunos tem suas aulas concentradas em módulos. Inicialmente o módulo intensivo, onde o aluno tinha aulas pela manhã, tarde e noite ocorria uma vez a cada mês, na atualidade ocorrem dois módulos intensivos a cada mês, na mesma sistemática, com aulas nos três períodos.

trabalhar, como foi o caso da dança, e outras disciplinas assim que a gente pode citar.” (P.15)

“Era fraco, era um curso mais voltado para as tendências pedagógicas antigas, não havia muita coisa de novo não, inclusive métodos calistênicos, coisa bem antiga mesmo, o que eu fui aprender foi depois, com cursos, no dia a dia, a faculdade foi muito pouco, foi só uma base mínima.” (P.16)

“Na época eu achava normal, pois não sabia o que vinha pela frente, mas com o tempo de trabalho eu achei que o curso deveria ser mais prático e específico dentro de algumas disciplinas como anatomia, fisiologia, cinésioologia, biometria o estágio e alguns outros. As disciplinas com os esportes, já eram bem tecnicistas, talvez na época eu não mudaria nada, mas hoje eu queria que existisse um aprofundamento maior das disciplinas trabalhadas em relação ao corpo humano, tanto na prática, como na teoria e nos esportes já deve ter mudado muita coisa e ter maior experiências práticas dentro do estágio. Porque é só dando aulas e treinamento, que você consegue ver as dificuldades que a gente tem.” (P.22)

Nas palavras da professora (P.15), é verificável outro fator, que reflete a pouca preocupação dos cursos de graduação em Educação Física na formação dos futuros professores, é a forma de avaliação. Os acadêmicos são cobrados essencialmente pelo saber fazer, Os estudantes “sentem-se tratados como atletas, obrigados por muitas vezes, a executar gestos motores sem qualquer problematização ou pedagogização, se sentem incomodados em realizar provas baseadas em performances” (Moreno, 1996, p.147).

Entretanto estes alunos dos cursos de Educação Física, quando nas escolas, agora, como professores de Educação Física, também cobram de seus alunos a parte gestual, a técnica de execução em detrimento da reflexão, da problematização. Esse fator se dá mais por condicionamento, pois,

... o processo de ensino aprendizagem nas disciplinas universitárias que tratavam sobre os diferentes esportes, centravam-se fundamentalmente pela aprendizagem procedimental de diferentes técnicas envolvidas nessas

disciplinas desportivas. Essa característica era fortemente observada nas avaliações; cobrava-se dos alunos 'rendimento motor', ou seja, que os alunos soubessem fazer os gestos desportivos da disciplina correspondente a um nível de eficiência 'suficiente'. Avaliava-se o saber fazer o movimento. Os alunos eram considerados atletas em potencial (Gonzalez³⁵, 1999, p.585-6).

"Nos cursos superiores os discentes recebem os ensinamentos fragmentados, numa visão da pedagogia positivista, não havendo relação entre as chamadas disciplinas teóricas e práticas" (Moreira, 1992, p.203). Isso faz com que, para alguns dos atuais professores de Educação Física que atuam em Pato Branco, o curso de graduação, que já não consideravam bom na época, esteja piorando, pois mantém uma mesma forma de atuação, desprezando as alterações que ocorrem numa sociedade histórica que está em constante transformação. Um outro ponto que várias vezes é enfatizado, por ex-alunos com diferentes visões de seus cursos, é a questão de que, indiferentemente da qualidade do curso, é o próprio aluno quem determina sua qualificação profissional.

Esta afirmação demonstra um profundo enraizamento do discurso neoliberal de culpabilização das próprias vítimas, retirando do sistema qualquer espécie de ônus. Sem negarmos inteiramente que é preciso por parte dos alunos esforços no sentido de melhorar sua qualificação, refletida no seu desempenho profissional, concordamos ainda que é necessário e benéfico ter uma aprendizagem continuada, não se limitando ao curso de graduação. Entretanto, não podemos desonerar os cursos de graduação, cobrando deles uma qualidade de

³⁵ GONZALEZ, é da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI.



educação, para que então este fator somado aos esforços dos alunos possam contribuir na formação de excelentes profissionais e seres humanos.

É preciso vislumbrar com clareza que, por mais competente e esforçado que seja o aluno, em qualquer nível de ensino, ele precisa ser desafiado e estimulado na busca do conhecimento. Em cursos de qualidade duvidosa, ótimos alunos correm o risco de nem tomarem conhecimento da existência de conhecimentos e competências necessárias à sua boa formação, e gastarem tempo e recursos desnecessários buscando o que o curso lhes negou.

“Eu sempre parto do princípio que o curso é a gente que faz, se você não for dedicado, você pode estar na melhor universidade do mundo que você não sai bom,. Mas eu acho que o curso na minha época, hoje eu vejo as falhas que ele tinha, um curso bastante voltado para a técnica. A questão de que o curso tem algumas falhas, agora com a vivência eu vejo como era uma coisa bastante técnica, que a gente aprendia ir lá e jogar voleibol, aprender educativos, aprendia uma coisa assim bem técnica. Aquela parte de noções do corpo, de conhecer, até de realmente saber a função da Educação Física, a história da Educação Física, o porque, a história do esporte, como é que é, o como é que foi, isso a gente nunca estudou, esta parte mais filosófica, mais histórica nunca foi colocada, era assim bem técnica, e hoje que eu conheço inclusive alguns egressos recém saídos do mesmo curso, eu percebo que está pior do que na minha época, ela está mais fraca, inclusive na parte técnica, de coisas assim básicas que tem que saber, que são meio técnicas, por exemplo avaliação física, uma coisa que hoje em dia você tem que saber, resistência aeróbica, professor de Educação Física que não sabe o que é isso, é básico, que estão saindo sem saber, isto está me assustando.” (P.02)

“Na minha graduação, eu fiz em Palmas, achei super fraco, acho que uma faculdade não é o caminho para todos que se formam, acho que o que mais vale depois da faculdade, é os cursos de especialização, eu sei bem crua, muitas coisas que eu achei que iria aprender, por exemplo, o que eles iriam passar para a gente ficou bem, tanto que quando eu acabei a faculdade, o que eu mais procurei forma cursos, para mim me especializar mais, fiz cursos de handebol, natação, voleibol, porque você sai dali, aquele basicozinho e nada mais, você sai dali para dar voleibol, handebol,

aquelas coisas básicas, mas sim para você se aprimorar mais, ter um conhecimento melhor, tem que fazer cursos de especialização, ali foi bem fraquinho.” (P.07)

Uma professora apesar de se sentir satisfeita na época, hoje com uma maior experiência profissional, reavalia sua opinião e reconhece que o curso de graduação em Educação Física deixou a desejar.

“Gostei do curso, depois de ter uma experiência maior na área de Educação Física, depois de ter um estudo maior, depois de concluída a faculdade, hoje eu acho que deixou a desejar, mas na época eu fiquei satisfeita.” (P.03)

Um professor enfatiza seu curso como sendo satisfatório, e levanta como questão que diferencia as disciplinas o nível dos professores.

“Olha, é, com algumas dificuldades quanto a questão da formação dos professores de Educação Física, alguns bem gabaritados outros com deficiência, mas em fim pelo contexto geral que a gente tem conhecimento é uma faculdade de nível satisfatório.” (P.13)

Temos um professor que demonstra em suas palavras o tecnicismo de seu curso de graduação, e se posiciona dizendo das dificuldades que isto traz para o trabalho como professor de Educação Física.

“O nosso curso principalmente lá de Ponta Grossa, foi quase que totalmente técnico, era uma área naquela época técnica e digamos assim, não teve uma preparação maior quanto a trabalhar na Educação Física dentro das escolas, principalmente de 5º a 8º séries, então um curso realmente bastante técnico, onde eles te preparavam mais mesmo, para ser um técnico desportivo.” (P.18)

Temos um número significativo de professores que consideram sua graduação como de bom nível ou até mesmo como excelente. Este posicionamento contraria quase a totalidade da literatura elaborada por especialistas, que se dedicam a analisar os cursos de graduação em Educação Física no Brasil. Isto nos permite levantar hipoteticamente que, ou há um interesse

em valorizar a formação acadêmica, ou que estes professores basearam-se apenas em alguns aspectos para definir a qualificação de seus cursos, ou ainda que por já trabalharem na área de Educação Física, mesmo sem ter a devida formação, seus interesses eram de ordem mais técnica e foram plenamente correspondidos.

Para a grande maioria dos que têm uma visão positiva dos cursos de graduação, o nível de formação dos professores é o fator de diferenciação, para os demais cursos de Educação Física. Quando um ex-aluno se referia bem ao seu curso de graduação, não o fazia referindo-se a condições materiais (laboratórios, bibliotecas, instalações adequadas, etc.), nem à parte burocrática (grade curricular, programas de disciplinas, duração, exigências, etc.), e sim a qualificação de seus professores, baseada na titulação. evidencia-se assim, que de acordo com Cortella "... o meio tecnológico mais avançado é o educador e o investimento em sua formação ..." (1995 p.06).

"Para mim foi excelente, foi dentro daquilo que eu esperava, desde que adquiri novos conhecimentos, trabalhar como corpo também, para mim foi ótimo." (P.05)

"Na época que eu fiz, apesar das dificuldades que a gente encontrava, por não conseguir realizar o curso 100%, e pelo pouco tempo que a gente fez de faculdade, na minha opinião foi muito boa. Devido aos bons professores que na época vinham de fora para ministrar o curso, que hoje na faculdade de Palmas, a maioria dos professores são da própria região, eu acho que perdeu um pouco a faculdade em nível profissional dos professores." (P.09)

"Olha o curso de Educação Física que eu fiz na faculdade, eu posso te dizer que nós tínhamos um corpo docente com mestrado, até PhD tinha e anatomia prática, anatomia teórica certo, que eu acho que o curso de Educação Física, pelo menos pelo que eu vejo hoje em determinadas escolas, entende, hoje está deixando a desejar, então eu me sinto satisfeito com o curso de Educação Física que eu fiz, mas você sabe que o mundo, eu me formei em

1981, para 1999 hoje, se passam quase vinte anos, e o mundo de evolução, fora isto você vai buscar o quê, vai buscar atualização, pós graduação, especialização, uma série de coisas, aí para que você possa sobreviver dentro do contexto, mas o curso que eu fiz, na faculdade que eu fiz, era de bom nível.” (P.12)

“Excelente, eu fiz na antiga escola de Educação Física e Desportos do Paraná, que no último ano do meu curso, foi federalizada. A Universidade Federal do Paraná absorveu a Escola de Educação Física, então foi muito bom, eu tinha professores de alto nível, já com mestrado, uma vivência muito grande, e pessoas que trabalhavam no CEFET e professores que trabalhavam num nível de aluno assim muito bom, então eu tive uma base muito boa, tive o privilégio de ter sido aluna de excelentes profissionais.” (P.20)

“Olha na época, que o ano de 1972, que eu me formei no curso de Educação Física, preenchia todos os requisitos que a gente imaginava que eram necessários para a Educação Física, eu sei que ele passou por várias reformulações, a Universidade Federal do Paraná tem um bom curso de graduação, só que ele é bem diferente. Para mim te dar uma resposta bem exata, eu teria que fazer um paralelo entre aquilo que eu tinha na época de faculdade e o que existe hoje. Eu sei que hoje existem cadeiras bem mais técnicas, bem mais científicas do que na época predominavam, mesmo em função da própria situação que o país vivia, que era a ditadura militar, que era a saúde, o esporte em primeiro lugar, do que hoje a Educação Física é bem diversificada, mas pela minhas experiências anteriores e pelos contatos que eu mantenho até hoje, eu acredito que a maioria dos cursos de graduação em Educação Física do estado do Paraná estão formando professores a contento, lógico que eu acredito que o curso de Educação Física, ou seja qualquer um outro, é o próprio aluno que o faz, se ele tiver realmente objetivo de ser um bom profissional de Educação Física, o curso oferecendo as mínimas condições já é satisfatório. Mas eu tenho visto que os cursos tem oferecido bastante, só que tudo muda, nada fica permanente e agora parece que está havendo uma nova reestruturação do ensino de Educação Física, eu acho louvável.” (P.21)

Destaco ainda a fala de duas professoras, que consideram igualmente seus cursos de graduação em Educação Física como bons e repetem o

discurso de que a qualidade de um profissional independe do curso e é diretamente dependente da vontade do próprio aluno.

“O curso lá, não que isto dependa do curso, depende mais da pessoa, mas o curso lá era considerado terceiro, quarto, agora eu nem sei como está a classificação, tinha muito doutor que dava aulas lá, um pessoal assim muito conhecido, professores conhecidos, o curso eu acho que foi bom, foi muito bom.” (P.17)

“Onde eu fiz eu daria um conceito bom, agora eu acho que não depende muito do local que você faz, o curso de graduação vai, ele te dá o curso, te dá o diploma, mas vai depender muito do que você se interessar por fazer depois, cursos específicos nas diversas áreas que você for trabalhar, por que se você ficar só com o conteúdo da faculdade é pouco.” (P.19)

Entretanto um professor aponta, que seu curso de graduação era inteiramente voltado para a formação de professores e não de atletas (subentende-se técnicos). Esta afirmação parece bastante equivocada e contraria não somente a literatura específica da área, como o discurso dos demais colegas professores.

“O curso que eu fiz, na minha opinião, a faculdade que eu fiz era em Palmas, era voltado principalmente, exclusivamente para a formação de professores, ela não visa a formação de atletas.” (P.06)

Apesar dos cursos em grande maioria formarem licenciados em Educação Física, evidentemente na prática, as pessoas oriundas destes cursos não estão preparadas para ministrarem aulas de Educação Física escolar, por que nem a programação do curso, nem a maneira como as disciplinas eram ministradas favoreciam isto. Esses fatores acabam refletindo na prática destes professores nas escolas onde,

pesquisas de todas as formas foram realizadas e chegaram a triste conclusão de que a Educação Física no ensino formal não passava de atividades esportivas para os mais aptos, práticas essas feitas exclusivamente para alunos

previamente selecionados, onde os menos aptos eram dispensados (Pellegrinotti, 1995, p.107).

Podemos entender que o curso não acabe formando nem professores, nem técnicos dando uma formação generalista de muita abrangência e pouca profundidade, fazendo com que o profissional de Educação Física saiba pouco sobre muita coisa, o que não o capacita para o agir profissional.

Assim, a formação do profissional de Educação Física, que se propõe a trabalhar na escola com a disciplina de Educação Física, parece incompleta na parte pedagógica e excessiva no que se refere aos esportes e ainda estes são vistos apenas pelo prisma técnico. Desta forma, não é de estranharmos que pessoas que gostam imensamente do esporte, que viveram e foram reconhecidas através de atividades esportivas, ministrem aulas de esportes em substituição às aulas de Educação Física.

CONCLUINDO PROVISORIAMENTE...

Nossa tarefa aqui foi de buscar nas falas e na literatura analisada, os elementos para que pudéssemos ter uma síntese de todo o trabalho elaborado.

Tínhamos, no início da pesquisa, a percepção de que a relação de valores que se estabelece entre o professor de Educação Física e o técnico desportivo dentro da escola, em especial na escola pública, era uma das “chaves” que nos permitiriam compreender a dificuldade de legitimação da Educação Física escolar, como uma disciplina formadora, integrada ao **projeto político pedagógico** da instituição escolar.

A sensação empírica que nos assolava ao começarmos a caminhada de que por determinadas razões o esporte era legitimado pela sociedade capitalista de produção na qual estamos inseridos confirmou-se ao longo do percurso trilhado. Preocupa-nos especialmente o fato de que a Educação Física mais do que incorporar à sua prática, o esporte, acabou sendo “engolida” por ele, foi subjugada e passou a compartilhar valores do esporte espetáculo. Esse não tem um cunho educacional e tampouco busca a formação do cidadão, serve entretanto de “vitrine” para que o consumismo exacerbado que assola a população brasileira estabeleça-se de maneira soberba.

A primeira preocupação levantada foi a de buscar os motivos que levaram as pessoas a buscarem a graduação em Educação Física. De forma incontestável, terem sido atletas coloca-se como fator primordial na hora de se decidir por uma carreira universitária. Entretanto, não é com o objetivo de se

tornar professor de Educação Física e sim de se tornar técnico de uma modalidade esportiva, na qual já tinham uma vivência positiva, o que “povoa” as expectativas dos acadêmicos e profissionais recém-saídos dos cursos de graduação.

Quando inseridos no mercado de trabalho e, isso ocorre até com uma certa facilidade (aceitando o discurso de que trabalho existe e não trabalha quem não quer, esquecendo-se assim sob quais condições se realiza esse trabalho) esses profissionais vão buscar a sua realização pessoal e profissional como técnicos desportivos. O fato de, em grande número, os acadêmicos e futuros profissionais terem sido atletas de certa expressão e desta forma terem como capacidade positiva o “saber fazer”, aguça ainda mais a “esportivização” da Educação Física escolar, no sentido da competição, da busca do pódio, do ser campeão. Pois, a busca do “ser campeão” é um objetivo tão válido em nossa sociedade, que muitos se dispõem a tudo, até mesmo a utilizar processos que contrariem os aspectos formativos e educativos que devem obrigatoriamente fazer parte de qualquer tipo de ato social.

Estas pessoas vêm na perspectiva de se tornarem grandes técnicos a possibilidade de serem socialmente reconhecidos e valorizados, já que o esporte de rendimento é guiado pela mesma lógica de produção do sistema capitalista.

A sociedade capitalista estrutura-se numa hierarquia cuja ideologia dominante é a promoção social, a possibilidade aparente de escalar a pirâmide até o topo. A hierarquia tende a converter-se numa forma pura, aparentemente aberta a todos pelo critério de capacidade individual, mas na realidade oculta a real desigualdade entre os indivíduos. O esporte é a consagração objetiva da hierarquia, o esportista é imediatamente classificado pelo seu valor, estabelecendo o resultado esportivo uma hierarquia visível e indiscutível (Betti, 1991, p.50).

Porém, a dificuldade de se sobreviver como técnico desportivo, a instabilidade no emprego e o retorno salarial que só acontece, em alguns poucos casos dentro do esporte espetáculo, acabam “empurrando” esses profissionais para a função docente. A garantia do emprego é o fator fundamental que encaminha a maior parte dos egressos dos cursos de Educação Física, para atuarem como professores nas escolas, mesmo que isto não seja exatamente o que estes profissionais buscavam e desejavam para suas vidas.

Diversas teses demonstram que, dentre os alunos matriculados nos cursos de Educação Física, pouquíssimos, conjunturalmente, são os que pretendem seguir a profissão no magistério e ser ‘professor’ na acepção da palavra. As pesquisas levadas a efeito nesse sentido, demonstram que a maioria cursa a faculdade visando ocupar espaço operacional à margem do ambiente escolar formal (Steihilber, 1996, p.69).

Assim, a realização torna-se difícil, e muitas vezes as pessoas não sabem o que esperam de sua vida profissional. Isso pode ser sentido no depoimento de uma professora que assim se posicionou:

“Eu acho que em nenhuma, a realidade de hoje, eu já atuei nos dois, como professora de Educação Física em sala de aula, aula, aula... eu não me realizo, o sistema de aula como é dado, como é aplicado, como tem sido aplicado eu acho que precisa mudança urgente, que a gente está ‘matando’ tempo, que a gente dá aquilo por que alguém falou que era para dar, não sabe nem exatamente porque, não tem um objetivo. E como técnica eu também tenho as minhas restrições, já fui técnica e hoje eu me pergunto, porque de equipes, porque tá, ganhou... e daí? Porque de tanto me dedicar, fiquei frustrada com a ‘roubalheira’, sem-vergonhice dentro de equipes, e eu também acho que não vale a pena, eu hoje estou bem voltada para o esporte saúde, para uma atividade visando isso, não me agrada nem a competição, e nem o estilo que está sendo dado em sala de aula.” (P.02)

Pensando no trabalho dentro da escola pública, surge um questionamento, em que momento este profissional se sente realizado? Fugindo de

suas funções e indo trabalhar na área administrativa? Com que aproveitamento de sua formação universitária? Com qual perspectiva? levantamos estes questionamentos, não como forma de crítica, mas para que o próprio profissional e outros que tenham este mesmo pensamento façam uma análise de suas trajetórias profissionais e percebam se não é o momento de um rearranjo em suas carreiras ou até mesmo de buscar nova profissão que lhes possibilite esta realização pessoal.

Também tivemos uma professora, que disse não ter parado ainda para pensar sobre esta questão, ela está formada desde o ano de 1996, e já exercia trabalho dentro do campo da Educação Física durante o seu tempo de acadêmica. Assim fez algumas considerações, concluiu que havia diferença, porém não conseguiu expressar claramente qual o seu campo de realização pessoal. De acordo com Medina, “... a maioria dos profissionais voltados para as atividades do corpo ficam obsessivamente preocupados em arranjar um punhado de procedimentos que permitam dar cabo às suas tarefas e sem tempo para se preocupar em descobrir de forma crítica, o real sentido de suas ações” (1985, p.15).

“Aonde, eu nunca parei para pensar onde eu mais me realizo, ser técnico, eu gosto de iniciação, mas é uma coisa que dá mais assim, dá mais emoção, porque é jogo, é competição, mas, mas qual dos dois, qual é a diferença entre os dois...., é que treinamento, quando você participa de competições você está nos jogos, Educação Física não é sempre assim aquela competição, aquilo lá que você quer ganhar ou perder, mas é participação, é fazer aluno..., é diferente.” (P.17)

Assim, a escolha de uma profissão se faz de maneira quase inconsciente e quando concluído o curso, continua essa jornada de inconsciência,

de trabalho alienado, em que a vida nos “empurra” ao “sabor do vento” e nós ao invés de construirmos a história somos levados por ela.

Os docentes de Educação Física não conseguem de maneira geral serem reconhecidos como profissionais competentes, quando não atuam como técnicos desportivos. A comunidade escolar vê a Educação Física como uma disciplina “fácil” de ser trabalhada e que não envolve grandes responsabilidades. Assim, os professores de Educação Física são vistos como uma classe que pouca contribuição tem a dar para a formação do aluno.

Na entrevistas realizadas com as direções das escolas, essas valorizaram tanto a Educação Física como o treinamento desportivo, mas deram a disciplina de Educação Física um valor maior por compreender que o seu trabalho tem uma maior abrangência social, entretanto quando confrontada a “fala” com as condições objetivas de trabalho e com as interferências sofridas pelos professores, esse discurso perde força e parece sustentar-se apenas na retórica.

Alarmante foi a colocação das direções dos estabelecimentos de ensino que fizeram parte da pesquisa de que os professores de Educação Física, como classe profissional deixam a desejar no trabalho, tendo pouco empenho e responsabilidade no cumprimento de suas tarefas. Isso é sentido pelos próprios professores e fica clarificado na fala de duas professoras;

“Alguns fazem, eles fazem a visão meia separada assim, tem os professores que trabalham mais “puxado”, tem os professores que trabalham mais “light” então conforme os professores que eles conhecem, eles vão fazendo os conceitos, mas de uma maneira geral a nossa aula está na vitrine, então se ela for bem dada a fala é boa e se vêem que aquilo só rola a bola, rola a bola, sempre vai ter um comentário péssimo da área, como se fosse mais fácil da área de trabalhar, então as vezes eles dizem para a gente “ai como

eu gostaria de estar lá fora". Eu sou uma professora que trocaria muitas vezes o ambiente de quadra pela sala de aula, dá para trabalhar "n" coisas na sala de aula, apesar de toda a resistência que o aluno demonstra quando a gente vai trabalhar em sala de aula." (P.15)

"Talvez até como professor na escola, se ele conseguir um padrão na escola, ele tem mais segurança. Eu nunca vi nenhum professor, não só de Educação Física, como outro professor ser mandado embora por incompetência, deu a aula que deu fica, você já viu? Eu nunca vi ninguém(risadas), agora técnico você corre mais o risco, você não ganhou, sua equipe está ruim, você corre mais o risco de ser mandado embora, mas professor por esses motivos eu nunca vi, foi lá e deu aula, marcou presença, tá lá, deu aula tá bom, não deixou os alunos fazerem bagunça, incomodar os outros (risadas)." (P.02)

Este fato vem reforçar nossa argumentação de que realmente, parte significativa dos professores de Educação Física não fizeram opção consciente no momento da escolha da profissão, não gostam da atividade que exercem e apenas não abandonam a atividade docente pela questão da estabilidade do emprego. Assim muitos não conseguem se realizar profissionalmente. Como não é possível dividir a vida pessoal da esfera do trabalho, esses professores tem uma atitude de desrespeito consigo mesmo e com a sua profissão e acabam colaborando para que a imagem da disciplina de Educação Física seja denegrida, o que diretamente afeta o seu valor perante a comunidade escolar.

Fica evidenciado que grande parte dos professores de Educação Física não compreendem claramente a função social da escola e da disciplina, e nem conseguem separar o momento da aula do momento do treinamento.

Os valores inseridos no esporte espetáculo são endeusado pela sociedade, às vezes de maneira até ingênua. Isso ocorre, por serem os mesmos

valores veiculados pela ideologia dominante e classificados como correto e único, tornando-se modelos a serem seguidos.

Vivendo numa realidade que supervaloriza a vitória, nossa tendência é a de não enxergar nada além. Para nós, a vitória (muitas vezes a qualquer preço) passa a ser sinônimo de sucesso na vida. E é exatamente o que ela representa numa sociedade neurótica como a nossa. Tal postura provoca inevitáveis distorções no nosso processo de desenvolvimento social, cultural e educacional. Não é dado ao homem o direito de falhar, de errar, de ser derrotado (Medina, 1985, p.86-7).

O imediatismo é um dos pontos verificados em competições esportivas. Resultados positivos podem trazer para atletas e técnicos vantagens imediatas a nível de emprego, de ganhos salariais e de reconhecimento, porém estas mesmas pessoas ao terem desempenho indesejado (serem derrotados) dentro de uma competição esportiva, têm sua competência colocada em “xeque”, além de terem seus cargos ameaçados.

Este imediatismo é prontamente transferido para a escola. A Educação Física por ser uma disciplina que não prepara para o vestibular, é tida como disciplina de pouca importância, ficando na grade curricular da escola apenas por imposições legais e seus conteúdos acabam servindo para que o aluno “esfrie” um pouco a cabeça e reponha as energias, preparando-se para as aulas tidas como importantes.

A justificativa para os conteúdos escolares não repousa, nem deve repousar, na sua possível pertinência ou utilidade para um exame vestibular ou para uma revolução qualquer, mas simplesmente no fato que cabe a escola inserir os jovens nesse mundo que criamos, que se transforma e que será habitado e transformado por eles (Carvalho, 1996, p.38-9).

Já as equipes de competição da escola, quando se consagram como vencedoras, os seus atletas e técnicos passam a ser merecedores do respeito por parte dos demais professores, funcionários e alunos da escola, pois os

campeões esportivos são na atualidade considerados como autênticos heróis por grande parte da população. Se as equipes fracassarem (não obtiverem vitórias, títulos e medalhas) os atletas e técnicos além de não serem considerados como pessoas competentes, ao disporem do tempo da escola de forma inútil, acabam causando enormes transtornos à escola, pois ao precisarem se ausentar durante o período de competição, o professor/técnico muitas vezes acaba deixando as turmas sem às aulas de Educação Física, ocasionando horário vago, ou necessitando rearranjo temporário no horário escolar. Os demais professores, das outras disciplinas, muitas vezes são obrigados a reverem a matéria bem como fazerem provas e trabalhos de segunda chamada para os alunos/atletas, o que acaba gerando trabalho extra, indesejado para estes professores, jogando o fato contra a própria Educação Física.

O esporte que tem se caracterizado muito mais como meio para vender produtos e pessoas, do que como um fim, tem sido largamente explorado pela imprensa, que “... usa a estrela para poder vender e, ao mesmo tempo, a fábrica” (Betti, 1991, p.51). Desta forma a competição que é um produto mais vendável, acaba colocando na “vitrine” todos os que dela participam, e por isso é reverenciada, ao mesmo tempo em que é explorada pela mídia. Já a disciplina de Educação Física, que ainda não garantiu seu lugar nem na escola, seu local de existência, passa quase sempre despercebida pela imprensa, e é esporadicamente lembrada, pois na lei do capitalismo selvagem, mesmo os piores clientes não devem ser desprezados, apenas recebem um tratamento de menor qualidade.

Não é na verdade, o trabalho realizado dentro do esporte de rendimento nas escolas que dá o reconhecimento ao profissional de Educação Física, esse trabalho em muitas das vezes passa até despercebido pela comunidade escolar. São os resultados conseguidos (não importa de que forma e com a consecução de quais valores) que dão notoriedade ao técnico desportivo. Isso se faz por uma associação ilegítima entre o *esporte escolar* e o *esporte espetáculo*.

A própria formação acadêmica apresenta-se de forma a valorizar a função de técnico desportivo. Os alunos dos cursos de graduação em Educação Física são, em muitas ocasiões, avaliados como atletas e confrontados com os modelos do esporte espetáculo.

A preocupação presente nos cursos de graduação está nas disciplinas técnicas que ocupam em média 50% da grade curricular. Nas disciplinas a ênfase nos aspectos técnico-táticos, na preparação física voltada à competição esportiva e na recuperação de lesões oriundas da participação em confrontos esportivos denunciam a prevalência de conteúdos tecnicistas. Nessas disciplinas, trabalha-se com o esporte limitado as linhas “demarcatórias” das quadras, campos e pistas, como se o esporte fosse elemento neutro sem nenhum envolvimento com a sociedade na qual ele faz parte sendo influenciado e influenciando. As disciplinas formativas mero “enfeite”, ficam por serem obrigatórias, mas os próprios alunos as discriminam e por não terem consciência do seu valor.

Entretanto simplesmente acusar os professores, culpando-os da situação estabelecida, não colabora para que se resolva a questão e que com isso a



Educação Física possa vir a se integrar na escola. O próprio treinamento desportivo pode se beneficiar da existência de uma Educação Física de qualidade que contribua na formação do cidadão.

Entendemos que os professores tenham (alguma) liberdade de escolha apenas na hora de se decidir pelo curso, pois o sistema social vigente, que é injusto e “esmaga” o trabalhador, depois se encarrega de fazer a opção entre a consciência e a necessidade. Em muitos momentos foi possível constatar o entendimento claro que alguns profissionais têm em relação aos problemas da Educação Física, tendo inclusive a resposta para a solução de alguns desses problemas; O que realmente lhes falta é o “poder”, os meios para que se efetuem as mudanças necessárias. Nas palavras de um professor podemos constatar um desses momentos de lucidez, de clareza em relação aos questionamentos sobre a sua atuação profissional. Esse professor assim se posiciona em relação ao reconhecimento profissional;

“Eu acho que o professor deveria ser maior, mas acho que não é, não é nem pela escola, nem pelos diretores, nem mesmo pelos profissionais, até mesmo porque a gente é desacreditado como profissional. Na parte técnica é aquela história, a gente só é bom se ganha, na verdade o técnico, ele vive de resultados, ele pode ser um péssimo profissional, uma péssima pessoa, se ele estiver ganhando os jogos ele vai ser sempre um bom técnico.” (P.08)

É preciso reconhecer também a crise pela qual atravessa o professor, advinda da desvalorização da profissão, desvalorização social e econômica, que contrasta com a crescente valorização das atividades físicas fora das escolas (academia, esportes radicais, *personal trainner* etc.) o que concorre para a desmotivação do professor de Educação Física.



É preciso também evidenciar que as “falhas” que ocorrem durante o ato pedagógico, não são sempre ocasionadas por má fé. O profissional quer mudar, quer melhorar, mas fica confuso entre as várias abordagens que permeiam a disciplina e, sem o conhecimento necessário, às vezes faz com que ocorram diferenças entre o pensar e o agir. O próprio sistema que teme a Educação, estrutura-se de forma a acomodar o profissional, para depois criticá-lo e desvalorizá-lo. Presos a toda uma “engrenagem”, os profissionais de Educação Física sofrem com as críticas e não conseguem estruturar-se para buscar a superação dessa situação.

Assim, buscar o conhecimento para a elevação da consciência é de suma importância. Mas é necessário também aos professores que participem em movimentos de classe, associações de bairros, que se insiram na vida política e aqui estamos falando da política partidária como a única forma de modificarmos o que está posto. É necessário ter a consciência individual e formar a consciência coletiva, mas é preciso ter o poder político e econômico para que se processem as mudanças necessárias. Como vamos conseguir isto sendo uma classe subalterna que é “esfolada” pelos patrões que detêm o capital é um questionamento que fica a ser respondido em outra ocasião, no momento nos limitamos a levantar os problemas e a indicar talvez algumas pistas.

Esperamos poder ter colaborado para que muitos frutos emergjam a partir da análise realizada. Que nossa contribuição seja suficiente para lançar reflexões e desejos de mudança na disciplina de Educação Física, para que esta, em parceria com as demais disciplinas escolares, contribuam para que se alcance a

tão almejada cidadania do educando, proposta “maior” da escola atual. Desejamos que a Educação Física possa realmente se legitimar a partir do momento em que traga para a sala de aula os conteúdos essenciais do saber sistematizado.

Temos clareza, hoje, de algumas limitações presentes nesse trabalho: é preciso ampliar e aprofundar o estudo das questões inerentes ao problema em questão. Para isso precisamos ampliar o conhecimento sobre as formas de produção de nossa sociedade e as implicações disso para toda uma população, de modo a gerar conhecimentos que nos permitam de maneira concreta posicionarmo-nos frente a essa situação. No momento, de forma provisória, foi o que conseguimos desvendar sobre a relação de valores estabelecidas entre a Educação Física escolar e os esportes e as consequências decorrentes disso.

Universidade Gama Filho, p. 73-127, 1994.

BRACHT, V. *Educação Física e Apropriação Social*. Porto Alegre: Movimento, 1992, 123p.

_____. *O Esporte como Conhecimento Hegemônico nas Aulas de Educação Física nas Escolas de Segundo Grau*. In: Encontro de Professores de Educação Física das Escolas Técnicas Federais, 1, 1995, Ouro Preto. Anais. Ouro Preto: CEFPEL, 1995, p.1-8.

_____. *Sociologia crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997, 133p. (Coleção Gnosis, 8)

BRAMANTE, A. C. *Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos*. In: GEBARA, A. *Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992, cap. 1, p. 161-70.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Educação Física e Desportos. *Normas orientadoras - Implantação do Decreto n. 69.450/71, de 1 nov. 1971*. Diário Oficial, Brasília, 2.ed, junho, 1973b, p.39-46.

BRASIL. Decreto-lei n. 9.613, 24 mar. 1978. Institui normas gerais sobre o desporto e de outras providências. Diário Oficial, Brasília, n 57, p. 1-7, 1978. Seção 1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, M.L. de A., MARTINS, M.H.P. *Filosofando: Introdução a Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1995, 393p.
- BETTI, I.C.R. O que ensinar: a perspectiva discente. *Rev. Paul. Educ. Fis.* São Paulo: supl. I, p.27-30, 1995.
- BETTI, M. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991, 184p.
- _____. Perspectivas na Formação Profissional. In: GEBARA, A. *Educação Física & Esportes perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992, cap.2, p.239-54.
- _____. Cultura Corporal e Cultura Esportiva. *Rev. Paul. Educ. Fis.* São Paulo: v.7, p.44-51, 1993.
- _____. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis: Rev. de divulgação científica do Mestrado e Doutorado em Educ. Fis.* v.1, n.1, Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, p.73-127, 1994.
- BRACHT, V. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister, 1992, 122p.
- _____. *O Esporte como Conteúdo Hegemônico nas Aulas de Educação Física nas Escolas de Segundo Graus*. In: Encontro de Professores de Educação Física das Escolas Técnicas Federais, 1, 1995, Ouro Preto. Anais...Ouro Preto: CEFET, 1995. p.1-5.
- _____. *Sociologia crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportes, 1997, 133p. (Coleção Gnosis; 8)
- BRAMANTE, A. C. Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos. In: GEBARA, A. *Educação Física & Esportes perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992, cap.1, p.161-79.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Educação Física e Desportos. Normas orientadoras – Implantação do Decreto n. 69.450/71, de 1 nov. 1971. *Diário Oficial*, Brasília, 2.ed, junho, 1973b, p.39-46.
- BRASIL. Decreto-lei n. 9.615, 24 mar. 1998. Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências. *Diário Oficial*, Brasília, n.57, p. 1-7, 1988. Seção 1.

- BRASIL. Decreto-lei n. 9.696, 1 set. 1998. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. *Diário Oficial*, Brasília, n.168, p.1, 1998. Seção 1.
- BRAVERMAN, H. *Trabalho e Capital Monopolista*. 3. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987, 379p.
- BRUNHS, H. T. Metodologia da pesquisa na área de estudos de lazer - Análise de um conteúdo programático. *Motrivivência*, ano v.5, 6 e 7, 1994.
- CARDOSO, O. M. *Educação Física no CEFET-UNED de Pato Branco: Visão dos Alunos do Curso de Edificações*. Pato Branco: Centro Federal de Educação Tecnológica – Unidade de Pato Branco, 1995, 20p. (Mimeogr.).
- CARMO, A.A. Educação Física: uma desordem para manter a ordem. In: OLIVEIRA, V. M. de. (org.) *Fundamentos pedagógicos da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987, p.41-7, (Coleção Fundamentos Pedagógicos 2).
- CARMO, P.S. do. *A Ideologia do Trabalho*. 5.ed. São Paulo: Moderna, 1992, 88p. (Coleção Polêmica).
- CARVALHO, J.S.F. de. Algumas reflexões sobre o papel da Escola de 2º Grau. *Rev. paul. Educ. Fis.* São Paulo: Supl.2, p.36-9, 1996.
- CASTELLANI FILHO, L. Atividades Corporais: Fenômeno Cultural. In: BRUNHS, H.T. *Conversando sobre o corpo*. Campinas: Papirus, 1985, p.99-106.
- _____. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988, 222p.
- _____. considerações acerca do conhecimento (re) conhecido pela Educação Física Escolar. *Rev. Paul. Educ. Fis.* São Paulo: supl. 1, p.10-7, 1995.
- CEDAC- Centro de Ação Comunitária. FREIRE, P. (Apres.). *O Trabalho, a Mercadoria*. São Paulo: Loyola, 1980, 109p.
- CORDI, C. et al. Cidadania e Política. In: ____ *Para Filosofar*. São Paulo: Scipione, 1995, p.132-70.
- CORTELA, M.S. Educação e cidadania: algumas heresias. *Rev. paul. Educ. Fis.* São Paulo: supl.1, p.4-6, 1995.

- CUNHA, D.A. *As Utopias da Educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, 79p.
- DAOLIO, J. A Representação do Trabalho do Professor de Educação Física na Escola: do Corpo Matéria-prima ao Corpo Cidadão. *Rev. Bras. de Ciên. do Esp.* v.15, p.181-6, 1994.
- _____. Educação a Partir do Movimento. *Rev. Paul. Educ. Fis.* São Paulo: supl.1, p. 40-44, 1995.
- _____. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. *Rev. Paul. Educ. Fis.* São Paulo: supl.2, p.40-2, 1996.
- DEMO, P. Sociedade Provisória – Perspectivas de uma Metodologia Processual Dialética. In: _____. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1981, p.112-99.
- DIAS PEDROSO, G. Educação Física Escolar: Jogo Educativo e Jogo Competitivo (O caso dos “JEM” – Jogos Estudantis Municipais de Ponta Grossa- PR). Curitiba, 1995. 111p. Dissertação de Mestrado (Educação Física Escolar) – Universidade Federal do Paraná.
- ESTEVE, J.M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. et al. *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991, p.93-124.
- FINCK, S.C.M. *Educação Física e Esportes: uma visão na Escola Pública*. Piracicaba, 1995, 138p. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Universidade Metodista de Piracicaba.
- FREIRE, J. B. *Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1989, 223p. (Coleção Pensamento e ação no Magistério).
- FREIRE, P. *Educação e Mudança*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, 79p.
- _____. Entrevista: Crítico, Radical e Otimista. *Rev. Presença Pedagógica*, Belo Horizonte: jan/fev, ano 1, v.1, 1995, p.5-12.
- FREITAS, F.M. de C. Educação Contra Quem? In: OLIVEIRA, V.M. (org.), FARIAS JUNIOR, A. G. (coord.). *Fundamentos pedagógicos da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987, p.96-109.
- FRIEDMANN, G. *O trabalho em migalhas*. São Paulo: Perspectiva, 1972. 1v.
- GADOTTI, M. *Escola Cidadã: uma aula sobre a autonomia da Escola*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1992, 78p.

- GEBARA, A. Educação Física: Tempo e Historiografia. In Anais do Simpósio de Educação Física, 2, 1989, Rio Claro: Anais...Rio Claro, UNESP, p.30-6.
- GHIRALDELLI JUNIOR, P. *Educação Física Progressista: A pedagogia crítico-social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1991. 63p.
- GODOY, J.F.R. de. Educação Física não escolar. In: PICOLLO, V.L.N. *Educação Física Escolar: ser... ou não Ter?* 3.ed. Campinas: UNICAMP, 1995, p.29-47. (Série Pesquisas).
- GOEDER, R.T. A inserção da Educação Física na proposta político-pedagógica da Escola e sua participação na estruturação curricular: possibilidades e limites. *Rev. Bras. de Ciênc. do Esp.* v.21, p.221-6, 1999,
- GONZALEZ, F.J. As disciplinas esportivas na formação superior: o que aprender e ensinar? *Rev. Bras. de Ciênc. do Esp.* v. 21, p.585-92, 1999.
- KUNZ, E. As Dimensões Inumanas do Esporte de Rendimento. In: *Transformação Didático Pedagógica do Esporte*. 1.ed. Ijuí: Unijuí, 1994, p.43-56.
- _____. et al. Novas Diretrizes Curriculares Para os Cursos de Graduação em Educação Física: Justificativas – Proposições – Argumentações. *Rev. Bras. de Ciên. do Esp.* v.20, p.37- 47, 1999.
- LIBÂNEO, J.C. *A democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 9.ed. São Paulo: Loyola, 1990, 149 p.
- LIMA, J.R.P. de. Caracterização acadêmica e profissional da Educação Física. *Rev. Paul. Educ. Fis.* v.8, n.2, p.54-67, 1994.
- LOPES, M.I. de S. Acelerado marche! ... prá onde? In: BRUHNS, H.T. (org.) *Conversando sobre o Corpo*. Campinas: Papirus, 1984, p.85-95.
- MANZINI-COVRE, M. de L. *O que é Cidadania*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, 78p. (Coleção Primeiros Passos).
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e Humanização*. Campinas: Papirus, 1983, 80p. (Coleção Krisis).
- _____. Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia? In: GEBARA, A. *Educação Física & Esportes perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992, cap.2, p.181-96.



- MCHCOVITCH, L.G. *Gramsci e a Escola*. São Paulo: Brasiliense, 1988, 80p. (Série Princípios).
- MEDINA, J.P.S. *A Educação Física cuida do corpo ... e "mente"*. 4.ed. Campinas: Papirus, 1985, 92p. (Coleção Krisis).
- _____. *O Brasileiro e seu Corpo*. 2.ed. Campinas: Papirus, 1990, 135p.
- MINAYO, M.C. de S. (org.) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994, 80p.
- MOREIRA, W.W. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. In: GEBARA A *Educação Física & Esportes perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992, cap.1, p.199-210.
- _____. Educação Física Escolar: A Busca da Relevância. In PICOLLO, V.L.N. (org.). *Educação Física Escolar: ser... ou não ter?* 3.ed. Campinas: Unicamp, 1995, p. 15-27. (Série Pesquisas).
- MORENO, A. *Educação Física: de que profissão e de que profissional se fala? ... com a palavra professores e alunos*. Rio de Janeiro: 1996. 245p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- NEGRINE, A., GAUER, R.M.C. Os Jogos Escolares. In: ____ *Educação Física e Desportos uma visão pedagógica e antropológica*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1990, p.98-108.
- NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. et al. *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991, p.9-32.
- NUNES, M.R. Esporte: instrumento de dominação pedagógica. In: DIEGUES, G.C. (org.). *Esporte e poder*. Petrópolis: Vozes, 1985, p.69-77. (Coleção Debates Culturais 2).
- OLIVEIRA, V.M. de. *Educação Física Humanista*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985, 94p.
- _____. *O que é Educação Física*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990, 108p. (Coleção Primeiros Passos).
- PAES, R.R. *Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol*. 3.ed. Campinas: UNICAMP, 1997, 138p. (Série Teses).



- PAIVA, V. Estado e educação popular: recolocando o problema. In: BRANDÃO, C.R. (org.) *A questão Política da Educação Popular*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.79-87.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania. *A Cidadania ao alcance de todos*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994, 47p.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. *Projeto de Correção de Fluxo*. Cad. de Educação Física 1; Versão preliminar. Curitiba: 1998, 98p.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. *Projeto de Correção de Fluxo*. Cad. de Educação Física 2; Versão preliminar. Curitiba: 1998, 56p.
- PELLEGRINOTTI, I.L. Educação Física no 2º Grau: novas perspectivas. In: PICOLLO, V.L.N. (org.) *Educação Física Escolar: ser ... ou não Ter?* 3ed. Campinas: UNICAMP, 1995, p.107-15. (Série Pesquisas).
- POLES, C. "Aprenda a ficar à toa". Rev. *Claudia*. P. 35-7.
- QUEIRÓZ, M.I.P. Histórias de vidas de depoimentos pessoais. In: PEREIRA, L.M.L. *Relatos orais em Ciências Sociais: limites e potenciais*. Belo Horizonte: Anal & Conjuntura, 1991, set./dez, n.3, v.6.
- REIS, H. F. F. dos. A Camuflagem do Lazer. In: ENCONTRO NACIONAL DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, II, 1994, Ponta Grossa. Coletânea ... Ponta Grossa: DEF/UEPG – FEF/UNICAMP, 1984. p.411-21.
- SACRISTÁN, J.G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. et al. *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991, p.61-92.
- SANTIM, S. Reflexões filosóficas sobre a Educação Física. In: ____ *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Unijuí, 1987, p.21-8.
- SAVIANI, D. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1983, 104p.
- SCHÖN, D.A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p.77-92.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. 19. Ed. São Paulo: Cortez, 1993, 252p.

- SILVA, E.O. da. O Esporte como filão publicitário. In: DIEGUES, G.C. (org.). *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985, p.40-50. (Coleção Debates Culturais 2).
- SILVA, J.G., CAPELA, P.R. dos S. Construindo o cenário do neoliberalismo: reflexões sobre o contexto de origem da LDB e PCNs. *Rev. Bras. de Ciênc. do Esp.* v.21, p.260-72, 1999.
- SILVA, S.A.I. *Valores em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1986, 143p.
- SILVA, T.T. da, *Identidades Terminais*, Petrópolis: Vozes, 1996, 276p.
- SOARES, C.L. et al. *Metodologia da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992, 114p.
- SOUZA, E. S. de, VAGO, T. M. O Ensino da Educação Física em Face da Nova LDB. In: CBCE (org.). *Educação Física Escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf, 1997, p120-40.
- STEINHILBER, J. *Profissional de Educação Física existe*. Rio de Janeiro: Sprint, 1996, 170p.
- TOJAL, J.B. *Curriculo de Graduação em Educação Física: a busca de um modelo*. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1995, 98p.
- TOLKMITT, V.M. Educação Física: Pressupostos Teóricos. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de 1º Grau. *Curriculo Básico Para a Escola Pública do Paraná*. Curitiba: 1990, p175-88 .
- TUBINO, M. S. *Teoria geral do Esporte*. São Paulo: IBRASA, 1987. 80p.
- VAGO, T.M. Educação Física Escolar: temos o que ensinar. *Rev. Paul. Educ. Fis.* São Paulo: supl.1, p.20-4, 1995.
- _____. O “Esporte na Escola” e o “Esporte da Escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. *Rev. Mov.* n.5, ano 3, p.4-17, 1996/2.
- VALE, J.M.F.do. *Educação Popular: Um Desafio Conceitual, Educacional e Político*, In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 6, 1991, São Paulo. p.1-6.
- _____. *Educação Urgente: Para quê?* Nuances, v.3, Set., 1997 p.20-22.

VASCONCELLOS, C. dos S. *Construção do Conhecimento em Sala de aula*. São Paulo: Libertad, 1993, 108p.

VÁZQUEZ, A.S. Objetivos da Ética. In: _____. *Ética*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p.5-48.

_____. Os valores. In: _____. *Ética*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p.115-52.

VIEIRA, S.L. *Neoliberalismo, privatização e educação no Brasil*. In: ENCONTRO ANUAL DA SOCIEDADE INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO. 39, 1995, Boston. p.27-55.

VIEIRA, A. P. Representações acerca do lazer, trabalho e qualidade de vida no âmbito universitário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11, 1999, Florianópolis. *Anais ...* Florianópolis, 1999, p.319-26.

VIEIRA, A. P. Qualidade de vida universitária: em foco espaços e equipamentos de lazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11, 1999, Florianópolis. *Anais ...* Florianópolis, 1999, p.721-7.

Anexo A – Roteiro da entrevista com os professores de Educação Física e técnicos desportivos que atuam no Ensino Fundamental e Médio nas Escolas Públicas da cidade de Pato Branco.

Questões:

1. Porque você escolheu o curso de Educação Física ?
2. Onde você pretendia trabalhar após concluir o curso ?
3. Onde você efetivamente conseguiu trabalhar após concluir o curso de Educação Física ? Quanto tempo você demorou para conseguir empregar-se após concluir o curso ?
4. Qual a sua opinião sobre o curso de graduação em Educação Física, que você cursou ?
5. Você encontra boas condições (Material, locais) de trabalho, para as aulas de Educação física?
6. Entre trabalhar como professor de Educação Física e técnico desportivo onde você encontra mais:
 - Realização pessoal. Por quê ?
 - Segurança. Por quê ?
 - Reconhecimento profissional. Por quê ?
 - Retorno financeiro. Por quê
7. Como a Educação Física é vista pelas pessoas em geral na sua Escola?
8. Como o treinamento desportivo é visto em geral pelas pessoas na sua Escola?
9. Você é freqüentemente solicitado em sua aula para realizar atividades extra classes (danças, teatros, comemorações). A que você atribui isto?

Anexo B – Roteiro da entrevista com os diretores das Escolas Públicas do Ensino Fundamental e Médio da Cidade de Pato Branco

1. Na sua opinião, qual a importância da Educação Física na sua Escola ?
2. Na sua opinião, qual a importância do treinamento esportivo na sua Escola ?
3. Na sua visão, o que é ser um bom técnico esportivo ?
4. Na sua visão, o que é ser um bom professor de Educação Física ?
5. Qual a diferença entre um professor de Educação Física e um técnico esportivo ?

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade compreender a relação de valor que se estabelece entre o professor de Educação Física e o técnico desportivo que atuam na escola pública. Optamos por realizar a pesquisa na cidade de Pato Branco – PR, local de trabalho do próprio autor. Para dar conta da problemática em questão, recorreremos em um primeiro momento a literatura a fim de compreender como a Educação Física instalou-se na escola e como ela foi se desenvolvendo ao longo da história até chegar ao momento atual quando o esporte torna-se seu conteúdo hegemônico, a ponto de ser confundido com a própria disciplina, subjugando-a. Buscamos também saber quais os valores estão inseridos na Educação Física escolar e no esporte, e quais desses valores são legitimados pela sociedade capitalista em vigência. Para a elucidação dessa questão em um segundo momento, teve-se como referência a “voz” dos próprios profissionais de Educação Física que atuam na escola pública, bem como das direções dos estabelecimentos de ensino que foram selecionados para a pesquisa. Privilegiar a “voz” das pessoas diretamente envolvidas com a questão, partiu da idéia de que a forma como um indivíduo vê a sociedade e como ele é visto por ela pode explicar os valores embutidos na sua conduta pessoal e profissional. Buscamos saber como cada uma dessas pessoas viam a Educação Física e o treinamento desportivo. Quais eram os objetivos e valores contidos em cada uma dessas esferas de trabalho dos profissionais de Educação que contribuíam ou não para que a sociedade os legitimasse e se esses mesmos profissionais pela sua forma de

atuação, estavam à disposição de um projeto de transformação da sociedade ou de consolidação do *status quo*.

Palavras-chaves: Educação; Educação Física; técnico desportivo; professor, escola.



ABSTRACT

The present study has as its main scope understand the relation of value that is established between the Physical Education teacher and the trainer in activity at public schools. The researcher decided to develop this study in Pato Branco – PR, where he works. As a point of departure, the author went through the literature concerning the introduction of Physical Education in schools and its development along the history until the present time, when the sport becomes its own hegemonic content, even being mistaken for its own discipline, subduing it. It was also necessary to investigate what values are embedded in Physical Education at school and at sports, and moreover, which of these values are legitimated by the actual capitalist society. The next point of this study was to gather information for further reference, listening to the “voice” of Physical Education teachers and principals of the selected educational institutions. This step derived from the idea that the testimony of people who are really involved in the process, may indicate how the individual sees society and how s/he is seen by it, and may explain the embedded values in her/his personal and professional behavior. Furthermore, the author investigated on how each one of the above mentioned people perceived Physical Education and sport training. It included questioning Physical Educational professionals, who might be contributing or not for their legitimacy in society, about the objectives and values enclosed in each sphere. And finally, whether these professionals, according to their way of acting, were available for any project of society transformation or of *status quo* consolidation.

Keywords: Education; Physical Education; trainer; teachers, school.



